

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

MORADAS DA MEMÓRIA:
a construção de um museu na casa de Gilberto Freyre

RODRIGO ALVES RIBEIRO

FORTALEZA
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

MORADAS DA MEMÓRIA:
a construção de um museu na casa de Gilberto Freyre

RODRIGO ALVES RIBEIRO

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade
Federal do Ceará – UFC,
como requisito parcial a
obtenção do título de Mestre
em História Social.

FORTALEZA
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
UFC
(Orientador)

Prof. Dr. Mário Chagas
UNIRIO
(Membro)

Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho
UFC
(Membro)

Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelas bolsas sanduíche e integral. A primeira me permitiu a realização de créditos e pesquisas nos arquivos e bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, a segunda, possibilitou-me o êxito e a finalização deste trabalho.

Aos Professores Doutores Silvia Lara, Sidney Chalhoub, Robert Slenes e Jefferson Cano, pela boa recepção e auxílio durante a minha estada na UNICAMP.

Às secretárias do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura – CECULT/UNICAMP, Flávia Peral e Luciana Barbosa, pelo profissionalismo e assistência constantes.

Ao Prof. Dr. Jorge Coli pelo trabalho atento na disciplina Seminário de Grupo Temático: História da Arte, ministrada no Museu de Arte São Paulo – MASP.

Ao Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos pela serenidade e paciência na orientação. Historiador atento aos pormenores da memória e do museu: graças à sua perspicácia pude organizar idéias e dados dispersos no mundo colecionista de Gilberto Freyre.

À Prof^a Dr^a Meize Lucas pela atenção dedicada durante a disciplina Seminário de Dissertação: Cultura e Poder. À historiadora Meize Lucas o meu respeito e afeto.

Ao Prof. Dr. Eurípedes Funes pelos livros emprestados, pela confiança e atenção.

Ao Prof. Dr. Almir Leal pelos livros emprestados e pelo respeito para com a história da velha Recife.

À Prof^a Dr^a Kênia Sousa Rios pelas sugestões e indicações durante o exame de qualificação. Leitora atenta de um texto em elaboração.

Ao Prof. Dr. Ernani Furtado Filho por demonstrar respeito a este trabalho e pela postura tranqüila durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Ms. Francisco de Assis Oliveira pela palavra amiga nos dias turbulentos, pela preocupação e salvaguarda dos meus livros e documentos em sua sala “diminuta”.

À Regina Jucá pela amizade. À Regina o meu carinho.

À Silvia Lima pela compreensão e amizade. À Silvia o meu afeto.

À Yacê Carleial pelo gosto em João Cabral de Melo Neto. Obrigado pela amizade sincera, bom senso e serenidade.

À Elaine do Santos pelas conversas várias. Diálogos sempre pautados no respeito e na alegria. Sem Elaine esta dissertação não se enriqueceria com as imagens da casa-museu de Apipucos.

À Manuella Falcão, Manu, pelos dias de significativas trocas no bojo de uma amizade que hoje se encontra velada.

À Fátima Quintas pelos primeiros incentivos.

Ao Prof. Dr. Sebastião Vila Nova pela crença nos novos freyrianos.

À Maria Lúcia Pallares-Burke e Peter Burke pelas conversas e motivações.

À Germana Kaecher pela dedicação.

À Patrícia Knaip e Eliane Nóbrega pela paciência.

Aos amigos Augusto Acioly e Cinthia Barbosa pela torcida. Amigos do peito.

Aos amigos Luís Alexandre e Débora Virgínia pelo cuidado. Amigos da eterna lembrança.

À Adriana Rocha pela cumplicidade.

À Terezinha Drummond, Tereza!, pela solidez da amizade. Obrigado pelo ombro amigo. Obrigado pelas palavras maternas. Obrigado, obrigado, obrigado...

À Vilani pela amizade, alegria e atenta revisão textual.

À Michelle Ferreira Maia pela acolhida na morada dos sonhos.

À Helena Almeida e Eduardo André pelos dias de teto e comida.

À Cristina Holanda pela atenção constante. À jovem historiadora, o meu respeito solene.

Ao historiador Antonio Luiz pela conversa proveitosa sobre o exercício da alteridade.

À Aureniza Silva pelos dias de descontração e auxílio técnico.

A Paulo César por demonstrar que a vida pode ser mais leve.

Aos amigos Eduardo Nogueira e Isac do Vale pelos risos nos momentos de angústia. A vocês devoto o meu respeito.

A Tácito Rolim pelas boas dicas no trato da língua inglesa. A Tácito pelas idéias e boas piadas trocadas.

À Lidiane Alencar pela generosidade. Sempre solícita e cuidadosa. Obrigado pela amizade!

A Fábio André pelos conselhos e atenção.

À Carla Silvino pelos dias de aprendizado.

À Soraya e Emília pela torcida amiga.

À Lucélia Andrade pela dedicação na montagem das ilustrações desta dissertação. O seu auxílio foi de grande valor.

À Isabelle, Elineuza e Augusto pela atenção nos dias de pesquisa no Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC, da Universidade Federal do Ceará – UFC. Sempre atenciosos.

À Dona Telma pela atenção profissional nos momentos mais intensos de escrita deste trabalho.

À Estela Leleu, responsável pelo arquivo documental da 5ª Superintendência do IPHAN em Pernambuco, pelo respeito para com os registros dos patrimônios arquitetônico e paisagístico pernambucanos. Funcionária atenta e cuidadosa com os pesquisadores.

À Aruza Holanda e equipe pelo auxílio durante as minhas pesquisas na biblioteca do Instituto Ricardo Brennand em Recife.

Agradeço e dedico este trabalho

À vovó. Absoluta.

A vovô pelo valor da tolerância.

À minha mãe. Mulher digna.

À tia Lucy pela luz.

À tia Nalva pela serenidade.

À Rafaela, minha irmã, pelo amor que lhe devoto.

A tio Rivaldo. Mecenaz dos Ribeiro.

Ao Profº Edson Nery da Fonseca. Um humanista humano.

À D. Sonia Freyre pela amizade, o respeito e o direito de sonhar.

Resumo

A propriedade de Gilberto Freyre (1900-1987), situada no bairro de Apipucos, subúrbio da capital do Estado de Pernambuco, adquiriu a qualidade de Patrimônio Nacional Brasileiro, em 1988. Residindo por mais de quarenta anos na casa de Apipucos, Gilberto Freyre, paulatinamente, acumulou objetos e sentidos como forma de delinear as suas ancestralidade e intelectualidade. Frente a este colecionismo, o presente trabalho procura compreender a construção, historicamente situada, de uma memória particular e ao mesmo tempo coletiva, gestada nas dependências de uma construção de época.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Apipucos, casa, colecionismo.

Abstract

The writer's property was situated in Apipucos, a suburban area of the state capital of Pernambuco. It acquired the status of Brazilian national patrimony in 1988. Having lived for more than 40 years in his house in Apipucos, Gilberto Freyre (1900-1987), collected, little by little, objects and senses as a way of delineating his ancestrally and intellectuality. This way, the house in Apipucos, is marked by the collectionism. By memory wish, facing such panorama, the present research aimed at understanding the construction, situated historical, of a particular memory, with collective intention and managed inside a time construction space, from where a "memory place is born".

Key words: Gilberto Freyre, Apipucos, house, collectivism.

Sumário

Agradecimentos.....	ii
Introdução.....	05
I – Capítulo: Além e aquém da morte.....	14
1.1 – Entre a morte e a vida.....	14
1.2 – A casa é patrimônio.....	32
1.3 – Gilberto Freyre e o SPHAN.....	42
II – CAPÍTULO: Em torno de Apipucos.....	59
2.1 – “Apipucos: que há num nome?”.....	59
2.2 – Colecionando a Natureza.....	80
III – Capítulo: Entre a casa e o museu.....	96
3.1 – A idéia de museu segundo Gilberto Freyre.....	96
3.2 – Salas, quarto e gabinete.....	114
3.3 – Formação das coleções.....	144
Considerações Finais.....	168
Fontes.....	171
Bibliografia.....	174
Obras de Gilberto Freyre consultadas.....	180
Anexos (Plantas da estrutura da Casa-Museu de Apipucos).....	182

Introdução

Compreender o tempo 'é essencialmente dar provas de reversibilidade'. Nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para, além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual. Com efeito, a grande diferença é que a criança – não obstante às pressões do ambiente exterior – forma em grande parte a sua memória pessoal, enquanto a memória social histórica recebe os seus dados da tradição e do ensino, aproximando-se, porém, do passado coletivo [...] enquanto construção organizada [...]¹.

Jacques Le Goff

A casa-museu de Gilberto Freyre pode externar uma narrativa e ser uma linguagem rica em apelo autobiográfico². Ao declarar a sua vontade de memória, Freyre ergue um complexo patrimonial munido de intenções e propósitos. Um complexo justificado no passado e pelo passado³.

A autobiografia, segundo Philippe Lejeune, configura-se via o “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando põe o acento em sua vida individual, concretamente na história de sua

¹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad.: Bernardo Leitão, [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.210.

² Bella Jozef, diz que os estudos em torno da autobiografia demandam de um nível relevante de consciência histórica. No caso de Gilberto Freyre, a consciência histórica que ele cultivava era demasiado elevada. Para que a consciência histórica, promotora da autobiografia, marque presença, o indivíduo que se autobiografa tem de mostrar identificação com aquilo que narra, embora haja a possibilidade dos fatos, capazes de articular a construção da narrativa, serem questionados na consistência de sua veracidade. Vide JOZEF, Bella. (Auto)biografia: os territórios da memória e da história. In: *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998, pp.296-297. (Coleção Momento).

³ “[...] o passado não é simplesmente aquilo que passou e sim um saber que se faz nas disputas de posições conflitantes e interessadas em criar certas legitimidades no presente e a partir do presente, compondo seleções que pretendem seduzir o futuro, e, como se sabe, a sedução sempre usa artifícios inconfessáveis, insondáveis até mesmo para o próprio sedutor”. Cf. RAMOS, Francisco Régis Lopes. ‘Esquecer para lembrar, lembrar para esquecer’. In: SOUSA, Eusébio de. *Os monumentos do Estado do Ceará: referência histórico-descritiva*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p. 17.

personalidade.”⁴ Na dimensão freyriana de autobiografia, a casa figura como um segundo elemento frente ao arranjo da prosa. Freyre, contudo, delimita com exatidão o recorte mais conhecido de sua vida pública para a ornamentação autobiográfica por ele desejada: o de um homem casado e consagrado como escritor.

Freyre, em 1985, resolve transformar a propriedade, na qual seus filhos e netos cresceram, em Fundação. Para tanto, parentes e amigos procuraram materializar o desejo do escritor das saudades. Freyre procurou manter distância do silêncio do passado. Fez de Apipucos, o subúrbio maior, motivo de contemplação e dedicação intelectual. Freyre transformou Apipucos num recurso biográfico; num píer que aponta para as origens ancestrais. Fez do Recife a alegoria de sua memória.

Ao mesmo tempo em que eu lia os ensaios do autor de *Casa-Grande & Senzala* e observava a casa de Apipucos, pude perceber que havia uma relação estreita entre a morada e a literatura de Gilberto Freyre. Mesmo constatando tamanha analogia, as minhas idéias não se mostravam no início providas de alguma organização, dada a amplitude da obra freyriana.

Como monitor da Fundação Gilberto Freyre, a partir de 2001, passei a lidar com visitantes e pesquisadores providos dos mais distintos interesses. Em especial, os alunos do curso de design voltados ao conjunto mobiliário da casa-museu. No entanto, pesquisas de acervo que contribuíssem de forma satisfatória aos interesses básicos do público e da própria instituição quase inexistiam. Foi em virtude da ausência de informações, muitas vezes primárias, relacionadas aos objetos colecionados por Gilberto Freyre, que resolvi elaborar um projeto com o fim de levantar dados. Mas, por questões diversas e adversas, não foi possível executar o projeto inicial.

O objetivo do presente trabalho não é elaborar um dossiê sobre o acervo da casa-museu de Gilberto Freyre. O intento é compreender a historicidade de uma memória particular, construída pela ação do intelectual que buscou definir uma orientação ao pensamento patrimonialista nacional. Um intelectual cioso pelo passado e receoso em relação ao progresso. Atitude manifestada na composição da casa-museu de Apipucos, dado o acúmulo de

⁴ Lejeune, Philippe *Apud* JOSEF, Bella. *Op. Cit.* (1998), pp. 296-297.

objetos que marcaram, ou sugerem registrar, a passagem de gerações. Portanto, a preocupação de Freyre com a cultura material instigou-lhe a vontade de “reconstituir” um passado – o de seus avós – residente num açucareiro de prata lavrada ou numa cadeira de vinhático, por exemplo.

Essa preocupação de Freyre estimulou no historiador inglês Peter Burke⁵ o desejo de estudar a utilização da cultura material pelo autor de *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*⁶, para decifrar os códigos sociais do Nordeste açucarocrático.

A minha proposta procura articular os livros de Gilberto Freyre com a casa na qual residira com a sua família por mais de quarenta anos. A articulação desejada toma por referência a descrição da cultura material contida nos escritos freyrianos que ganharam concretude no espaço interno da casa de sítio de 1881. Hoje, sob a guarda da Fundação Gilberto Freyre, a casa-museu imprime a lógica memorialista em suas composições arquitetônica e “decorativa”. Cumpre observar que muitas das minhas afirmações sobre a casa

⁵ BURKE, Peter. ‘A cultura material na obra de Gilberto Freyre’. In: *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil/UniverCidade/Fundação Roberto Marinho/Topbooks, 2001, pp. 55-70. Esta publicação resultou do Seminário Gilberto Freyre: patrimônio brasileiro, em comemoração ao centenário de nascimento do escritor, realizado de 14 a 17 de agosto de 2000 em diferentes espaços culturais: 14/08/00 na Academia Brasileira de Letras, 15/08/00 na UniverCidade, 16/08/00 na *Folha de São Paulo* e 17/08/00 na Universidade de São Paulo – USP. A coletânea de artigos foi organizada por Joaquim Falcão e Rosa Maria Barboza de Araújo. Nesta coletânea, Peter Burke publicou o artigo ‘A Cultura Material na obra de Gilberto Freyre’. No corpo do artigo, pontua Burke: “Uma das características mais marcantes da obra de Gilberto Freyre como historiador social era sua preocupação com o que – seguindo o exemplo dos arqueólogos e dos antropólogos – viemos a denominar de ‘cultura material’, ou, mais precisamente, a história da alimentação, do vestuário e das casas e de suas mobílias. [...] Antes dos anos 60, [...] apenas um reduzido número de historiadores levava a cultura material a sério. Entretanto, Gilberto Freyre já estava interessado nesses temas nos anos 20 e 30. Seu interesse pela comida, em especial pelos famosos doces de Pernambuco, é bem conhecido. Vemos que esse interesse era, pelo menos em parte, um interesse histórico e etnográfico, observando seu ensaio de 1939, *Açúcar: em torno da etnografia, da história e da sociologia do doce no Nordeste canavieiro*. Seu interesse pela história do vestuário estendia-se dos trajes formais dos garotos de classe alta do século XIX, que faziam com que eles se assemelhassem a pequenos adultos e, de certa forma, os despojava de seu aspecto infantil, até os vários tipos de turbantes usados pelas escravas. A percepção de Freyre para a importância das casas e dos móveis na história social era ainda mais aguda, e é com esse aspecto de sua obra que este trabalho lidará”. BURKE, Peter. *Op. Cit.* (2001), pp. 55-57. No ano de 2001, o professor Peter Burke, ao lado de sua esposa a historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke, visita a Fundação Gilberto Freyre, para realizar um levantamento documental referente aos autores ingleses com quem Freyre dialogou. Autores dedicados à literatura, aos estudos das problemáticas sociais a partir da leitura da cultura material, etc.

⁶ FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

do nosso memorialista têm origem no contato direto com as dependências da instituição.

Inicialmente, destaco: *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936), *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil* (1939) e *Mucambos do Nordeste* (1937). Este último, inclusive, é o livro que inaugura a série de publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN; com introdução de Rodrigo Mello Franco de Andrade. Uma vez que a casa-museu está inserida num contexto citadino, estudei o *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* (1934). Publicação que expressa e define a noção de patrimônio para Gilberto Freyre.

Entender a casa-museu como um “lugar de memória”⁷ é vê-la como um ambiente concebido sob o desejo de promover lembranças: sejam elas impulsionadas pela vontade de memória e/ou pela memória involuntária tão afanadas pelo sociólogo.

Se vista como um “lugar de memória”, a casa-museu insere-se no dilema novo/velho peculiar à modernidade. A casa, por tal prisma, assume o posto de componente urbano munido do contraditório e do instigante surgidos por meio da visão de mundo de Gilberto Freyre: a do culturalismo⁸. É por esta razão que o livro *Apipucos: que há num nome?*, de 1983, um guia de bairro não declarado, estimula o enriquecimento da problemática da memória na casa. Para estudar a idéia de museu segundo Gilberto Freyre, analisei os seguintes textos: a conferência *Cultura e Museus* proferida pelo escritor no Museu de Arte Sacra de Pernambuco – MASPE, em 1984, e publicada no ano seguinte; *Ciência do homem e museologia: sugestões em torno do Museu do Homem do*

⁷ NORA, Pierre. ‘Entre memória e história: a problemática dos lugares’. Trad.: Yara Aun Khoury. In: *Prometo História*. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, nº 10, dez. 1993, pp. 07- 28.

⁸ Refiro-me à formação de Gilberto Freyre com o antropólogo Franz Boas na Universidade de Columbia em Nova York nos inícios dos anos de 1920. A perspectiva do culturalismo é dada pela descrição exaustiva de uma expressão cultural em estudo. Trata-se, portanto, da etnografia compreensiva. É com Franz Boas que os estudos antropológicos ganham notoriedade pela distinção que este faz entre raça e cultura sem negligenciar a importância das contribuições do clima e do meio ambiente na construção de uma cultura. Para Boas a cultura tem o seu espaço ambiental delimitado: a cultura é ecológica porque esta é uma elaboração material, e não só material, ligada aos recursos da natureza modificados pelo homem. O culturalismo boasiano remodela a concepção de museu. O museu deve ser etnográfico e logo preocupado em tornar visível a cultura material de uma sociedade em exibição. O que significa dizer que o museu buscasse associar os exemplares de cultura material a bonecos de cera demonstrando o uso social dos objetos.

Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco, publicado na obra *Vida, forma e cor*, 2ª edição, 1987; *Um museu que teria atuação social*, presente na coletânea de textos *Retalhos de jornais velhos*, com 1ª edição em 1934; *Manifesto Regionalista*, texto de 1926 mas só publicado no ano de 1952. Escritos que, em linhas gerais, tomaram o sentido de manuais⁹ de referência.

Atentando para as noções de casa, memória, patrimônio e museu em Gilberto Freyre, outros livros da sua extensa produção também são utilizados como fonte de pesquisa: *Tempo morto e outros tempos* (1975), *O velho Félix e suas memórias de um Cavalcanti* (1940), *Região e Tradição* (1941), *Ingleses no Brasil* (1942), *Aventura e Rotina* (1953), *Assombrações do Recife Velho* (1955), *D. Sinhá e o filho padre* (1964), *A presença do açúcar na formação brasileira* (1975). Paralelo a estes trabalhos, analiso os documentos, também de autoria de Gilberto Freyre, republicados nos anos de 1980. São eles: *Vida, Forma e Cor* (1987), com primeira edição de 1962; *Perfil de Euclides e outros perfis* (1987), com primeira edição de 1944.

Devo acrescentar que algumas das correspondências de Rodrigo Mello Franco de Andrade para Gilberto Freyre, compõem o aparato documental deste trabalho. Cartas dos anos de 1937 e 1938, referentes aos trabalhos desenvolvidos pelo escritor de Apipucos junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Cumpre dizer também que as diferentes edições das obras de Gilberto Freyre aqui analisadas, correspondem aos prefácios e introduções importantes à delimitação do objeto de pesquisa estudado.

⁹ O museólogo Mário Chagas, abordando a influência da idéia de museu segundo Gilberto Freyre, destaca: “As teorias museológicas de Gilberto Freyre difundiram-se com velocidade pelas regiões Norte e Nordeste. O Museu do Trem, no Recife (PE), o Museu Regional de Olinda (PE), o Museu da Rapadura, em Areias (PB), o Museu do Estado do Piauí, o Museu do Homem do Norte, em Manaus (AM), e outros processos museológicos espalhados por vários municípios do Norte e do Nordeste, receberam direta ou indiretamente o impacto dessas teorias. Gilberto Freyre teve em Aécio de Oliveira, museólogo formado na década de sessenta, pelo Curso de Museologia, então situado no Museu Histórico Nacional, o maior propagador de suas teorias museológicas e o seu grande braço museográfico. Assumindo a museologia como ‘missão’ e a museografia como expressão estética e técnico-científica, Aécio de Oliveira percorreu, durante aproximadamente vinte anos, as regiões Norte e Nordeste semeando, como diria Darcy Ribeiro, museus e cursos de capacitação museológica. A criação, nos anos 80, de um Departamento de Museologia no Museu Paraense Emílio Goeldi, parte de um plano de revitalização, recebeu a influência direta do seu trabalho”. CHAGAS, Mário. ‘Museu, museologia e pensamento social brasileiro’. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó: UNOCHAPECÓ, 2005, p. 30.

A razão na divisão das fontes considera o viés autobiográfico/memorialista freyriano e, por extensão, o seu interesse em renovar a perspectiva das políticas de preservação patrimonial. Possibilitando a interpretação, a partir dos olhares da história social, em torno da ação intelectual de Gilberto Freyre ante à definição antropológica da pretensa cultura nacional. Nacional nascida do “regional”, do “local”, insistiu o escritor. Para tanto, foi crucial à pesquisa o estudo dos artigos de Freyre da década de 1920 para o *Diário de Pernambuco*.

Os artigos, ensaios e compêndios – datados dos anos de 1920, 1930 e 1980 – anunciam a preocupação do escritor com a temática do patrimônio, do museu, do meio ambiente e da desejada cultura regional com pretensões a nacional.

Desse modo, Freyre baliza-se na tentativa de tornar perpétuo um passado “próprio” dos trópicos brasileiros se comparado às volúpias incitadas pela modernidade da Europa não-Ibérica. Freyre desejava expor o que ele chamou de “as sombras de um tempo morto”¹⁰.

Gilberto Freyre adota a casa como o ponto de anuncio da dinâmica social, centro de fruição de sentimentos, valores, convenções e trocas simbióticas.

a casa-grande, [...] passou a juntar funções mistas de materiais e transmateriais, como a aculturativa, a educativa, a militar, a de quase fortaleza, a religiosa, a econômica – a de banco, principalmente – a assistencial, e quando completada por senzala e por capela reforçada, em algumas dessas suas funções, pela simbioticamente social de servir de abrigo confluyente de duas etnias e de suas respectivas culturas, uma das quais, principalmente civilizadora, e a outra, principalmente primitiva, com os dois extremos passando a desempenhos de reciprocidade, tanto étnica como cultural realizados dentro do próprio conjunto ou complexo sócioarquitetônico. Como os sistemas sociológicos, a reciprocidade, entre elementos mais dominadores e elementos mais dominados, embora tal relacionamento nem sempre possa ser considerado absoluto mas com freqüentes tendências a relativo¹¹.

Assumindo tal postura interpretativa, Gilberto Freyre reúne em sua própria casa objetos vários que lembram as épocas em que as casas (de

¹⁰ FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio’. In: *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.11.

¹¹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1985), pp. 14-15.

engenhos, urbanas e semi-urbanas de Pernambuco dos séculos do auge do açúcar) anunciavam os ares de torres de vigilância, de educação doméstica e de casas-fortes. Portanto, não é exagero afirmar que a casa de Apipucos apresenta-se como um “lugar de memória”¹². É bom anotar que a categoria “lugar de memória” advém das reflexões de Pierre Nora no encalço da modernidade. A categoria aqui apresentada resulta da posição crítica de Nora frente às contradições da ânsia moderna.

Freyre, com notoriedade, almeja designar o seu lugar de memória por temer os efeitos do progresso, da obsolescência.

É um “lugar de memória” montado de acordo com expressões materiais, como azulejos, móveis e porcelanas, que destacam os traços da formação das famílias abastadas de Pernambuco segundo a dinâmica do luso-tropicalismo¹³, além de destacar-se como o resquício de tempos idos que resiste aos arroubos da modernidade erigida, no século XX, como idéia e ação. Um monumento às “gerações vindouras”, declara Freyre. E sobre a perpetuidade de moradias de época e seu potencial desaparecimento, enfatizara o escritor:

A grande obra da arquitetura brasileira de mil e novecentos para cá deveria ter sido no sentido de uma readaptação, difícil mas possível, da arquitetura doméstica – e também da oficial e de igreja – às novas condições de espaço social e de espaço geométrico. Readaptação dentro da qual o sobrado, em Porto Alegre como no Rio de Janeiro, em Salvador como no Recife, passasse do ‘privatismo’ ao ‘civismo’, conservando quando possível, seus valores já estabelecidos; e não desaparecendo sob estilos soberanamente indiferentes às condições regionais de vida e paisagem que invadiram nossas cidades maiores,

¹² NORA, Pierre. ‘Entre história e memória’. *Projeto história*. Trad.: Yara Aun Khoury. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, nº 10, dez., 1993, pp. 07-28.

¹³ Expressão que Gilberto Freyre cultivou para caracterizar a adaptabilidade do homem português aos ditames do mundo tropical. Freyre defende a capacidade do português de produzir cultura, em virtude dos contatos e trocas culturais com povos distintos dos da Europa. No primeiro capítulo de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre diz: “Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão. A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor”. Vide FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 43ª edição, 2001, p. 79.

hoje dominadas pelo arranha-céu de tipo norte-americano ou de feição alemão.¹⁴

Gilberto Freyre localiza elementos dispersos de uma época situando-os em referências cronológicas, estilísticas e sociais mediante o trabalho acumulativo da coleção. Quando um palanquim¹⁵, por exemplo, ganha resignificação num espaço musealizado, há uma delimitação organizacional que obedece a valores instituídos pelo organizador/coleccionador¹⁶.

A estrutura da dissertação compõe-se de três capítulos. No início do primeiro, enfoca a morte e o sepultamento de Gilberto Freyre, com o fim de pontuar o empenho dos parentes e amigos do escritor em favor de seus desejos póstumos. Em seguida, procurei articular os escritos freyrianos com o processo de tombamento de sua casa junto ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, em 1988, um ano após o seu falecimento.

O segundo capítulo, intitulado ‘Em torno de Apipucos’, destaca o ambiente bucólico do bairro Apipucos. Apresenta ainda as publicações nas quais a casa de Apipucos era inserida como parte notória do contorno urbano da cidade do Recife. Mais à frente, abordo o colecionismo de Freyre em relação ao sítio-jardim dos arredores da Vivenda Santo Antonio de Apipucos.

No último capítulo, sob o título ‘Entre a casa e o museu’, interpreto o aspecto museográfico da *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*. Atento para a narrativa museal incitada pela linguagem culturalista presente na disposição dos objetos em permanente exposição. Considero, para tanto, o papel de Gilberto Freyre na composição de um ambiente assentado em criações materiais. Objetos em sua maioria ressignificados a partir de suas recolocações

¹⁴ FREYRE, Gilberto. *Seleção para Jovens*. Rio de Janeiro/Recife: Livraria José Olympio Editora/Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1980, 3ª ed., p.56. Coleção Brasil Moço. Publicação composta de vários artigos, prefácios e textos de crítica literária condensados já publicados em outras circunstâncias. Documento que explicita linguagem acessível ao tratar de temas que abarcam da *Feitiçaria no Brasil Colonial* ao da *Civilização do Homem Sentado*. Contém 159 páginas divididas em 08 capítulos. Coletânea editada para comemorar os 80 anos de Gilberto Freyre.

¹⁵ Meio de transporte de dimensões reduzidas com capacidade para uma pessoa, feito, em geral, de madeira. Comum em cidades aladeiradas como Olinda. Veículo provido de uma cabine com assento e suspensão por varões de madeira com o fim de servirem de apoio para os escravos locomoverem o veículo de um lugar a outro. Era de uso comum no século XIX, em cidades como Olinda e Salvador.

¹⁶ Vide RAMOS, Francisco Régis Lopes. ‘Ex-posição: objeto locado, deslocado e colocado. In: *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004, pp. 129-144.

funcional e cronológica: artefatos, muitos deles, recolhidos de amigos em forma de presentes, definindo, por certo, a diversidade da coleção.

CAPÍTULO I : ALÉM E AQUÉM DA MORTE

Considerando-se a enorme importância que a preservação e a defesa ainda têm, o problema mais desafiante, agora, são os usos sociais do patrimônio. [...] Aí que se devem concentrar os maiores esforços de investigação, reconceitualização e de política cultural¹

Néstor García Canclini

[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.²

Jacques Le Goff

1.1- Entre a morte e a vida.

Na UTI do ENCOR do Hospital Português do Recife, acometido por uma isquemia cerebral, Gilberto Freyre é internado na madrugada de domingo, do dia 12 de julho de 1987. Magdalena Freyre, esposa do escritor, passados quatro dias da internação, encontra-se com forças para receber a imprensa, é o que diz uma nota do *Jornal do Commercio*³. Otimismo resultante de uma melhora nas condições clínicas do paciente após respostas a alguns estímulos motivados pela equipe médica que o assistia.

Em tom melancólico, o *Diário de Pernambuco*, de 17 de julho, estampa em nota: “É grave o estado de saúde de Gilberto”. O periódico descreve a situação:

¹ CANCLINI, Néstor García. *O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional*. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Trad.: Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro, nº 23, 1994, p.103.

² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998, p. 525.

³ *Jornal do Commercio*, ‘Situação de Freyre é ainda muito grave’, de 16 de julho de 1987, p. 06.

O sociólogo [...], que há cinco dias está internado no Hospital Português, devido a uma isquemia cerebral, teve seu estado de saúde agravado, ontem, devido a um edema pulmonar, pela manhã, seguido de insuficiência renal, à tarde⁴.

No sábado, o *Diário de Pernambuco* informa: “Continua grave estado de Gilberto”. No dia 18, anuncia com pesar: “Gilberto Freyre: luto máximo no Estado”.

“Gilberto agora é eterno”. Esta foi a manchete do *Diário de Pernambuco* de 19 de julho de 1987. Morto na madrugada de 18 de julho, Gilberto Freyre é ovacionado “na tarde chuvosa e triste”. Repousando num caixão comprado na Casa Agra, o corpo do escritor foi velado na sala principal de sua Vivenda Santo Antonio de Apipucos e abençoado em missa celebrada pelo Monsenhor Severino Nogueira⁵, vigário da Matriz de Santo Antônio. Prática do bem-velar seguida pelos Freyre quando um de seus entes estimados transcende.

Suspenso por pedestais móveis, o caixão impõe-se frente aos parentes e amigos. À sua cabeceira estava o crucifixo a vigiá-lo. As velas, em quarteto, marcavam as horas da última despedida: a do sepultamento. No choro ininterrupto das velas, esvaíam-se os últimos fios de luz de uma vida terminada.

Com os pés encetando a porta principal (de duas folhas com quadrículas envidraçadas) da Vivenda Santo Antonio, repousava Gilberto Freyre em seu esquife tomado por flores brancas. As flores, as que ele chamou de “devotas”⁶ no ensaio de 1933, que exalam o perfume do luto e ornamentam a morte. Desejava uma morte açucarada. Um desejo expresso em sua, como dizia, “quase poesia” sob o título de “Em Heidelberg: pensando na morte”:

Penso no alemão que chama a morte de

⁴ *Diário de Pernambuco*, 17 de julho de 1987.

⁵ Consta no *Estatuto e Regimento Geral* da Fundação Gilberto Freyre o nome do Monsenhor Severino Nogueira na composição do primeiro Conselho Diretor da instituição, conforme expressa o art. 37, do Título IX – Disposições Gerais e Transitórias, p. 29.

⁶ Vide FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio à 1ª edição’. In. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: RECORD, 2001, p. 51. Narrando sobre a dimensão social da morte no bojo da sociedade patriarcal, diz Gilberto Freyre: “O costume de se enterrarem os mortos dentro de casa – na capela, que era uma puxada da casa – é bem característico do espírito patriarcal de coesão de família. Os mortos continuavam sob o mesmo teto que os vivos. Entre os santos e as flores devotas. Santos e mortos eram afinal parte da família.”

‘doce Morte’ e disse
‘ – vem, doce Morte’. Eu não chamo a Morte de doce.
Sei que ela é amarga
(o amargor das raízes). O que digo à amarga Morte é
que venha docemente.⁷

É sepultado no jazigo 16 da Irmandade do Espírito Santo⁸, na ala norte do tradicional Cemitério de Santo Amaro do Recife, “sob os focos de luz dos refletores de televisão”, além dos “flash” em ritmo acelerado e desconcertante das câmeras fotográficas da imprensa escrita. Foi conduzido ao sepulcro pelas seis clássicas pessoas e uma multidão estarrecida. O *Diário de Pernambuco*, envolvido pela melancolia das chuvas de julho do Recife, salienta as contribuições freyrianas às ciências sociais no Brasil, em especial as colaborações do escritor para o mesmo periódico por vários anos.

O Cemitério de Santo Amaro, na juventude de Gilberto Freyre, foi cenário de um episódio lamentado por ele. O escritor recorda do pobre enterro de uma nobre pernambucana, amiga de seus familiares maternos. Lamenta que, ao chegar ao Santo Amaro, percebera que ao seu lado encontravam-se apenas mais duas pessoas. Para conduzi-la até o túmulo foi necessário solicitar a ajuda de um transeunte. Em trecho descritivo de uma introdução a *Sobrados e Mucambos*, ele pranteia a decadência em que imergira nomes nobiliárquicos pernambucanos, o que iguala as pessoas distintas aos mortais comuns:

Caminhamos cemitério adentro, por entre palmeiras-imperiais, até o jazigo da família da morta. Era um túmulo com alguma coisa de monumental. Mandara-o levantar família opulenta do tempo do Império. Seu chefe fora ministro de Pedro II. Abandonado, arruinado, sujo, o túmulo patriarcal abria-se naquela tarde de chuva, longos anos depois de falecido o grande do Império que mandara levantar nos seus dias de morador de sobrado de azulejo da Boa vista, de dono de carruagem forrada de veludo e guarnecida de lanternas de prata, para receber o corpo magro e vestido simplesmente de chita branca com salpicos azuis de uma pobre velha – sua neta – cujo enterro não chegara a atrair as clássicas seis pessoas necessárias para a condução decente de qualquer ataúde. Entretanto, por um contraste

⁷ FREYRE, Gilberto. *Poesia Reunida*. Recife: Edições Pirata, 1980, p.76.

⁸ Vide Microfilme do *Diário de Pernambuco*, quarta-feira, 26 de fevereiro de 1851. Divisão de Pesquisa Histórica, do Departamento de História, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

irônico, aquele corpo de velha pobre e moradora de casa térrea, ia sepultar-se não em cova rasa – igual àquela em que, outro dia triste, vimos sumir-se na terra preta e pegajenta do mesmo Cemitério de Santo Amaro do Recife de um Wanderley antigo e autêntico, velho flamengamente louro e alvo, filho de senhor de engenho do sul de Pernambuco e dono, nos seus dias de senhor-moço, de alguns dos melhores cavalos e de alguns dos mais bravos galos de briga daqueles sítios – mas um jazigo de família com alguma coisa de monumental⁹.

Enquanto escritor atuante, Gilberto Freyre tinha ao seu alcance os dois jornais mais importantes de Pernambuco. Com o apoio da imprensa, ele mantinha na escuridão seus potenciais opositores. O *Jornal do Commercio* e o *Diário de Pernambuco* demonstram compatibilidade de idéias com o escritor ao noticiarem a sua morte. Chamadas e editoriais fúnebres preocupados em salientar a participação proeminente do intelectual na vida jornalística pernambucana. Exaltando-o como o intelectual que “[...] jamais deixou de entender e assimilar a sabedoria das ruas, da alma popular, da sua temporaneidade” [sic]¹⁰.

Com uma escrita pontuada por superlativos e sensação de perda, mas contida e confortada, o JC,¹¹ na nota editorial, eleva Gilberto Freyre ao patamar de elemento crucial ao ato de ser pernambucano e de pertencer a Pernambuco:

Perdemos nós, seus amigos, com essa pranteada ausência do conselheiro, cuja sabedoria sempre foi uma fonte pulsante de energia. E perde mais do que todos juntos, a pernambucanidade. Ela, verdadeiramente, conhece, sente, deblatera, pranteia a falta do seu

⁹ FREYRE, Gilberto. 'Introdução à 2ª edição de Sobrados e Mucambos'. In: *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 676. Destacando a possibilidade da morte ser o ponto extremo capaz de igualar as diferenças, Gilberto Freyre discorre sobre uma viela, o *Quebra Roço*, famosa no Recife em tempos idos: *Não era sem razão que a gente antiga do Recife chamava ao beco que ia do centro da cidade ao Cemitério de Santo Amaro de 'Quebra Roço'.* 'Roço' é brasileiro que quer dizer – ensina mestre Rodolfo Garcia – 'presunção, vaidade, orgulho'. E é como o tempo – e através do tempo, a dissolução das instituições, e não apenas a dos indivíduos – age sobre as casas e os túmulos – mesmo os monumentais, e não apenas os modestos: quebrando-lhes o roço. O roço do que o patriarcado no Brasil teve de mais ostensivo, isto é, a sua arquitetura característica – casas-grandes, sobrados, monumentos fúnebres: criações de pedra e cal, de mármore, de bronze com que as famílias patriarcais ou tutelares pretenderam firmar seu domínio não só no espaço como no tempo – vem sendo quebrado à vista de toda a gente. *Op. Cit.* (2002), p. 676

¹⁰ *Jornal do Commercio* de 19 de julho de 1987.

¹¹ Esta é a abreviatura das iniciais do *Jornal do Commercio* consagrada pela estratégia de marketing do periódico recifense.

luminador. Embora saiba da continuidade de sua presença na obra cósmica que deixou. Exemplarmente erguida, como está, em incontestes originalidades. Em perpetuidade.¹²

Circundado pelos livros em estantes de jacarandá, com portas de vidro, o féretro no caixão comprado na Casa Agra, repousa solenemente. Hoje, funcionando num prédio modesto da Rua da Conceição, nº 04, no Bairro da Boa Vista, a Agra atendia aos clientes na Rua do Imperador Pedro II, nos tempos áureos de suas finanças. Estabelecimento comercial lembrado pelo poeta paraibano da Escola do Recife, Augusto dos Anjos, no poema intitulado *As Cismas do Destino*¹³. Em tom funesto e introspectivo Augusto dos Anjos aproxima-se de referências materiais de reconhecimento social, como a Casa Agra, para fomentar a sua inspiração poética. O Recife, por sua vez, era o cenário.

Mesmo em dias de crise, a Rua da Conceição recebe o status de logradouro nobre no trato dos assuntos fúnebres em detrimento da proliferação das funerárias populares, às portas dos hospitais públicos e dos necrotérios recifenses nos dias atuais. Com o advento dos serviços funerários populares¹⁴ as Casas Agra e Baptista tornaram-se referências de tempos em que os ataúdes eram para poucos, e as redes de enterrar para muitos.

O ataúde, depois de velado, deixa a Vivenda Santo Antonio de Apipucos. O cortejo fúnebre recebe aplausos, lamentações e suspiros. Deixa Apipucos, o subúrbio maior, para receber as condolências das circunvizinhanças de Casa Forte, Poço da Panela, Monteiro, Parnamirim. Mas,

¹² Editorial fúnebre do JC do dia do sepultamento do escritor.

¹³ ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias. As cismas do destino* é composto de quatro seções descritivas: voltadas à expressão do pessimismo introspectivo do autor envolvido pelo cientificismo evolucionista de Haeckel e Spencer. Poeta que incitou em Gilberto Freyre o desejo de escrever artigos sobre a sua especificidade literária. Crítica preocupada em destacar o valor da língua portuguesa nos escritos de Augusto dos Anjos. E com isso Freyre identifica a sua semelhança com o poeta da Paraíba.

¹⁴ O antropólogo João Hélio Mendonça discorre com afinco sobre o tema: “Diminuiu de importância a função da velha Rua da Conceição [...] [caem na dimensão do mito] as suas tradicionais funerárias [...] e sua clientela distinta do Recife. Os padrões e os serviços fúnebres radiofonados com o texto que dizia: ‘Nota de falecimento: Faleceu hoje o Sr. Ou Dr. às tantas horas ... e carros à disposição na Casa Agra ou na Casa Baptista’. Os carros eram carros de aluguel que serviam aos parentes e amigos do defunto, conduzindo-os ou acompanhando o féretro do velório ao Cemitério de Santo Amaro, na época um cemitério sem rival em número de sepultamentos”. MENDONÇA, João Hélio. ‘Tricolor até na morte’. In: *Folha de Pernambuco*, Caderno Cidadania, de 11 de abril de 2000, p. 06.

antes, despediu-se dos funcionários da Fundação Joaquim Nabuco, que derramaram por sobre o esquife pétalas de rosas e, em seguida, assentaram-lhe a bandeira da Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ, centro de pesquisa em ciências sociais criado em 1949 por Gilberto Freyre, quando de seu mandato de deputado federal na então capital da República Brasileira: o Rio de Janeiro.

Objetivando ressaltar a importância da Agra nas lembranças de Freyre, inspiradas pela amizade de Alfredo Freyre (pai de Gilberto Freyre) com o maçom fundador da Agra, Manuel Gonçalves Agra¹⁵, cito um trecho da primeira seção de “As cismas do destino”:

Recife.
Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à Casa Agra¹⁶,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!
Na austera abóbada alta o fósforo alvo
Das estrelas luzia... O calçamento
Sáxio, de asfalto rijo, atro e vidrento,
Copiava a polidez de um crânio calvo.

Lembro-me bem. A ponte era comprida,
E a minha sombra enorme enchia a ponte,
Como uma pele de rinoceronte
Estendendo por toda a minha vida!
A noite fecundava o ovo dos vícios animais. Do carvão da treva
imensa caía um ar danado de doença
Sobre a cara geral dos edifícios!
Tal uma horda feroz de cães famintos,
Atravessando uma estação deserta, uivava dentro do ‘eu’, com a boca
aberta,
A matilha espantada dos instintos! [...].¹⁷

Poeta das leituras adolescentes de Gilberto Freyre, Augusto dos Anjos alimenta o viés de crítico literário no jovem estudante em terras norte-

¹⁵ Freyre fala, em *Dos 8 aos 80 e tantos*, página 11, dos escritos de seu pai Alfredo Freyre, que contribuíram para o registro das memórias do pai: “vasculhando velhos papéis de Meu Pai encontrei, entre seus poucos trabalhos publicados, um discurso, uma conferência, suas dissertações para a Faculdade de Direito do Recife. O discurso é de mocidade: proferido por ele em sessão fúnebre de loja maçônica do Recife em memória do falecimento de Manuel Gonçalves Agra [...]. Publicou o discurso [...] no ano de 1898, o ‘Pantheon das Artes’, [...] – a Casa Agra”.

¹⁶ (grifo meu).

¹⁷ Augusto dos Anjos em *Eu e outras poesias*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

americanas. Fator que em 1924 leva Freyre a escrever sobre Augusto dos Anjos para uma Revista de Boston: a “The stratford monthly”¹⁸, destacando-se no artigo a nuance autobiográfica de Augusto dos Anjos em relação à morte tão presentificada no agir diário do poeta paraibano. Algo que despertou em Freyre o desejo de escrever o enigmático *Jazigos e covas rasas*,¹⁹ considerando os depoimentos e as reflexões de indivíduos reclamantes de seus mortos queridos, levando-o a visitar lugares de inspiração funesta antes apreciados pelo autor de *As cismas do destino*. Em especial, a melancólica Rua do Imperador Pedro II. Para Augusto dos Anjos, alguns lugares incitavam o pavor da perda iminente. Para Gilberto Freyre esses mesmos lugares motivavam a vontade de memória. No primeiro, o tom da angústia. No segundo, o da lembrança de seus dias pueris pelas vias da velha Ilha de Antônio Vaz da época da dominação holandesa.

A Casa Agra, Augusto dos Anjos e a casa de Apipucos compõem fragmentos da construção memorialista de Gilberto Freyre. Recursos que exemplificam a preocupação freyriana de não alimentar o esquecimento. Crente na possibilidade de uma memória preservável, Gilberto Freyre procurava registrar “tudo” que o circulava, e entra na esfera de *Funes, o memorioso*²⁰, de Jorge Luís Borges. Em resumo: a esfera do lembrar, lembrar e lembrar, cuidado que o autor de *Casa-Grande & Senzala* cultivava para não deixar cair na escuridão do esquecimento as suas práticas de homem

¹⁸ Artigo publicado em língua portuguesa, intitulado ‘Augusto dos Anjos entre a mística e a história natural’, na coletânea de textos *Perfil de Euclides e outros perfis*. Sobre Augusto dos Anjos, aponta Freyre: “A ciência e a concepção mecanística do mundo fizeram-no ainda mais infeliz. Augusto dos Anjos foi como aquele indivíduo que G. K. Chesterton não podia compreender: um homem cujo destino a ciência desgraçou por completo por lhe ter ensinado os nomes de todos os vermes que o comiam e os nomes de todas as partes de seu corpo comidas pelos vermes. A morbidez de Augusto dos Anjos alterava tudo que ele via e ouvia. Dava-lhe o poder de exagerar com traços inesquecíveis suas impressões de decadência física das pessoas e das coisas. Inesquecíveis porque eram exagerados não por capricho de técnica, mas como expressão do seu próprio ‘eu’ sempre empático. Havia em Augusto dos Anjos alguma coisa de um moderno pintor alemão expressionista. Um gosto mais de decomposição do que de composição”. FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: RECORD, 2ª edição, 1987, p. 135.

¹⁹ Título do livro de Gilberto Freyre que completaria o estudo sobre a sociedade patriarcal. Seria a obra que completaria a tetralogia freyriana. Freyre acreditava no desaparecimento misterioso desse que seria o livro dedicado às práticas do bem-velar e o bem-enterrar em contraste ao mal-velar a ao mal-enterrar dos menos abastados da sociedade. Recentemente, funcionários da Fundação Gilberto Freyre conseguiram identificar o prefácio para a publicação que não se realizou de *Jazigos e covas rasas*.

²⁰ BORGES, Jorge Luís. ‘Funes, o memorioso’. In: *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989, pp. 89-97.

preocupado com a cultura antes regional e, depois, nacional. Pensamento materializado com maior vulto quando da origem da Fundação Gilberto Freyre, em 11 de março de 1987. Fato que o confortava.



01 – Sala de visitas da *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*. Gilberto Freyre foi velado neste cômodo. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

Passados três anos, os restos mortais de Gilberto Freyre deixam o Santo Amaro para retornar a Apipucos. Despede-se do jazigo 16 da Irmandade do Espírito Santo para um novo espaço, pensado por profissionais da arquitetura e do paisagismo. Dentre os muitos desejos do escritor, o de retornar ao sítio de Apipucos foi respeitado pela família. Para ele, os seus restos mortais deveriam ser depositados em meio às fruteiras e palmeiras imperiais. Então, foi construído um memorial fúnebre, com um mural de cerâmica em semicírculo. Está no sítio-jardim, que ele cultivara por vários anos conotando o tripé homem, espaço e meio. Raciocínio assentado na preocupação ecológica expressa no livro *Nordeste*, de 1936. O painel, concebido pelo artista Antônio Carlo Duarte Montenegro, apresenta-se por meio de temas trabalhados nos livros *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*: como o da

miscigenação e da vida social dos sobrados no processo de composição da urbe recifense. No mesmo painel transcreveu-se na cerâmica esmaltada o poema “Silêncio em Apipucos”²¹, de Gilberto Freyre.



02 – Imagem interna do *Memorial Gilberto Freyre*. Ao centro a urna funerária na qual os restos mortais de Gilberto Freyre e, mais tarde, os de sua esposa foram assentados. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

Trata-se de um escrito em que o autor vislumbra um ambiente bucólico e nostálgico a partir da gradação de ambientes e expressões da cultura material para compor uma imagem presente tanto em sua memória quanto no mundo concreto por ele vivido: o de Apipucos.

As mangueiras
O telhado
O pátio branco
As sombras da tarde cansada
Até o fantasma da judia rica
Tudo está à espera do romance começado

Um dia sobre os tijolos soltos
A cadeira de balanço será o principal ruído
As mangueiras

²¹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1980), p. 103.

O telhado
O pátio
As sombras
O fantasma da moça
Tudo ouvirá em silêncio o ruído pequeno.

Motivado pela identificação da casa-grande como um banco sem rendimentos ou um túmulo de amplitude quase uterina, Gilberto Freyre etnografa a situação social da judia rica²², talvez imaginária, em meio ao pátio e às mangueiras de sua vivenda²³. Freyre, com efeito, alimenta sua vontade de memória. A sua morte, contudo, tem como cenário os pisos em mosaico da casa de Apipucos e a cadeira de balanço que lhe serviu de instrumento de acalanto e contemplação. Desejava resguardar sua casa das “assombrações do Recife velho”; as que tanto fizeram solapar “o sobrado da estrela”²⁴. “Louças que se quebravam na sala de jantar. Jacarandás que se despedaçavam na

²² Na p. 52 de *Casa-Grande & Senzala* (2001), Gilberto Freyre, colocando-se como testemunha de um tempo, situa o leitor no seguinte panorama: “[...] a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. [...] Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se jóias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se jóias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de tetéias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras jóias de São Benedito; mas sobre o pretexto, ponderável para a época, de que ‘negro não devia ter luxo’. [...] Por segurança e precaução contra os corsários, [...] contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as jóias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro”.

²³ Comprada em 1940, a casa na qual Gilberto Freyre constitui a sua família remonta ao século XVIII pernambucano. Construção que no século XX ganhará o valor de bem material significativo à posteridade dado o significado de uso, não apenas o prático, por ele alimentado, uma vez que a riqueza da casa estava na capacidade de sua estrutura de avançar os tempos cronológicos até atingir o status de patrimônio nacional. A este propósito, lembra Michel de Certeau que na busca de uma suposta origem para algo, os homens de estudo, por meio de idéias e construções materiais de cunho contemplativo, têm-se dedicado “a preservar as ruínas, ou [aquilo] que vejam a tranquilidade de um aquém da história, o horizonte de uma natureza ou de um paraíso perdido”. CERTEAU, Michel de. ‘A beleza do morto’. In.: *A Cultura no Plural*. Trad.: Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1995, p. 56. Coleção Travessia do Século.

²⁴ Título de um dos contos contidos no livro *Assombrações do Recife velho*, de Gilberto Freyre.

sala de visitas.”²⁵ Freyre lutou para não ver o seu mundo estilhaçado, abandonado.



03 – Vista externa do *Memorial Gilberto Freyre* no sítio-jardim da Fundação Gilberto Freyre – FGF. Foto: Elaine dos Santos. Janeiro de 2006.

No dia 16 de julho de 1990, Roberto Pereira, Secretário de Educação do Recife e Diretor Executivo da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, escreve artigo na seção ‘Opinião’ do *Diário de Pernambuco*. Roberto Pereira, homem público e próximo à família Freyre, devota larga admiração à pessoa do sociólogo. É o que deixa transparecer o seu artigo sobre o “Memorial Gilberto Freyre”:

Com relação à [...] singularidade que implica na própria descoberta da nossa nacionalidade, ou da nossa existência, ou da nossa existência como povo, podemos dizer que Gilberto Freyre não apenas seria, ao nascer em 15 de março de 1900, o homem do século no país, mas, bem mais que isso, o homem que identificaria as nossas

²⁵ FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife velho*: “algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense”. Rio de Janeiro: UNIVERSIDADE/TOPBOOKS, 5ª ed., 2000, p. 151.

peculiaridades e, também, até certo ponto, o nosso destino, dentro do concerto das nações.²⁶

E sem receios, sentencia:

Amanhã [, referindo-se à homenagem do dia 17 na Fundação Joaquim Nabuco,] num misto de saudade e de orgulho, os recifenses e os recifencizados cravam no seu calendário histórico a efeméride dos 3 anos de ausência física de Gilberto Freyre e que representam, na esteira do tempo, para o Recife e para o Brasil, um grande vácuo cultural²⁷.

No dia 17 de julho, de 1990, após o recebimento das homenagens da Fundação Joaquim Nabuco, a caixa de madeira disposta na sala do Conselho Diretor daquela instituição, com os restos mortais de Gilberto Freyre, seguiu-se uma missa às 09h do dia 18 na Capela de Nossa Senhora das Dores em Apipucos, celebrada pelo religioso Severino Nogueira.

Deixada a capela, segue o cortejo à rampa dos Irmãos Maristas que dá acesso ao sítio-jardim no qual foi construído o memorial financiado pela Prefeitura do Recife. Ao som dos passos rijos e marcados dos oficiais do Comando Militar do Nordeste, Freyre toma assento numa urna funerária de mármore negro. Concretizando o pedido do sociólogo, declara Fernando Freyre: “Esta casa cumpre, portanto, um destino antevisto e por ele escolhido”.²⁸

E acrescenta, Fernando, em discurso no cerimonial:

A casa é o definitivo bem e abrigo do homem. Por isso aprendi, e continuo a aprender ainda, que o homem, na fragilidade de sua cerâmica, também é uma casa. Uma casa habitada por imagens e lembranças. Uma casa que respira e anda; que se ulcera com a passagem do tempo; que é abrigo de sensações, cheiros e sentimentos; que ama e agasalha os seres amados. Uma casa que do seu nascimento à sua extinção sonha e renasce diariamente. E o que nela é criação e verdade, o que é devaneios e sonhos, o que nasce da inteligência e do espírito, por ser criação, e sonho, e verdade, e devaneio, permanece e se eterniza, dando contorno e forma à vida que há na vida.²⁹

²⁶ *Diário de Pernambuco*, 16 de julho de 1990.

²⁷ *Idem*, p. 06.

²⁸ *Jornal do Commercio*, 19 de julho de 1990, seção Cidades.

²⁹ *Diário de Pernambuco*, 19 de julho de 1990, p. 05.

Ressalta, em seguida, dizendo:

A casa do meu pai me habita e confesso, movido por uma razão construída mais pelo sentimento do que pela compreensão, que é bela e plena a relação de um homem com a sua casa, com a sua aldeia. De um homem com as paisagens, para ele sempre doces e líricas, do subúrbio onde a casa por ele escolhida abre suas portas e janelas para o mundo e para a vida.³⁰

Na ocasião solene, o Prefeito do Recife discursa dizendo ter sido a casa de Apipucos o lugar do qual irradiou o modo de pensar de um estudioso “absolutamente renovador”³¹. Defesa que o prefeito alimentará ao julgar o *Memorial Gilberto Freyre* “[como] o retrato de nossa gente que terá continuidade [...] com a inauguração [...]”³² do monumento ao autor de *Casa-Grande & Senzala*. Monumento porque a construção é lançada como um espaço de veneração à pessoa do morador ilustre de Apipucos. Daí a justificativa, do Secretário municipal Roberto Pereira: o “povo” brasileiro se descobriu na obra de Gilberto Freyre. Sendo assim, completa:

[...] o Recife, de resto, o Brasil, devem não apenas homenagens e gratidões, mas, sobretudo, a incumbência maior de cultuadores de um legado imorredor e importante à preservação da própria identidade nacional. Estudar e ler Gilberto é aprender Recife, Nordeste, Brasil e realidade nacional num prisma cívico-cultural, literário e científico³³.

E conclui:

[...] até o aparecimento de sua obra, marco divisor, por assim dizer, de dois estágios da consciência nacional, apesar do feito levado a cabo pelas naus portuguesas em 1500 e do muito que vivemos desde Cabral ao início deste século [o século XX,] o homem brasileiro como que continuava ainda a aventura lusa, não a navegar cabralmente, mas a buscar rumos ou paradeiro, já sem mar e sem naus, em terra firme³⁴.

³⁰ *Idem*, p. 05.

³¹ *Jornal do Commercio*, 19 de julho de 1990, seção Cidades, p. 08.

³² *Idem*, p. 08

³³ *Diário de Pernambuco*, 16 de julho de 1990, seção Opinião.

³⁴ *Diário de Pernambuco*, 16 de julho de 1990, seção Opinião.

D. Magdalena, sob o peso da emoção, além de ter reclamado que a placa inaugural apresentava-se com um erro gráfico, o de Freyre com “i” e não com “y”, afirma que o caminho para a integração poder público, sociedade e Fundação seria por intermédio do esforço político de educar: “É preciso educar melhor para que nosso povo tenha mais gosto pela cultura”³⁵. E em seguida deplora:

Foi tudo doado à comunidade, e dela a Fundação Gilberto Freyre não tem recebido nada, o que não ocorre com outras instituições, a exemplo da Casa de José Américo, mantida pelo Governo da Paraíba e a Fundação Jorge Amado, no Largo do Pelourinho [em Salvador]³⁶.

O *Memorial Gilberto Freyre* foi projetado, conforme indicaram os profissionais ligados à obra, com os três elementos básicos da tropicologia criada por Gilberto Freyre. A água dos rios motivadores dos trapiches, a luz tropical e a terra úmida e oleosa do Nordeste da cana-de-açúcar. De acordo com declaração de Mirian Melo Machado, a tríade simbólica adquire monta mediante a seguinte combinação: “A água é encontrada no espelho d’água, no centro do memorial; a luz, entra pela clarabóia e a terra, circunda toda a área [...]”³⁷ próxima ao memorial.

Passados treze anos da morte de Gilberto Freyre, retorna a Apipucos a esposa do escritor. Na urna negra do memorial passa a residir D. Magdalena Freyre, a tutora da vida prática do escritor. Uma vez separado de sua esposa pela morte, para sempre juntos após a morte dela. Juntos, recolhidos aos aposentos da nova morada. E acerca de Magdalena, e o privilégio de estar juntos, poetizou Gilberto Freyre:

Não é a morte, Madá, é o amor
Assim aconteceu à inglesinha tristonha
Assim acontecerá a nós dois, Madá,
Irmãos na tristeza que às vezes leva à morte.
Tristeza, morte e tudo nós dois venceremos, Madá

³⁵ *Diário de Pernambuco*, 19 de julho de 1990, p. 08.

³⁶ *Idem*, p. 08.

³⁷ *Jornal do Commercio*, 19 de julho de 1990, seção Cidades.

Com o amor,
E pelo amor
Seremos um
E este um para sempre.³⁸

No dizer do sociólogo, o homem morto ainda é um ser social. Seja sepultado num jazigo suntuoso, ou numa urna funerária, ou numa cova rasa de sete palmos sob a guarda de uma cruz, o homem vê-se prolongado de sua casa: da casa-grande, do sobrado, da casa térrea, do mucambo ou da casa de sítio. Logo, destaca Freyre:

[...] no caso de jazigo ou de monumento, o morto se torna expressão ou ostentação de poder, de prestígio, de riqueza dos sobreviventes, dos descendentes, dos parentes, dos filhos, da família. O túmulo patriarcal, o jazigo chamado perpétuo ou de família, o que mais exprime é o esforço, às vezes pungente, de vencer o indivíduo a própria dissolução integrando-se na família, que se presume eterna através de filhos, netos, descendentes, pessoas de mesmo nome. E sob esse ponto de vista, o túmulo patriarcal é, de todas as formas de ocupação humana do espaço, a que representa maior esforço no sentido de permanência ou sobrevivência da família: aquela forma de ocupação de espaço cuja arquitetura, cuja escultura, cuja simbologia continua e até aperfeiçoa a das casas-grandes e dos sobrados dos vivos, requintando-se, dentro de espaços imensamente menores que os ocupados por essas casas senhoriais, em desafios ao tempo³⁹.

O *Diário de Pernambuco* do dia 19 de julho de 1987 reproduz, numa seção intitulada de “Gilberto visto por Gilberto”, a abertura de uma entrevista do escritor à TV Cultura de São Paulo em 1980. Freyre delineia o seu memorialismo, o seu vínculo com o passado. O culto ao passado. Daí confessa:

Se me perguntarem quem sou, direi que não sei classificar-me. Não sei definir-me. Sei que sou um ‘eu’ muito consciente de si próprio. Mas esse ‘eu’ não é um só. Esse ‘eu’ é um conjunto de ‘eus’. Uns que se harmonizam outros que se contradizem. Por exemplo, eu sou, numas coisas, muito conservador e, noutras, muito revolucionário. Eu sou um sensual e sou um místico. Eu sou um indivíduo muito voltado para o passado, muito interessado no presente e muito preocupado com o

³⁸ Poema intitulado de “Um para sempre”. In.: FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1980), p. 105.

³⁹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2002), p. 676.

futuro. Não sei qual dessas preocupações é maior em mim. Mas todas elas como que coexistem e até me levaram a conceber uma idéia de tempo, porventura nova: a do tempo tríplice⁴⁰. A de que o tempo nunca é só passado, nem só presente, nem só futuro, mas os três simultaneamente. Sou um brasileiro de Pernambuco. Gosto muito da minha província. Sou sedentário e ao mesmo tempo nômade. Gosto da rotina e gosto da aventura. Gosto dos meus chinelos e gosto de viajar. Meu nome é Gilberto Freyre.⁴¹

Tornar a morte de Gilberto Freyre em algo natural seria negligenciar o desejo por ele expresso em vida: o de tornar a sua memória num campo cultural coletivo, resultando na ânsia de transformá-la numa memória-patrimônio, num referencial de estudos à história de seu país, em geral, e de sua região, em particular. Destarte, estranhar⁴² esta ânsia torna-se relevante a partir do momento em que um grupo social – composto por políticos, intelectuais e parentes – embasa o seu interesse, definindo-o como fundamental à sociedade considerada herdeira de um patrimônio, enquanto valor material da história, figurado na pessoa de Gilberto Freyre. Logo, o ato de estranhar implica na tentativa de interpretar, construindo uma possibilidade de interpretação histórica: a ação de um intelectual em favor da construção de sua memória, de sua pretensa eternidade.

A partir do instante em que Gilberto Freyre volta-se ao estudo daquilo por ele definido como história íntima, o horizonte da memória é apresentado. Experiências não vividas são especuladas por ele. Já as vividas são defendidas do esquecimento. Estudioso que, por fim, acaba escrevendo e transformando a sua história em parte da biografia do Recife. Com isso, o escritor transfigura componentes urbanos, surgidos para fins práticos e aos poucos desgastados e mutilados pelas intempéries climáticas (considere-se também o senso de descaso com algo considerado em algum momento como inútil), em elementos nos quais residem a memória ou desejos e sentimentos velados. É bom ressaltar que os bens materiais destinados pelo antropólogo

⁴⁰ Vide VILA NOVA, Sebastião. *Sociologia e pós-sociologia em Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1995. Sebastião Vila Nova identifica esta categoria diluída na obra de Gilberto Freyre, atribuindo-a ao sociólogo norte-americano William Isaac Thomas, da Escola de Chicago.

⁴¹ *Diário de Pernambuco*, 19 de julho de 1987, p. A-18.

⁴² GINZBURG, Carlo. 'Estranhamento: pré-história de um procedimento literário'. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 15-41.

como lugares de memória não foram inicialmente instituídos para atingir tal objetivo. Carlo Carena, em 'Ruína/restauro', esclarece esta expectativa pronunciando:

A ruína pode por um lado evocar o passado glorioso e a caducidade de todas as coisas, ser objecto de reflexão histórico-filosófica; por outro lado, pode dar lugar a um sentimento subtilmente crepuscular; pode ser uma ruína clamorosa, eloqüente, com uma massa obstrutiva ou, pelo contrário, um efémero bastidor visual, um frio contraste, uma ironia irrisória⁴³.

A rede de intelectuais da qual Freyre participava mantinha o seu status de descobridor da identidade nacional, de intérprete do povo brasileiro. Roberto Pereira, no artigo referente ao *Memorial Gilberto Freyre*, relembra o momento em que recebeu, a notícia da morte do amigo pernambucano, no Rio de Janeiro afirmando estar estarecida a intelectualidade brasileira residente naquela cidade. Para Roberto Pereira o cenário era o seguinte:

A sua morte foi uma consternação nacional conforme pude sentir no Rio de Janeiro, onde me encontrava em viagem de trabalho, hospedado no Flórida, hotel conhecido ora como dos pernambucanos, ora como de Gilberto Freyre, ora como de Mauro Motta⁴⁴ [...]. Naquele dia, ainda me lembro bem, minha pauta de compromissos estava gilbertianamente tomada por visitas às entidades culturais, tais como : Academia Brasileira de Letras, Conselho Federal de Cultura, de quem Gilberto Freyre era um dos seus membros, Editora e Livraria José Olympio e Associação Brasileira de Imprensa, nesta para as bênçãos de Barbosa Lima Sobrinho [...]. Cumprindo o périplo pude sentir, na emoção do momento, o quanto a nata da intelectualidade brasileira estava tocada pela lacuna impreenchível que o talento criador de Gilberto encerraria qual perpetuação da sua variada e estonteante obra literária e científica. Nesse dia, nas instituições culturais do Rio de Janeiro, ainda a capital brasileira da inteligência, não houve trabalho⁴⁵.

Tudo que Gilberto Freyre enumerou como memórias de Apipucos, de Recife, de Pernambuco, do Nordeste açucarocrático, estava interagindo com a

⁴³ CARENA, Carlo. 'Ruína/restauro'. In.: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, vol. I, p. 107. (História-Memória)

⁴⁴ Poeta pernambucano natural da cidade de Nazaré da Mata, região da Mata Norte do Estado.

⁴⁵ *Diário de Pernambuco*, 16 de julho de 1990, seção 'Opinião'.

vida íntima e intelectual do escritor. Os espaços foram por ele transformados em lugares de memória, num quebra-cabeça em que as peças não são em sua totalidade completas, em virtude do tempo da memória: fragmentado, disperso e velado. O desejo de Gilberto Freyre, munido de grande esforço, foi-se realizando. Ele mesmo, paulatinamente, foi-se transformando em memória. Desejo que lhe custou várias décadas de trabalho, acordos, cooperações e conflitos.

1.2. A casa é patrimônio.

Em 15 de março de 1900 nasce, na cidade do Recife, Gilberto de Mello Freyre. Cresce em meio aos arroubos da cidade e o bucolismo do campo. Aos nove anos de idade passará uma temporada no Engenho São Severino dos Ramos, pertencente aos seus familiares. É, lá, com D. Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello, sua avó materna, que ele tomará contato com suas origens. Era com ela, declara o escritor, que as conversas

sobre os 'bons tempos antigos' [ganharam importância]. Na família, era ela a única pessoa que admitia, então, que os tempos antigos tinham sido bons. Todos os outros pareciam ser 'futuristas' ou 'pós-impressionistas' de uma ou de outra espécie⁴⁶.

Quando deixa o Recife por volta dos dezoito anos de idade para estudar na Universidade de Baylor, Estados Unidos, reduto na época, de alguns jovens recifenses, Gilberto Freyre lamenta a distância que terá de enfrentar ao ficar longe de suas referências. Em 1920 finaliza seus estudos em Baylor recebendo o título de Bacharel em Artes. Segue para Nova York onde inicia o curso de mestrado na Universidade de Columbia sob os auspícios do professor de História William Shepherd⁴⁷, seu orientador. Dois anos depois defende sua dissertação *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*, e, em Baltimore, vê-la publicada pela *Hispanic American Historical Review* (vol. 5, nº 04, nov. 1922).

É na dissertação de mestrado que Gilberto Freyre inicia a sua incursão genealógica. Sob a inspiração de sua avó materna, o escritor dedica-se à história íntima do Brasil. É a partir das leituras de Marcel Proust e Walter Pater que

⁴⁶ FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Trad.: Waldemar Valente. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 3ª ed., 1985, p. 40.

⁴⁷ Maria Lúcia mostra que não foi Franz Boas quem chamou a atenção de Freyre para estudar em Columbia e, sim, William R. Shepherd, profissional dedicado à História da América do Sul. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre : um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005. Sobre o assunto sugiro a leitura do terceiro capítulo.

[...] o gosto pela recaptura daquele tempo que o indivíduo, pela extensão da memória individual em memória familiar e até tribal ou nacional, pudesse surpreender [...] e no qual encontrasse suas origens mais íntimas juntamente com uma melhor percepção daquilo que [é] [...] contraste [...] [e] ao mesmo tempo [...] a semelhança – entre o que somos e o que fomos [...]”⁴⁸.

E mais adiante, completa:

[Vida social no Brasil nos meados do século XIX] [...] é uma tentativa da parte de um brasileiro para conhecer o Brasil nos meados do século XIX em sua vida quanto possível íntima [...] ‘para saber como vivia o povo, que trajes usava, que aparência tinha’. Principalmente para isto: para saber como viviam no Brasil dos meados do século XIX os avós e bisavós de um brasileiro de hoje”⁴⁹.

Defender o passado familiar brasileiro das rupturas da modernidade é uma intenção perene no agir de Gilberto Freyre. A casa, espaço físico de ebulição social, é o bem material que maior atenção desperta no escritor. A casa, para ele, é o centro no qual o brasileiro pode encontrar-se e descobrir-se na categoria de ser social: “a relação do homem com a casa é [...] quase o que é a relação do homem com o ventre materno, o ventre gerador, o abrigo do útero.”⁵⁰

Na dedicatória do livro *Sobrados e Mucambos* Gilberto Freyre faz menção à casa em que nasceu quando diz: “A meu pai e à memória de minha mãe, em cuja casa ainda meio patriarcal, e agora já demolida, da estrada dos Afritos, no Recife, foi escrita grande parte deste trabalho”⁵¹.

Gilberto Freyre é gerado, atualizado e reatualizado pela casa dos pais, dos avós e a de Apipucos onde constituiu seus descendentes. Patrimonializar a casa é a tentativa de resguardar a confluência dos três tempos na constituição de um: o tempo tríplice. Freyre sai em “busca de um tempo em grande parte perdido e [à] procura de um tempo social total que devesse ser reencontrado

⁴⁸ FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Trad.: Waldemar Valente. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1985, p. 37.

⁴⁹ *Idem*, p. 40.

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. *Oh de casa! em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Rio de Janeiro: ARTENOVA, 1979, p. 36.

⁵¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: RECORD, 13ª ed., 2002, p. 05.

não só por um indivíduo como por um povo”⁵². Sente-se, portanto, na responsabilidade de encontrar não só a sua origem como a do povo brasileiro.

Patrimonializar e musealizar a casa e os seus caracteres é tentar recolher cacos de vidas caladas. É o que Freyre faz quando destina uma seção do Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, aos aspectos da casa brasileira. E ainda:

Constam também fragmentos de madeiras, utilizadas na construção de antigas casas do tipo nobre e do médio: portas, janelas, forros de antigas casas de residência, telhas antigas; exemplares de tijolos antigos das mesmas casas; exemplares de azulejos domésticos antigos; exemplar de banheira de mármore que pertenceu a antigo sobrado patriarcal; exemplar de aparelho sanitário superdecorado, de louça inglesa, que pertenceu igualmente a casa nobre antiga, acusando a substituição, no fim do século XIX, do urinol decorado [...]; exemplares de pinhas e estatuetas de decoração das casas urbanas (século XIX); vários ex-votos relativos a casas: casas próprias sempre muito desejadas repita-se pela gente brasileira, média e proletária para as quais parece continuar a não haver ‘casa como a minha’⁵³.

Completa a fala, dizendo:

É a única coleção desse gênero em museu brasileiro. Nenhum estudioso da casa brasileira – da sua arquitetura, do seu mobiliário, da sua mística, dos vários tipos de construção, da sua arte, da sua história – pode ignorar o que essa seção do Museu de Antropologia do Instituto Joaquim Nabuco [, só em 1985 é transformado em Fundação,] contém de material de interesse antropológico, histórico-social e sociológico⁵⁴.

A casa de Apipucos será o resultado de uma ação em favor do reencontro de Gilberto Freyre com o seu passado. Compor a feição da casa de Apipucos com objetos de época não significa apenas ornamentação estética e sim a tentativa de ordenação de sentimentos impregnados nos objetos. É nas rugas dos objetos que Freyre alimenta parte de sua vaidade. É nos objetos que está a sua ligação com o passado. É na casa de Apipucos que as imagens dos tempos patriarcais confortam o escritor.

⁵² *Idem*, p. 38.

⁵³ *Ibidem*, p. 39.

⁵⁴ *Id. Ibidem*, p.39.

Gilberto Freyre admira seus feitos, as suas obras. Darcy Ribeiro, em prefácio à edição venezuelana de *Casa-Grande & Senzala*, procura sublinhar a vaidade de Freyre como pitadas de bom humor:

Gilberto Freyre tem uma característica com que simpatizo muito. Como eu, ele gosta que se enrosca de si mesmo. Saboreia elogios como a bombons, confessa. Sendo este seu jeito natural, em torno dele se orchestra um culto que Gilberto preside contente e insaciável. Apesar de mais badalado que ninguém, é ele quem mais se badala. Abre seus livros com apreciações detalhadas sobre suas grandezas e notícias circunstanciadas de cada pasmo que provoca pelo mundo afora. E não precisa ser assim. Afinal, não é só Gilberto que se admira. Todos o admiramos. Alguns de nós, superlativamente. Guimarães Rosa, o maior estilista brasileiro, nos diz que o estilo de Gilberto já por si daria para obrigar a nossa admiração. Mestre Anísio, o pensador mais agudo deste país, nos pede que antecipemos a Gilberto a grandeza que o futuro há de reconhecer nele, 'porque ficamos todos mais brasileiros com a sua obra'. Fernando de Azevedo, falando em nome da sociologia, quase repete Anísio ao nos dizer que 'todos lhe devemos [...] um pouco do que somos e muito do que sabemos'.⁵⁵

Dentre os feitos do escritor, a Fundação que leva o seu nome é o último empreendimento resultante de um desejo de enfatizar a construção intelectual como um espelho refletindo a personalidade arguta. Os reflexos desse espelho são as memórias por ele incitadas quando o passado é visto com positividade. A memória, impregnada na casa de Apipucos, é monitorada pelo tempo que Freyre chama de tríblio. Aplanada, por sua vez, pelo presente que é um tempo de síntese⁵⁶, conflitos psicológicos (e não só) e lembranças voluntárias e involuntárias. Freyre carece do passado. Deixa envaidecer-se pela dimensão do tempo que acredita ser vital. Trata-se, portanto, conforme declara David Lowenthal, da [...] consciência do passado [que] é, por inúmeras razões, essencial ao nosso bem-estar⁵⁷.

⁵⁵ RIBEIRO, Darcy. 'Gilberto Freyre: uma introdução à Casa-Grande & Senzala'. In: *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: RECORD, 2001, p. 11.

⁵⁶ Vide REZENDE, Antonio Paulo. 'Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta'. In.: *Escrita de si, escrita da história*. Organização de Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 78.

⁵⁷ LOWENTHAL, David. 'Como conhecemos o passado'. In: *Revista Projeto História*. Trad.: Lúcia Haddad. São Paulo: EDUC, nº 17, nov., 1998, p. 64.

Registrado com o número 1245-T-87, de acordo com a *Certidão de Tombo*⁵⁸ em poder da 5ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Pernambuco, o complexo patrimonial da Fundação Gilberto Freyre divide-se em dois livros de tombo que obedecem à seguinte ordem nominal e de inscrição: *Livro Histórico* sob a inscrição de número 527 e o *Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico* de inscrição 103. Especificidade que obedece ao tombamento tanto do espaço arquitetônico quanto do paisagístico. Desse modo, realizava-se o desejo de Freyre: tornar a sua residência um patrimônio nacional brasileiro.



04 – Vista lateral da *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*. Sede da Fundação Gilberto Freyre. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

⁵⁸ CERTIDÃO de Tombo. Pasta ‘Certidão de Tombamento’ – Recife/PE (Arquitetura ‘Conjuntos’). E sobre o assunto discorre o Diário Oficial da União – DOU de 05/09/1988: “Ministério da Cultura/Gabinete do Ministro/Despacho do Ministro em 30 de agosto de 1988. O Ministro de Estado da Cultura, no uso das atribuições que lhe confere a lei nº 6.292, de 15 de dezembro de 1975, e tendo em vista a manifestação do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em sua 133ª reunião realizada em 22/05/88, ‘resolve’ homologar, para os efeitos do decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o tombamento do imóvel localizado na Rua Dois Irmãos, 320, denominado Vivenda Santo Antonio de Apipucos, no município de Recife, Estado de Pernambuco, com área de 9.797,84 metros quadrados incluídos a edificação e o sítio paisagístico ao seu redor, a que se refere o processo nº 1.245 – T – 87/SPHAN, volumes I e II” [Ass.:] *Hugo Napoleão*. Documento na Pasta/Seção Vivenda Santo Antonio de Apipucos/Recife/PE – Edifício e Sítio Paisagístico/Ocupação: Fundação Gilberto Freyre. Arquivo da 5ª Superintendência Regional do IPHAN/Recife-PE.

O reconhecimento foi lavrado pelo conselheiro-relator Roberto Cavalcanti de Albuquerque quando da elaboração do documento, intitulado de *Gilberto, Construtor da Cultura Nacional*, que propõe, a partir da Reunião do Conselho Consultivo do ainda SPHAN, o tombamento da casa do antropólogo pernambucano. Casa surgida do “colecionamento”⁵⁹.

Patrimônio para Gilberto Freyre, em relação à sua casa, emerge do sentido de identidade. A casa como indicador de uma obra cultural somada ao aporte civilizatório da nação brasileira por ele erguido. Portanto, propõe o escritor, ser a casa digna de referência frente à descaracterização de outros tantos bens materiais. É o que deixa transparecer em tom de manifesto, quando anota:

O Recife ainda tem, no que é sua imensa área suburbana, casas-grandes de velhos engenhos, agora residências comuns ou sedes de serviços públicos ou de colégios, algumas modificadas na sua arquitetura. A casa do engenho Barbalho (onde nasceu Mário Melo, historiador que muito viveu no Recife e para o Recife) é uma delas: permanece, perto de Apipucos, igual a do engenho antigo. Modificada, existe a do antigo engenho Casa-Forte: célebre por ter sido da famosa Dona Ana Paes, que fascinou holandeses [...]. Há restos das casas-grandes do Engenho Apipucos e do seu vizinho Dois Irmãos. Nestas terras não foi a terrível usina que destruiu pequenas igrejas e capelinhas marias-borracheiras, porém o igualmente terrível ‘progresso urbano’, ao qual, entretanto, Apipucos vem de algum modo resistindo, rurbanizando-se [...]. [Resistência que tem contado com a ajuda do] Governo do Estado e Governos da Cidade, Executivos e Legislativos. Que quanto antes livres Apipucos de olarias poluidoras de ar respirado por moradores do velho subúrbio tradicionalmente residencial – depois de ter sido engenho patriarcal – e de serrarias, uma das quais se vem especializando em poluir o ar com a catimba de uma madeira chamada louro-cagão⁶⁰.

⁵⁹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. ‘O patrimônio como categoria de pensamento’. In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 22. E ainda na página citada, partindo da ótica antropológica, diz o autor: “Todo e qualquer grupo humano exerce algum tipo de atividade de colecionamento de objetos materiais, cujo efeito é demarcar um domínio subjetivo em oposição a um determinado ‘outro’. O resultado dessa atividade é precisamente a constituição de um patrimônio. No entanto, nem todas as sociedades cujo processo de acumulação de bens tem como propósito a sua redistribuição, ou mesmo a sua simples destruição, como é o caso do ‘kula’ trobriandês e do ‘potlatch’, no Noroeste americano. Para citar os dois exemplos de culturas não modernas, Gonçalves, tomou como suporte o antropólogo social Bronislaw Malinowski e o também antropólogo Marcel Mauss”.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), p. 24.

A propósito do documento assinado por Roberto Cavalcanti de Albuquerque, pode-se dizer que é um texto no qual fica impressa a sua intimidade para com a obra freyriana ao tentar justificar o tombamento do complexo patrimonial erguido por Gilberto Freyre. Muitas das categorias e idéias expressas por Albuquerque são do uso comum de Gilberto Freyre. Os argumentos proferidos e registrados pelo conselheiro-relator, em 02 de maio de 1988, revelam uma característica peculiar aos membros do Conselho Consultivo, segundo aponta Mariza Veloso Motta Santos: “[...] cada conselheiro mantém diante de si e dos outros, a mesma atitude: a de quem conhece o objeto o qual fala, o que [...] [deduz] poder de enunciação sobre o mesmo”.⁶¹

A justificativa de tombamento redigida por Roberto Cavalcanti de Albuquerque passou pelo crivo da esposa de Gilberto Freyre, à época presidente da recém-criada Fundação Gilberto Freyre, que demonstrou satisfação ao ler o texto. Portanto, a 06 de maio de 1988, Magdalena Freyre assina um ofício da Fundação Gilberto Freyre – FGF agradecendo a Albuquerque pelo empenho demonstrado na 133ª Reunião do Conselho Consultivo do SPHAN:

Prezadíssimo amigo Roberto Cavalcanti,

Seu parecer, como relator do processo de tombamento da Vivenda Santo Antônio de Apipucos – a casa de Gilberto Freyre – muito me sensibilizou. Transcende ao formalismo dos pareceres em geral – por mais eruditos que o sejam – para se transformar numa página de fina grandeza intelectual, um estudo apologético da obra de Gilberto Freyre e da importância que *e/le* dava à casa ao estudar a sociedade brasileira. Seu parecer é, realmente, uma homenagem a Gilberto, com que se solidarizou o conselho da (sic) SPHAN, aprovado, por aclamação, o tombamento da vivenda de Santo Antônio de Apipucos a que sucederá, por certo, a preservação ambiental do bairro de Apipucos.

Com os meus agradecimentos,
toda a admiração de Maria Madalena de Mello Freyre [.] Presidente.⁶²

O discurso de Roberto Cavalcanti de Albuquerque apela para o argumento da perpetuação da obra freyriana por intermédio do reconhecimento

⁶¹ SANTOS, Mariza Veloso Motta. ‘Nasce a Academia SPHAN’. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1996, nº 24, p.83.

⁶² Resposta à solicitação de tombamento feita pela presidente da Fundação Gilberto Freyre – FGF. FGF/Ofício nº 124/88. Recife, 06 de maio de 1988.

patrimonial que, uma vez catalogada em dois dos três Livros de Tombo do ainda Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, transformando-a em monumento nacional. O contrário não poderia ser, dada a afirmativa de Albuquerque que versa:

Gilberto Freyre fez muito – muitíssimo – pela memória nacional. Reabilitou-a. Valorizou-a. O ato de hoje [,considere-se a data supracitada,] é pouco – pouquíssimo. Não tenho dúvidas quanto às razões que justificam este tombamento na forma em que está colocado e no seu mérito.⁶³

Documento que exalta a especificidade do sentido social da casa, da cultura e da civilização para Gilberto Freyre na construção da chamada “identidade nacional brasileira”. Roberto Cavalcanti de Albuquerque, por sua vez, procura valorizar a distinção entre cultura e civilização para justificar que a casa de Freyre não era só a residência de um cientista social renomado, mas a vivenda do intérprete do complexo cultural brasileiro. Considerando esta questão, torna-se importante citar o seguinte trecho escrito por Albuquerque:

Há uma tensão oculta, uma antinomia latente entre cultura e civilização. A cultura, produto de uma herança coletiva, salienta as diferenças nacionais, suas peculiaridades, seu caráter específico: refere-se ao homem e à sociedade vistos de dentro, a sua alma, seus sentimentos profundos, seus valores essenciais. A civilização, ao contrário, encaminha a padronização do mundo, sua uniformidade. Acentua o que é – ou o que deve vir a ser – comum a todos os homens: seu domínio, pela técnica, sobre a natureza, o usufruto das benesses do progresso. A civilização conota a idéia de evolução, progressão constante para o futuro. A idéia de cultura revive e atualiza, no presente, um eterno passado. Gilberto Freyre – o homem e a obra – é a mais importante expressão da cultura nacional deste século. [O século XX]. Recupera, revive, recria, renova, revaloriza a identidade nacional no que lhe é mais próprio, mais significativo, mais íntimo. Descreve, desvenda, desnuda, descobre as motivações profundas, os sentimentos escondidos, os desejos insuspeitados da alma nacional. E surpreende no gesto, nas atitudes, nos comportamentos, nos anseios e aspirações o que há de próprio, de peculiar, o que está dentro, no íntimo: revela-nos a alma brasileira, define o caráter nacional.⁶⁴

⁶³ Roberto Cavalcanti de Albuquerque, p. 06.

⁶⁴ *Idem*, p. 06.

É pertinente pôr em pauta, diante dos conceitos abrangentes de “patrimônio”, “cultura” e “identidade nacional”, o esforço de refletir sobre o grau de pertencimento do cidadão para com os bens tombados pelo IPHAN. Esta é uma questão cara por tratar-se de definições técnicas e até mesmo acadêmicas, promovidas pelos órgãos governamentais que definem aquilo que é ou não patrimônio da sociedade que “representam”. O que acaba por criar uma ausência de legitimação por parte da opinião pública acerca do patrimônio instituído pelo Estado, que em geral toma para si discursos e justificativas de intelectuais para respaldar suas práticas. Ato que se anuncia na justificativa de Roberto Cavalcanti Albuquerque ao lidar com o reconhecimento legal da casa e do sítio ao seu redor, pertencentes a Gilberto Freyre. Algo que passa a referendar os intelectuais como os pólos definidores do que é e do que não é cultura, tornando-os até mesmo em sinônimos de cultura. O “patrimônio” restringe-se às edificações de “pedra e cal”⁶⁵ e a “cultura” passa a corresponder às conjecturas acadêmicas.

Roberto Cavalcanti de Albuquerque, depois de terminada a sua fala em favor do tombamento da casa e do sítio-jardim de Gilberto Freyre, de acordo com a ata de Reunião do SPHAN, de 02 de maio de 1988, foi aplaudido pelos conselheiros. Um dos conselheiros sugeriu a publicação do texto, definindo-o, como um exemplo de “história e de brasilidade”. A ata, assinada pela Secretária Executiva do Conselho Consultivo, Regina Elena Pinto Vieira

⁶⁵ Sobre as afirmações de Gilberto Freyre acerca da arquitetura colonial das casas-grandes, o arquiteto Geraldo Gomes, propõe ressalvas: “A escassez de fontes bibliográficas e iconográficas sobre a arquitetura civil rural, no período colonial, é ainda um problema sem solução, o que não impediu que Gilberto Freyre, com sua visão enciclopédica, lançasse, em ‘Casa-Grande & Senzala’, teses discutíveis, que tiveram o mérito de estimular pesquisas específicas nos domínios da arquitetura. [...] Gilberto Freyre caracteriza uma casa-grande do século XVI com ‘alpendre na frente e dos lados’, mas não faz referência alguma à fonte que o autorizou a destacar essa característica. Não conhecemos texto ou imagem que confirmem a caracterização referida. [...] A única documentação iconográfica sobre as casas-grandes dos engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro se deve aos holandeses que ocuparam Pernambuco de 1630 a 1654. Três pintores holandeses, Post, Eckhout e Wegener, com diferentes níveis de domínio da técnica entre si, documentaram a vida urbana e rural do Nordeste brasileiro com relativa fidelidade, ora porque alguns dos quadros foram pintados no exterior, a partir de anotações de suas estadas no Brasil, ora pela limitação técnica de representação. [...] As generalizações eram feitas [por Freyre] com tanta firmeza e segurança que se considerava uma heresia contestá-las principalmente quando partiam de celebridades como Gilberto Freyre. Quem admitiria que o mestre, sendo admirado por tudo que escreveu, tivesse cometido equívocos de avaliação?”. GOMES, Geraldo. ‘A arquitetura em *Casa-Grande & Senzala*’. In: *Casa-Grande & Senzala, edição crítica*. Fundação Vitae. Coordenação: Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta e Edson Nery da Fonseca. 1ª ed., Madrid; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, pp. 749-753. (Coleção Archivos, 55)

Ribeiro, e pelo Presidente do Conselho, Oswaldo José de Campos Melo, como pelos demais conselheiros, pontua a opinião de alguns dos participantes sobre a solicitação de Albuquerque:

O Conselheiro Eduardo Kneese de Mello se manifestou [...] dizendo que [...] [se tratava] de uma lição de história e de brasilidade [...]. A Conselheira Maria Beltrão usou da palavra para dizer que, como havia sido eleita para a vaga anteriormente ocupada por Gilberto Freyre, na Academia Brasileira de Artes, não poderia deixar de agradecer a generosidade das pessoas que a acolheram e também de dizer do vazio impreenchível que ele deixou com seu desaparecimento. O Conselheiro Modesto Cavalcosa também se congratulou com o relator pelo maravilhoso parecer e apoiou a proposta do Conselheiro quanto a necessidade de preservação, não só do sítio, mas de todo o Bairro de Apipucos, tendo como eixo a propriedade de Gilberto Freyre. Sugeriu ainda que, partindo do parecer do Conselheiro Roberto Cavalcanti de Albuquerque, fosse feito, com urgência, um estudo de Apipucos, não como entorno, mas como área realmente de preservação, sob o aspecto histórico e paisagístico⁶⁶.

Com o tombamento em 1988, a casa de Gilberto Freyre adquire notoriedade ao justificar-se como patrimônio dos brasileiros. Um conjunto de cômodos que abriga azulejos que lembram as Quintas portuguesas, peças etnográficas que apresentam o culturalismo antropológico do proprietário e a mobília anunciando a hierarquia social e o ofício de estrangeiros radicados em Recife no trato da madeira, assim como o gosto da burguesia urbana ou semi-urbana dos meados do século de 1800 pelos móveis pesados de madeira nobre tropical. Trata-se da *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*, implantada num bairro de nome expressivo, “como quase todo nome pernambucano que se preza – nome de subúrbio, nome de povoação, título de visconde – foi nome de engenho”⁶⁷. Apipucos, a partir desta lógica, tornou-se um lugar de memória⁶⁸.

⁶⁶ Ata da 133ª Reunião do Conselho Consultivo do SPHAN, de 02 de maio de 1988, fls. 02-03.

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), p. 32.

⁶⁸ “A representação sobre o que seja uma ‘memória’ é portanto inextricável do seu uso social, e a *mnemotecnia* ou as artes da memória constituem uma preciosa via de acesso à interpretação das culturas. *Vide* DUARTE, Luiz Fernando Dias. ‘A construção social da memória moderna’. In: *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, nº 41, ago./1983, p. 28. (Nova Série, Antropologia).

1.3. Gilberto Freyre e o SPHAN

No calor das discussões sobre o patrimônio brasileiro, Gilberto Freyre sai em defesa do mucambo. Sabendo da dificuldade para concretizar este tipo de tombamento, registra descritivamente em documento as características sociológicas e físicas da moradia “ecológica” do Recife. Um bem que se deteriorava com facilidade e rapidez em virtude do material utilizado.

Freyre publica em 1937 *Mucambos do Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil*, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. O texto contém em sua seção de ilustrações desenhos de Manoel Bandeira e Dimitri Ismailovitch. O primeiro encarrega-se de enfocar técnica e funcionalmente o mucambo, especificando os distintos tipos deste gênero de moradia. Já o segundo preocupa-se em situar espacialmente os mucambos em seus ambientes mais comuns.

Gilberto Freyre, num tratado de identificação arquitetural para o SPHAN, imprime o tom de distinção hierarquizante, embora vislumbre uma escrita etnográfica, ao relacionar o mucambo às construções de estrutura rija das casas patriarcais. Busca localizar no mucambo a origem das influências culturais portuguesas através do difusionismo:

Na arquitetura doméstica mais *nobre* do Nordeste – a casa grande de engenho, o sobrado de azulejo, a *casa dura e forte de pedra-e-cal* – a influência do português – neste ponto, como em tantos outros, enriquecido pela *experiência asiática e pelos contatos com os mouros* – foi decisiva. Surpreende-se apenas um ou outro vestígio de influência holandesa ou italiana, destoando do gosto português e da técnica portuguesa, dominantes na arquitetura dos primeiros séculos de colonização⁶⁹.

Mais à frente, complementa:

⁶⁹ FREYRE, Gilberto. *Mucambos do Nordeste: algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Brasil*. Recife: IJNPS, p. 29. (grifo meu).

Só no século XIX viriam certas modas européias de casa quebrar a uniformidade portuguesa – a moda do florentino, do gótico e principalmente do ‘chalet’. O ‘chalet’, este incorporou-se de tal modo à paisagem regional que em alguns trechos venceu a casa acachapada de quatro águas⁷⁰.

Por fim, destaca:

Na construção de casa popular mais simples é que a influência dominante foi e é ainda a africana ou a indígena. Tanto que a denominação de casa desse tipo que mais se generalizou no Nordeste foi a africana: mucambo ou mocambo. Ou seja[,] uma palavra quimbunda [...] formada do prefixo mu + kambo, quer dizer esconderijo⁷¹.

Nesta obra, de 1937, Gilberto Freyre anuncia a força da interpenetração cultural. Informa o autor que, mesmo de predominância africana e indígena, o mucambo apresenta janelas e portas oriundas do modo europeu de fazer e morar. O mucambo caracteriza-se como cultura material de traços primitivos⁷², haja vista o aparato de recursos extraídos da natureza destinados à sua composição estrutural como o capim-açu, contrastando, anota o escritor, com as construções de telhados e azulejos.

[O mucambo,] na sua pureza de habitação vegetal, com os cipós fazendo as vezes de pregos e as portas feitas da própria palha ou folhas do tapumes e da cobertura, o mucambo do litoral do Nordeste, quando construído no seco e entre coqueiros, exprime aquele primitivismo de cultura de todo atraente. As aldeias de mucambos desse tipo surgem aos nossos olhos com uma doçura de povoações de ilhas do Pacífico – as mais romantizadas pelos viajantes, pelos poetas e até pelos antropologistas. O seu ar é o de casas inteiramente à vontade entre as palmeiras e à beira do mar ou da água doce. Alguns são até lacustres: palhoças trepadas em pernas de pau dentro d'água ou dos mangues⁷³.

⁷⁰ *Idem*, p. 29.

⁷¹ *Ib. Ibidem*, p. 29.

⁷² O termo ‘primitivo’ é uma constante em *Mucambos do Nordeste*. Trata-se de uma expressão aplicada com o intento de pontuar o viés mais inicial de nossa cultura segundo acredita Gilberto Freyre.

⁷³ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1967), pp. 29-30.

Registrando os mucambos na etnografia brasileira, Gilberto Freyre lança-se ao esforço de contribuir com a empreitada do historiador da arte, Rodrigo Mello Franco de Andrade⁷⁴, de instituir a memória patrimonial do país: tarefa esta baseada na tentativa de preservar coisas sob o senso de perda. Tarefa pensada por homens de gabinetes preocupados em “salvar” o passado da morte. Logo, as construções vistas por Rodrigo e Gilberto como patrimônio acabam por emergir de suas classificações acadêmicas elevando-as ao status de ruínas⁷⁵.

Num artigo para o *Diário de Pernambuco*, de 09 de dezembro de 1923, Gilberto Freyre sai em defesa da posição do deputado pernambucano Luis Cedro Carneiro Leão, acerca da criação da Inspetoria de Monumentos Históricos. Luís Cedro, a propósito, participou ao lado de Freyre no “conclave” do Manifesto Regionalista e do Centro Regionalista do Nordeste.

No artigo de 1923, Freyre assenta críticas aos intelectuais do Instituto Histórico de Pernambuco que, na visão do escritor, nada faziam para salvar as construções de época passadas erguidas em Pernambuco. Eles, os intelectuais de fraque do Instituto, deixaram cair sobre o Recife o espírito da modernidade descabida. Desse modo, “é o Recife novo uma obra inestética de engenheiros de que se envergonharia o mais rude ‘cementarius’ medieval.”⁷⁶

No mesmo artigo, ou melhor, no artigo-manifesto, completa:

Se alguém quiser sentir todo o agudo contraste entre o Recife de agora salpicado de anjinhos e confeitos nos seus frontões e os dos nossos avós, alugue um bote ou uma lancha e de certa distância contemple estes dois vizinhos: o Arsenal e o edifício da fiscalização Federal do Porto. O Arsenal – firme, puro, sóbrio; o edifício novo – rebarbativo, desgracioso, absolutamente sem caráter. A não ser que o tivessem edificado para sede de alguma federação de clubes de ‘foot-

⁷⁴ Algumas das cartas emitidas por Gilberto Freyre a Rodrigo Mello Franco de Andrade foram publicadas na coletânea “Cartas do próprio punho...”. As que contam na publicação datam de 1932 a 1933, além daquelas que não foram datadas pelo escritor pernambucano. Vide FREYRE, Gilberto. *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Brasília: MEC – Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1978. Na nota explicativa, sublinha Gilberto Freyre: “A autoria deste livro pertence a Sylvio Rabello e não a quem escreveu as cartas que ele reuniu e selecionou para publicação, precedendo-as de um longo ensaio crítico-biográfico. Esta introdução é que é importante: as cartas serviram-lhe de pretexto. Portanto, o autor deste livro é Sylvio Rabello. Os direitos autorais cabem à sua viúva, D. Esmeralda Rabello.”

⁷⁵ CARENA, Carlo. *Op. Cit.*, p. 107.

⁷⁶ FREYRE, Gilberto. ‘34’. *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979, p. 341.

ball' [...]. ou para obter o áureo 'Grand Prix' num concurso de Mau Gosto.⁷⁷

Freyre sugere no artigo-manifesto que o projeto de Luís Cedro, o da Inspetoria, detivesse atenção para os trabalhos de restauração dedicados aos edifícios dos tempos dos avós, que sofriam com a descaracterização promovida pela especulação imobiliária de então.

À Inspetoria de Monumentos Históricos incumbiria proteger os edifícios como o Arsenal. E teria por certo de dedicar-se um pouco à obra difícil de restauração – isto é, retirar de certos edifícios antigos as espessas camadas de rebocos, estuques e argamassas restituindo-os à sobriedade ou à ingenuidade original.⁷⁸

E completa:

[O Brasil precisa de] uma campanha que nos eduque no gosto da antiguidade. No gosto do nosso passado. Da nossa tradição. William Morris, propondo na Inglaterra em 1877 a criação duma sociedade a que a do projeto do Sr. Luis Cedro em parte se assemelha, lembrava que se procurasse avivar por todos os meios os gosto da antiguidade. Morris queria sobretudo 'awaken a feeling that our ancient buildings are not mere ecclesiastical toys but monuments of national growth and hope'.⁷⁹ Desse seu apelo nasceu toda uma literatura de amor pelos móveis – esses em que se sente a carícia das mãos criadoras do 'magister in arte fabricatural'. E penso às vezes que foi essa literatura de ação – não só dos Morris como dos Ruskin – o que principalmente contrariou na Inglaterra e nos Estrados Unidos a vitória absorvente da máquina e do chamado Progresso. Talvez em nenhum país se encontre hoje tanto amor pelas coisas antigas como na Inglaterra. Na Inglaterra [...] são ainda numerosos os hotéis e 'inns' sem luz elétrica: servem-se os hóspedes, como há cem anos, de círios de cera. Nas cozinhas de Oxford ainda se assam as viandas a espeto, à moda medieval.⁸⁰

No afã da juventude, e ainda entorpecido pelas inspirações vitorianas, Gilberto Freyre, recém chegado dos estudos do exterior, insiste na defesa dos

⁷⁷ *Idem*, p. 342.

⁷⁸ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), p. 342. (grifo meu)

⁷⁹ Sobre o fragmento em língua inglesa, lê-se: "despertar um sentimento de que as nossas construções antigas não são meros brinquedos eclesiásticos, mas monumentos de esperança e crescimento nacional."

⁸⁰ *Idem*, p. 342.

bens materiais de época que o Recife aos poucos ia deixando cair na inexistência.

Apegado ao rural, ao ancestral, ao passado inocente, Gilberto Freyre propõe que fossem instituídos dias para evocar-se a saudade. Para tanto, promove, através do artigo de 1923, aqui já tão citado, um chamamento audível:

Entre nós, impõe-se [...] uma campanha que nos habite a contrariar um pouco a atual volúpia da novidade. Entre os meninos de escola, entre os rapazes de faculdade, entre os mais moços que são os mais plásticos, deveria estabelecer-se um Dia do Passado. Ou da Tradição. Um dia em que nos recolhêssemos misticamente ao Brasil brasileiro dos nossos avós; e falássemos deles. Um dia de romagem aos edifícios velhos: tantos deles cheios de boas inspirações para bons edifícios modernos.⁸¹

Pensar, identificar, definir o complexo cultural de uma nação depende do valor atribuído à causa. Depende, ainda, da ótica com a qual é enxergada a nação. Blanc-Pamard e Raison⁸² dizem que a paisagem é apresentada por intermédio de uma cultura. Cada uma vislumbra a paisagem de acordo com as suas instituições morais, sociais e étnicas. Desse modo, intelectuais mergulhados em suas convicções podem ditar as regras que delineiam a face cultural do país de acordo com os seus interesses e concepções acadêmicas.

Na busca incessante pela memória, Rodrigo Mello Franco de Andrade contribuiu, conforme a defesa de Mário Barata, para a institucionalização dessa dimensão moderna do agir. Burocracia e técnica surgem em detrimento de aspirações e convencimentos: como o da identificação do cerne gerador da civilização urbana brasileira afixada nas cidades barrocas do século XVIII de Minas Gerais. Para os homens cultos, próximos direta ou indiretamente do Estado (neste particular do de Getúlio Vargas), encontrar a suposta essência brasileira era de importância capital ao senso de nacionalidade do Brasil. E o Estado, como máquina coercitiva, carecia de símbolos, de unidade e de

⁸¹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), p. 343.

⁸² BLANC-PAMARD e RAISON *Apud* CARENA, Carlo. *Op. Cit.* (1997), p. 107.

intelectuais. Gilberto Freyre era um deles. Mesmo negando-se a participar de forma direta do regime de Vargas, ele teve espaço para divulgar seus escritos.

Situando o pensamento patrimonialista dos dias da fundação do SPHAN, Mário Barata, em artigo elogioso a Rodrigo Mello Franco de Andrade, esboça o ideário dos estudiosos próximos ao historiador da arte, cultor de um conceito de memória cujo princípio deduz a corrida em favor do passado. Mas não é qualquer passado: é o passado instalado nas construções ricas em códigos sociais pedindo por leitura e decifração. Apropriar-se do passado para Rodrigo é reconquistar um referencial de vida já experimentado, sentido. Ao menos é o que inspira Mário Barata ao destacar a importância institucional de Franco de Andrade:

[...] é necessário considerar que um povo sem memória não pode existir dignamente e a memória de uma nação é constituída sobretudo pelos seus monumentos. O Brasil, como memória e como nível de civilização com emprego dos sentimentos estéticos de seus filhos, sempre deverá muito a Rodrigo Mello Franco de Andrade.⁸³

⁸³ BARATA, Mário. 'Rodrigo M. F. de Andrade e a preservação dos monumentos arquitetônicos e de paisagem no Brasil'. In.: *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Conselho Federal de Cultura, jan/março, nº 19, 1974, ano VI. Também em defesa das realizações de Rodrigo Mello Franco de Andrade sai Gilberto Freyre numa publicação *in memoriam* do ex-diretor do SPHAN. A publicação intitula-se de "A lição de Rodrigo – amigos da D.P.H.A.N". Recife: Escola de Artes da UFPE, 1969. Na nota 'Mestre Rodrigo', sublinha Gilberto Freyre: "A sua fundação, o Ministério da Educação e Cultura, pela sua agora inerte Seção de Publicações, bem poderia ter promovido a publicação de um álbum comemorativo dos seus serviços. Um álbum que reunisse fotografias das restaurações que a Diretoria realizou, através de esforços heróicos, nos seus trinta anos de existência e de atividade. Rodrigo Mello Franco de Andrade, o diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é, talvez, a mais alta expressão do espírito público no Brasil do nosso tempo. Ninguém com mais nítida vocação para servir ao país sem servir-se dele. Ninguém mais escrupuloso no desempenho dos seus deveres. Há mesmo um rodrigismo [...]. Um rodrigismo de que Rodrigo vem sendo, nestes trinta anos, exemplo constante e vivo, sem pretensão alguma, de sua parte, de ser modelo ou padrão: a virtude irradia dele sem ele se aperceber de que é exatamente virtuoso. Virtuoso no melhor sentido da expressão. Virtuoso como pessoa. Virtuoso como diretor de serviço público. Virtuoso como brasileiro cuja vida tem sido toda de dedicação ao seu país. A Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional deve a Mestre Rodrigo tudo que esse serviço vem prestando de mais alto como defesa de valores artísticos, como resguardo de relíquias históricas e de paisagens características, como proteção à cultura mais tradicionalmente, mais castiçamente, mais expressivamente brasileira, encarnada em monumentos de vários tipos. É certo que arquitetos, engenheiros, historiadores, críticos de arte, geógrafos têm sido convocados por ele para a atividade complexa que tal serviço, compreende. Mas a visão do conjunto vem sendo sempre a sua. Sua ampla perspectiva sob a qual se vem desenvolvendo a ação múltipla da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Múltipla e heróica, dada a escassez de verbas: penúria contra a qual a Diretoria tem tido sempre de lutar. Que outro serviço público, no Brasil nos últimos anos, se apresenta tão cheio de benefícios à cultura nacional? Parece que nenhum., pp. 39-40.

Rodrigo Mello Franco, na defesa de Mário Barata, “resgata” do ostracismo relíquias que implicam na fundamentação de nossa suposta “consciência do passado”⁸⁴. O presente de Franco de Andrade, por ventura, servirá de espaço para a insurgência de práticas a procura do passado⁸⁵ ideal. Para Gilberto Freyre, Rodrigo Mello Franco ou Lúcio Costa (este em meio aos seus devaneios neo-colonialistas), o passado é encontrado pelo senso de pertencimento estimulado pela existência das ruínas ou relíquias.

É Rodrigo Mello Franco de Andrade, a pedido de Gilberto Freyre, quem escreve a introdução de oito laudas de *Mucambos do Nordeste...*. Assumindo o tom preservacionista, o diretor do SPHAN afirma que o trabalho de Freyre, “sobre assunto de arquitetura popular”, iniciaria o setor de publicações do órgão, uma vez que, declara Franco de Andrade, a moradia dita popular

tem sido considerada entre nós com tão imerecido descaso, que só isso justifica a escolha de um trabalho sobre mucambos do nordeste para preceder a tantos outros versando matéria de maior interesse artístico. Dir-se-ia de fato, tendo-se em vista a bibliografia relacionada com a finalidade deste Serviço (aliás muito escassa e lamentavelmente dispersa), que a história da arquitetura brasileira se processou apenas sob a influência dos estilos eruditos importados da Europa. [...] O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional se empenhará no sentido de impedir que a literatura enfática ou sentimental, peculiar a certo gênero de amadores, se insinue nestas publicações.⁸⁶

Em carta datilografada e sem o timbre do SPHAN, de julho de 1937, endereçada à residência de Freyre na Avenida Rosa e Silva, nº. 317, Rodrigo Mello Franco de Andrade procura informar ao autor de *Mucambos do Nordeste...* que havia escrito a introdução da obra mesmo não se sentindo com autoridade de fazê-lo, afirmando ser a introdução do livro algo inexpressivo frente ao conhecimento de Freyre diante do tema. Franco de Andrade tinha na

⁸⁴ LOWENTHAL, David. *Op. Cit.* (1998), p. 64.

⁸⁵ Lowenthal ressalta que ao “reconhecemos uma pessoa, uma árvore, um café da manhã, uma tarefa, [é] porque já os vimos ou já os experimentamos. E o acontecido é parte integral de nossa própria existência: ‘Somos a qualquer momento a soma de todos os nossos momentos, o produto de todas as nossas experiências’ [...]”. LOWENTHAL, David. *Op. Cit.* (1998), p. 64.

⁸⁶ ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. ‘Introdução’. *In.: Mucambos do Nordeste*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/Imprensa Universitária, 1967, p. 23.

pessoa de Gilberto Freyre um consultor permanente para a realização das atividades do SPHAN. Um exemplo disso, é uma carta emitida por Rodrigo, solicitando ao amigo pernambucano a discriminação de obras portuguesas especializadas em “arquitetura, pintura, escultura, arte popular, artes aplicadas (especialmente mobiliários e ourivesaria), etc.”,⁸⁷ que pudessem contribuir para as atividades do órgão.

A relação de Franco de Andrade com os seus parceiros do SPHAN⁸⁸, a exemplo de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, traduzia-se na troca de informações e na conseqüente construção do significado da pretensa cultura nacional. Para tanto, idéias e ações ganhavam robustez, ao passo que o sentido de patrimônio merecia de seus cultores a discussão crítica e a delimitação teórica capaz de definir e justificar as especificidades da formação cultural brasileira baseada no complexo colonial. Um complexo alavancado por meio de adaptações, improvisações e permissividades advindas do modo português de lidar com os trópicos. Para a antropóloga Mariza Veloso Motta Santos, o SPHAN define-se como uma “academia” por meio da

institucionalização de um lugar da fala, que permite a emergência de uma formação discursiva específica, cuja dinâmica simbólica é dada pela permanente tematização do significado das categorias de histórico, de passado, de estético, de nacional, de exemplar, tendo como eixo articulador a idéia de patrimônio.⁸⁹

Surgia a necessidade de estimular a prática da pesquisa e a sua conseqüente disseminação através das publicações. Logo, o texto de Gilberto Freyre *Mucambos do Nordeste...*, posiciona-se como a parte de um todo.

Franco de Andrade, no intróito ao *Mucambos do Nordeste...*, faz das palavras de Lúcio Costa⁹⁰ as suas no trato da “arquitetura popular”. Em

⁸⁷ Carta de Rodrigo Mello Franco de Andrade a Gilberto Freyre de 1938. Arquivo Documental da Fundação Gilberto Freyre.

⁸⁸ Destaque-se a criação do Conselho Consultivo instituído pela lei de nº 378 do dia 13 de janeiro de 1937.

⁸⁹ SANTOS, Mariza Veloso Motta. *Op. Cit.* (1996), p. 77.

⁹⁰ Lúcio Costa escreve, dentro das aclamações do movimento neo-colonialista, artigo para *O jornal*, segundo informa Gilberto Freyre no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala, O Aleijadinho e a arquitetura tradicional*, na edição dedicada à Minas Gerais. Freyre mencionando o artigo em nota de final de capítulo não informa ano de publicação do artigo.

especial, a portuguesa. Um tipo, a arquitetura portuguesa de moradia, que tinha despertado nos intelectuais e profissionais do SPHAN o interesse em entender a sua capacidade de criação e adaptação aos mais variados ambientes e condições sociais humanas. Algo recorrente aos mucambos, adquirindo, portanto, seu formato peculiar.

Citando longamente um artigo de Lúcio Costa na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Franco de Andrade faz emergir o conceito neo-colonialista vigente na instituição que dirigia. Um conceito aplanado no difusionismo que autoriza as trocas culturais à medida que o contato entre os povos é realizado. O dizer de Costa, apropriado por Franco de Andrade, orienta-se da seguinte maneira:

A arquitetura popular apresenta em Portugal, a nosso ver, interesse maior que a erudita ... Sem o ar afetado e às vezes pedante de quando se apura, ela se desenvolve naturalmente, adivinhando-se na justeza das proporções e na ausência do 'make-up', uma saúde plástica perfeita – se é que podemos dizer assim. Tais características, transferidas – na pessoa dos antigos mestres e pedreiros 'incultos' - para a nossa terra, longe de significarem um mau começo, conferiram desde logo, pelo contrário, à arquitetura portuguesa na colônia, esse despretenso e puro que ela soube manter, apesar das vicissitudes por que passou, até meados do século XIX.⁹¹

As correspondências de Rodrigo Mello Franco de Andrade dirigidas a Gilberto Freyre, pelo menos as que estão sob a tutela da Fundação Gilberto Freyre, externam os constantes pedidos de orientação por parte de Franco de Andrade no trato das questões do SPHAN, além de registrarem os meios de pagamento de honorários pelos trabalhos prestados por Gilberto Freyre ao serviço do patrimônio; assim como reembolsos referentes às suas viagens ao Rio de Janeiro. Na carta de janeiro de 1938, Franco de Andrade destina irrestrita liberdade a seu amigo pernambucano para nomear auxiliares técnicos frente às atividades das repartições do SPHAN nos estados de Pernambuco, da Paraíba, de Alagoas e do Rio Grande do Norte. Dentre as várias ações

Inclusive, é este o artigo de Costa no qual Proust é lembrado como o decifrador da memória involuntária e como o identificador da identidade cultural encravada nos objetos, nas construções materiais.

⁹¹ ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. *Op. Cit.* (1967), p. 38

destinadas a Freyre, o diretor do SPHAN solicita um levantamento de móveis de época existentes em Pernambuco e Estados vizinhos. Para tanto, seriam-lhe remetidos recursos para cobrir as despesas necessárias à produção de fotografias com o objetivo de identificar e registrar móveis de uso civil em poder de colecionadores, instituições religiosas, públicas ou privadas.⁹²

O “modernismo” que Gilberto Freyre sustentava atendia às perspectivas das especificidades locais, ou regionais como ele definia, capazes de imprimir a imagem social de uma gente, por meio de suas expressões culturais, negando-se, pois, à homogeneização das diferenças.

Na primeira edição de *Ordem e Progresso* publicada em 1959, Gilberto Freyre escreve que inferir sobre o passado requer empatia ao estudá-lo. Sendo morto ou latente, o passado exige cautelas antes de ser assediado. O emprego da interpretação para Gilberto Freyre, é justificado a partir do instante em que sensações não são mais recompostas frente à fluidez das gerações. “Para [a realização de] uma sociologia de tempos perdidos”, aconselha:

Para a interpretação de uma época, não é suficiente o analista dela, desdobrado em intérprete, familiarizar-se com o que no seu decorrer foram fatos; ou apenas valores coisas. É preciso que ele se torne quanto possível íntimo das relações entre as pessoas e esses valores; entre as pessoas e os valores materiais; entre as pessoas e os símbolos mais característicos da época. O conhecimento da realidade que o cientista social procura é o que se baseia mais na interpretação que na descrição dessa realidade. Daí ser-lhe necessário buscar penetrar a realidade social através do estudo direto de pessoas, tomadas isoladamente (biografias) ou em interação com outras (biografias sociológicas); através do estudo indireto dessas mesmas pessoas, pela análise de símbolos, palavras e estatísticas que lhes digam respeito; e por ‘penetração simpática’ – (*sympathetic penetration*) – diz o Professor Johnson; ‘empatia’, venho eu dizendo há anos, depois de ter sido o primeiro a empregar em português a expressiva palavra, derivada do grego. Pois já não há mais quem pretenda ver a vida ou o passado do homem, em geral, como sendo racional e de todo explicável através de métodos apenas racionais, lógicos, matemáticos. São valores em movimento, em transformação, em transmutação no tempo e no espaço – aqueles com que tem que lidar o historiador-sociólogo ou o antropólogo cultural ou social que se prolongue em historiador. Donde a necessidade [...] de se ter por ‘verdadeiro conceito histórico’ o de transformação e não o de tempo

⁹² CARTA de Rodrigo Mello de Andrade para Gilberto Freyre, de 19 de novembro de 1938. Arquivo Documental da Fundação Gilberto Freyre – FGF.

fixo. Mas sem que sob este critério – o da transformação – se despreze a consideração das constantes: as constantes das formas e dos processos – pontos em que alguns de nós, sociólogos, antropólogos, e psicólogos sociais modernos, preocupados com os problemas sociais e psicológicos de tempo, vimos talvez concorrendo para libertar o estudo histórico tanto da sua subordinação ao estreito critério da descrição do fato como ao igualmente estreito critério de análise da transformação social, para a esses dois critérios insuficientes e estéreis opormos o do estudo empático de valores e de símbolos, através do estudo sociológico de formas e processos⁹³.

Entre a finitude do homem biológico e a perpetuidade de uma obra, Freyre procura refletir sobre o passado enquanto referência e perenidade ao reescrever o seu diário. Por conseguinte, entre o tempo mutável (o da história) e o tempo da permanência (o da produção de um intelectual e suas heranças sociais) existe o conflito gerado com a diferença entre ambos. A diferença é revelada a partir do possível diálogo entre o novo e o velho. Resultando naquilo por ele denominado de “tempo tríbico”. O tempo tríbico, por seu turno, alimenta-se do espaço temporal surgido com a tentativa de superação histórica em convívio com as constantes sociais. Por esta razão, Gilberto Freyre procura justificar-se, proferindo:

Diários, autobiografias, memórias, cartas, estão entre os transmissores, alguns extremamente modestos, outros magníficos, de um tempo a outro. [...] Mas até os registros de um simples colegial podem ser documento de considerável importância para a transmissão de um tempo a outro: a transmissão do que é imortal nos tempos que em parte morrem, uns mais, outros menos do que os homens. Vários são aqueles diários que, não sendo obras-primas, têm contribuído para um sempre maior conhecimento do Homem pelos homens⁹⁴.

É o que Freyre deseja acontecer consigo com a publicação de *Tempo Morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade – 1915-1930*, de 1975. Coloca-se como Homem construtor de uma obra soerguida através da trajetória de vida social exemplar apresentada aos

⁹³ FREYRE, Gilberto. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro/Recife: Livraria José Olympio Editora/Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1980, p. 74-75. Coleção Brasil Moço.

⁹⁴ FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio do autor’. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975, p. viii.

homens comuns. Transformando-se numa referência intelectual formada de acordo com instituições sociais e políticas das quais participara. Porém, as práticas empreendidas por ele só adquirem significado quando o indivíduo é apresentado como um ser social munido de distinção. Qualidade que Freyre procura cuidar quando prescreve em seu diário precauções capazes, ou sugeridas como capazes, de manter a sua distinção intacta mesmo após a publicação de uma vida privada em forma de livro. Para tanto, entende-se necessária uma avaliação em torno das idéias passadas para não comprometê-lo no presente. Se num dado momento Gilberto Freyre reclamou da quase ausência de documentos como diários e cartas destinados à escrita da história íntima do Brasil, o seu diário passa a contribuir, é o que deseja, com a escrita da vida intelectual brasileira. Portanto, preocupou-se o escritor:

Relendo o que escreveu há anos, o autor não deparou com nenhum auto-elogio ostensivamente deselegante, que o escandalizasse. Nem com excessos de complacência do introspectivo para com sua própria pessoa. O que há, no diário, de deselegante e, às vezes, ridículo, é o registro de muito louvor de pessoas importantes ao adolescente inseguro e ao jovem também incerto acerca de suas aptidões e de seus rumos. Louvores por ele recolhidos com um cuidado de quem absurdamente considerasse o seu diário íntimo possível instrumento de publicidade ou de reclame de pessoa ainda obscura; e que, talvez, por morte prematura de autor tão insignificante, viesse a revelar nele características insuspeitadas até pelos seus íntimos. Inclusive talentos e saberes. A adolescência é um misto de insegurança tímida e de verdade, por compensação, enfática. A verdade, porém, é que o diário foi mantido durante anos como um documento estritamente íntimo, por ninguém lido ou conhecido. Espécie de substituto de um professor católico ou de um psicanalista profissional de quem o autor socorresse em benefício de uma saúde de espírito, exposta, em período de transição tão aguda [...] a tantos riscos⁹⁵.

Para tanto, resolve inferir em torno do título que demarca as suas anotações de adolescência e primeira juventude, conforme assim resolveu defini-las. *Tempo morto e outros tempos* é um diário que foi construído por meio de indícios, pedaços de experiências, acrescidos de lembranças e intervenções momentâneas quando da publicação do texto em 1975. O que

⁹⁵ FREYRE, Gilberto. 'Prefácio do autor'. In.: *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975, pp. viii-ix.

implica na reformulação dos escritos de um diário não mais formulado pelas palavras congeladas de um tempo deixado para trás, mas reavaliado por um homem maduro na tentativa de rever, omitir e esclarecer memórias aprisionadas nos recônditos de um baú. Pensar um passado já vivido é identificar, no caso de Gilberto Freyre, a origem de idéias e valores. Muitos deles surgidos no trato do escritor com a interpretação do Brasil.

Tempo morto e outros tempos, diz Gilberto Freyre, é um registro reavaliado de seu tempo, ou melhor, de seus tempos. Trata-se de um diário não só como registro testemunhal de momentos, mas um manifesto de lembranças descritas e acrescidas na posteridade. Criando, com efeito, o tempo da narrativa: o de uma escrita empreendida sob o afã de elaborar uma imagem camuflada da vida em seus pormenores. Os pormenores privados nem sempre testemunhados. Transitando por esta via, alude:

Do título – sugerido por certos registros do próprio diário em que se fala da relação do homem com o tempo – o autor é o primeiro a reconhecer a inexatidão. Haverá, afinal, de modo absoluto, tempo morto? Ou o homem é que morre, com indivíduo biológico, para, como pessoa, por vezes sobreviver a si próprio e ao seu próprio tempo, num transtempo, este como que imortal? Imortal como superação do tempo apenas histórico. O que morre no tempo parece que é apenas uma parte, maior ou menor, dele: e não o todo que passa de uma época a outra. Épocas que sejam mais que a existência de um homem só. De um simples indivíduo. Mesmo assim, esse homem só é, por vezes, capaz de, pelo que fez ou criou, sobreviver, de certo modo, noutras existências e noutras épocas. O homem de uma época pode, pela arte ou pelo gênio criador de valores, transmitir parte do seu tempo a outros tempos. O que, sendo certo, daria a certos homens o poder de evitar a morte total, do mundo, quer de si próprio, quer do tempo por ele vivido⁹⁶.

Colocando-se no posto do homem de experiência de vida digna de reconhecimento, Gilberto Freyre justifica a sua prática intelectual direcionada ao suposto descobrimento da origem comum aos brasileiros: a do patriarcado rural. Seja ele da cana-de-açúcar, do café ou das estâncias do Rio Grande Sul. Considerando, pois, as suas predominâncias⁹⁷ e não as suas exclusividades de organização social. Tudo, destaque-se, orientado pela

⁹⁶ *Idem*, pp. vii-viii.

⁹⁷ *Vede* FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1985), p. 10.

justificativa da miscigenação não apenas biológica como cultural. Esta última regida pelo português tropicalizado.

O tempo é demasiado caro para Gilberto Freyre. O tempo, destaque-se, tríbico. Quando da compra da casa de Apipucos em 1939, o escritor visa a instituir um espaço não apenas familiar mas um espaço para a futura criação de sua memória-patrimônio. Memória pela vontade de promover a lembrança de seu passado em constante recomposição; patrimônio, pelo esforço em delegar ao Estado o reconhecimento de um conjunto arquitetural e paisagístico destinado à preservação. Se o tempo é tríbico é porque este obedece à compartilha, e conseqüente interligação social entre três gerações na esfera da cultura como bloco moral ou material. Recompôr um passado por meio dos quadros, dos móveis, dos lustres, dos candelabros, dos tapetes, das fotografias, trata-se de tornar importante cacos de um passado que se deseja enaltecer. Transformá-lo na origem de uma família e delinear sua formação como esboço da sociedade. Em *Sobrados e Mucambos*, Freyre explicita, com lamento e sutileza, a chegada das mudanças nos costumes da sociedade patriarcal nos meados do século XIX, com a disseminação dos objetos manufaturados vindos da Europa. Lamenta a substituição de um passado quase artesanal, feito a mão.

Os móveis dos sobrados de afrancesaram no estilo tanto quanto as modas de vestidos de senhoras. Vieram mestres franceses para as cidades do Império, trabalhar, com suas mãos brancas, o jacarandá e as outras madeiras nobres e boas da terra, até então só trabalhadas por mãos grandes e rudes de pretos, às vezes por mãos de moça de mulatos efeminados. As velhas cadeiras portuguesas, pesadas e largas, foram desaparecendo das salas de visitas, com outras velharias do tempo dos Afonsinhos; foram desaparecendo dos santuários, as imagens feitas pelos santeiros de água-doce; e aparecendo os sofás à Luís XV, as poltronas graciosas e finas, os armários de carvalho de Hamburgo, as mobílias de mogno, os espelhos de Nuremberg, as imagens francesas e italianas. Ou então cadeiras inglesas, que já vêm anunciadas na *Gazeta do Rio de Janeiro* no ano remoto de 1809. Móveis importados da Europa. Móveis fabricados, não mais nos engenhos, nem nas casas particulares, mas em oficinas; e segundo estilos franceses e ingleses, por artífices e operários brancos e louros. Mestres franceses e alemães da arte de marceneiro⁹⁸.

⁹⁸ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: RECORD, 2002, p. 368.

Frente ao avanço de uma modernidade desconhecida, o senso de resistência toma propulsão. Gilberto Freyre, quando participa das ações do SPHAN, procura agir em favor da preservação de bens materiais considerados patrimônio nacional. Afirma o escritor que as ações destinadas à defesa do Brasil remoto carecia do empenho dos de sua geração. Contudo, sublinha:

Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares⁹⁹.

Para Rodrigo Mello Franco esta é uma afirmação acertada. Em palestra¹⁰⁰ proferida já em fins dos anos de 1960, em homenagem à cidade histórica de Ouro Preto, faz tornar claro o seu apego à “teoria” freyriana. Em sua comunicação Rodrigo sublinha que Minas Gerais é o Estado da federação que mais possuía bens dignos do título de patrimônio histórico e artístico nacional, embora reconheça que as cidades históricas mineiras vieram à tona dois séculos após o descobrimento. Mesmo assim, conseguiu a região das minas gerais erguer um conjunto arquitetônico munido de “[...] feição mais expressiva [...]”¹⁰¹. Tal feição deu-se em importância graças à manifestação miscigenadora. Argumentando sobre a riqueza inata à arte mineira, discorre Rodrigo:

Foi desse lastro humano, cujo cruzamento inter-racial se intensificou na medida de carência extrema de mulheres brancas e da soltura de costumes, que emergiram os artistas e artífices aos quais devemos as obras mais expressivas da cultura mineira, dentre eles se distinguindo,

⁹⁹ Freyre refere-se particularmente ao seu mestre da Universidade de Columbia, Franz Boas. Professor que o fez distinguir raça de cultura. *Vide* FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2001), pp. 44-45.

¹⁰⁰ ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. ‘Palestra proferida por Rodrigo M. F. de Andrade, em Ouro Preto, a 1-7-68 (comemoração do 257º aniversário da elevação à categoria de vila)’. *In.: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, nº 17, 1969.

¹⁰¹ *Idem*, p. 11.

na segunda metade do século XVIII, os mulatos, especialmente, no domínio das artes plásticas e da música¹⁰².

A “Academia SPHAN”, como assim categoriza a antropóloga Mariza Veloso Motta Santos, concentrava em seu interior intelectuais de uma geração preocupados em decifrar a face do Brasil. Impunham-se a responsabilidade de compor o *registro da nação*. O século XVIII do Barroco mineiro é definido como o marco de nossa face nacional. Uma interpretação universalista e por fim generalizadora. Embora, destaque-se, que a “Academia SPHAN”, não era em sua totalidade linear nas idéias e definições. Basta lembrar que Gilberto Freyre definia a nação brasileira baseado nos ditames da sociedade do Nordeste açucarocrático. É neste horizonte que o livro *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*, de 1937, emerge como um ponto de inflexão acerca da origem do Brasil.

É bom destacar que o apego dos membros da *Academia SPHAN*, para com os bens materiais resultantes da época colonial, não era o culto em favor da criação de uma arquitetura anacrônica estilizada. Assumindo, assim, o posto de intelectuais modernos, em particular, os profissionais da arquitetura, capazes de criar edifícios de traços simples e funcionais inspirados nas cidades mineiras do século XVIII. E com isto não imitar ou reproduzir na íntegra as linhas e perspectivas das edificações coloniais, uma vez que para eles o bem material dos marcos cronológicos da colônia deveria ser preservado por tratar-se de um testemunho ressonante na contemporaneidade. Muito embora Gilberto Freyre, a exemplo de sua casa de fins do século XIX, demonstrar maior preocupação com o valor social da arquitetura do que com o estilo que esta pudesse apresentar.

Além do problema do material de construção dificultando a perpetuidade do mucambo, o fator político também deve ser apontado. No governo de Agamenon Magalhães em Pernambuco, o interventor de Getúlio Vargas no Estado, houve a promoção de esforços contra os mucambos. Sub-moradias que “degeneravam” a cidade do Recife por dificultar o seu “desenvolvimento”.

É no cerne das discussões contra os mucambos que o governo de Agamenon irá favorecer a efetivação da política de moradia para as lavadeiras,

¹⁰² *Ibidem*, p. 14.

os operários das fábricas, por exemplo. Diante deste panorama, é importante destacar que o conceito de mucambo no governo de Agamenon Magalhães adquire outra finalidade no discurso político. Ou seja, este tipo de moradia define-se através de seus aspectos físicos de forma distinta da estimulada por Gilberto Freyre. O que desejo esclarecer é que há uma recolocação do conceito. E conseqüentemente do seu significado.

Para Gilberto Freyre, o mucambo nutre-se do sentido ecológico por conta de sua cobertura de palha, de suas paredes de pau-a-pique. Para Agamenon Magalhães, o mucambo é antiecológico por constituir-se fisicamente de cobertura de latão ou zinco, de localizar-se em área imprópria, de compor-se por paredes de tábuas e de assentar-se em chão de terra batida. Justificativa que classifica de mucambo um tipo de sub-moradia predominantemente urbana.

Julgando ser o mucambo uma criação social humana aparada pelas características da vida local e adaptado às carências primárias daqueles que o cria, Gilberto Freyre discorre em artigo de 1938, para o então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, sobre a *autenticidade* do mucambo. A casa primária¹⁰³ do Brasil.

De *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, de 1922, à conferência *Cultura e Museus*, de 1985, Gilberto Freyre traça o que ele entende por panorama social da casa brasileira. A casa, disse Freyre, é museu quando esta ultrapassa os tempos, é o lugar de memória porque nela o homem brasileiro encontra as suas origens e é patrimônio porque nela reside a voz de um passado por ela testemunhado. A casa de Apipucos, pois, é a concretude das idéias e das necessidades de memória afanadas pelo sociólogo. A casa concreta que resta a Freyre é a de Apipucos, um conglomerado de objetos capazes de incitar sensações, como resultado de uma luta sutil em favor da perpetuidade. Tombá-la era o desejo de tornar intacto o que sobrou de seu passado. O passado de seus avós, de seus pais e de seus descendentes que o Estado reconheceu como o passado de todos os brasileiros.

¹⁰³ CANCLINI, Nestor García. *Op. Cit.* (1994), p. 98. A esse propósito, Canclini lembra-nos da falta de registro dos bens de caráter popular nos órgãos competentes. Somando-se a isto a ausência do Estado na efetivação desses registros e no conseqüente tombamento patrimonial. Daí Canclini traçar o seguinte paralelo: “A memória popular, à medida que depende das pessoas, ‘é uma memória curta’, sem os recursos para alcançar a profundidade histórica obtida pelo patrimônio reunido por intelectuais na universidade”.

CAPÍTULO II – Em torno de Apipucos

O Recife, que por tanto tempo se deixou abandonar, hoje abandona aos que o querem bem e são seus. E bem lhe poderíamos perguntar, a este Recife de casas e árvores carnavalescamente exóticas: ‘cidade da nossa infância, por que nos abandonas?’¹

Gilberto Freyre

2.1 – “Apipucos: que há num nome?”

Em dezembro de 1983, com o apoio da Fundação Nacional Pró-Memória, o escritor pernambucano publica, pela Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco do Recife e sob a orientação do professor Edson Nery da Fonseca e ilustrações de Elezior Xavier, *Apipucos: que há num nome?*. Obra centrada na relação entre o Recife, o subúrbio de Apipucos e as suas personagens sociais. *Apipucos: que há num nome?* é obra desprovida de qualquer peso acadêmico, direcionada, com efeito, ao anúncio das visitas ilustres, dos valores materiais e do aparato histórico característicos à *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*, residência onde Gilberto Freyre encontra conforto no passado.

Em um dos sumários de *Apipucos: que há num nome?* Freyre procura frisar os “velhos esplendores, pragas persistentes e belas possibilidades” de um bairro rico em diversidade. Destaca os aspectos incômodos e peçonhentos da natureza. Logo, pontua o escritor, que Apipucos não é nenhum paraíso à Cocagne. O país paradisíaco de Cocagne, ao qual Freyre se refere, é um mundo imaginário citado no livro *Pantagruel* do Monge Rabelais. Trata-se de um mundo, do qual Apipucos não compartilha, voltado aos prazeres do bem-viver em sua plenitude. Apipucos, segundo a feição freyriana, é um mundo

¹ FREYRE, Gilberto. ‘O Recife e as árvores’. In.: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979, p. 390.

paradisiaco, mas concreto e atingível dentre às possibilidades humanas. E tinha de ser atingível, alcançável para que todos percebessem o privilégio por ele usufruído. Apipucos é antes um nome. Um nome para Gilberto Freyre munido de significado imutável. Apipucos, pois, não perde sentido de uso porque nele reside a essência do passado, acredita; muito embora adquira mutabilidade e multiplicidade de sentidos em meio à situação, à circunstância que envolve o seu intérprete: Gilberto Freyre. Assim, descreve o antropólogo:

Não se pense que Apipucos seja um privilegiado pedaço recifense de um ideal país de Cocagne, onde só haja pássaros cantadores, cigarras românticas, camarões saborosos, além de muito mel, muita fruta, muita borboleta, muita flor; e muita hortelã que perfume os frescos. Do seu mato ralo repontam urtigas que os ingênuos podem confundir com folhas de hortelã; às sua noites de lua não falta o anti-romântico maruim; nos 'barreiros' de suas olarias – cuja fumaça polui o ar – se criam muriçocas terrivelmente inimigas do homem necessitado de sono e de sonho; cobras e piolhos-de-cobra ainda vivem pelos seus alagados e pelos seus matos; também timbus e ratos; e não são poucos os morcegos que de noite vêm até o interior das casas mais escuras, com o seu desagradável bater de asas, mesmo quando morcegos de todo inocentes, como lembra o ilustre ecólogo Vasconcelos Sobrinho; e até benéficos. Não é difícil, porém, a técnica moderna reduzir tais inconvenientes ao mínimo e colaborar com o rio, com o arvoredo, com os pássaros, com a temperatura, aumentando os chamados 'encantos naturais' do velho subúrbio².

Mas, ainda destaca:

Ao mesmo tempo, nas árvores, que ainda são muitas no velho arrabalde, mal começava a raiar o dia, sabiás-gongás davam verdadeiros concertos nas mangueiras. Com eles começavam a cantar outros passarinhos mais madrugadores; e, nos fundos dos quintais, os galos, também madrugadores, enchiam o ar fino do subúrbio dos seus cocorocós de pequenos pachás de galinheiros. Não era raro, até há poucos anos, bandos de sagüis atravessarem, também de manhã cedo, as árvores de Apipucos, suas velhas camaradas, comendo frutas e fazendo piruetas. Hoje, são raros, não os pássaros, mas os sagüis nas árvores de Apipucos. Mas as fumaças por vezes nocivas das olarias os vêm afugentando [...]. mesmo assim nos sítios maiores de Apipucos, ainda canta muito pássaro: ainda se fazem ouvir sabiás-gongás; ainda voam borboletas das mais lindas cores³.

² FREYRE, Gilberto. *Apipucos: que há num nome?*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1983, pp. 75-77.

³ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), pp. 45-46.

Apipucos, no dizer de Gilberto Freyre, é uma expressão provida de “substância”. Se Apipucos em sua etimologia tupi quer dizer caminhos que se cruzam, a casa do escritor assume o posto de lugar no qual as culturas se cruzam, convergem. Portanto, sublinha:

[...] não se deve desprezar o significado de nomes antigos de rios, de caminhos, de morros. Sobretudo o significado dos velhos nomes de lugares: povoados, vilas, cidades. Sob pena de se deixar de sentir o que neles é poesia e não simplesmente história. [...] O fato de Apipucos ser nome vindo do tupi e ter querido dizer, na língua hoje quase de todo morta, dos índios de grande parte do Brasil - ‘caminho longo’, pensam uns, ‘caminho que se divide’, pensam outros e os sábios mais avisados na matéria, ‘encruzilhada’ ou ‘onde os caminhos se encontram’ - é poesia agreste escondida em palavra sobrevivente da língua tupi. Do nome Apipucos informa [...] Pereira da Costa que aparece em mapa colonial de Pernambuco assinalando um encontro de dois caminhos. Encruzilhada, portanto. Apipucos, diziam alguns antigos. Apé-puc, dizia-se em tupi. Apipucos diz-se lusotropicalmente há bem mais de século.⁴

Orientado pelo significado etimológico, e decerto pelo social, do termo Apipucos, Gilberto Freyre volta-se à composição da casa, dos objetos e dos jardins da Vivenda de Apipucos na esfera do ideal lusotropicalista, uma vez que a cultura para ele é ecológica por resultar das “situações de espaço” e das “situações de tempo”. Contudo, a casa registra o nosso complexo cultural material em decorrência de sua capacidade de renovação e de senso constante de finalidade e uso. O que implica afirmar o valor museal da casa tendo-se em vista o seu aporte plural:

quando se diz ‘homem e casa’ é preciso que se especifique não se tratar só do indivíduo do sexo masculino e adulto. Também da mulher. Também da criança. Também do velho. A ligação do ser humano com a casa não se faz somente ou singularmente através do adulto do sexo masculino. Lembre-se da ligação da mulher com a casa ser mais longa, a mais íntima, a mais profunda. Circunstâncias a que o

⁴ FREYRE, Gilberto. *Apipucos: que há num nome?*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1983, p. 31. Na seção também intitulada de ‘Apipucos: que há num nome’, Freyre propõe: *Uma pergunta que vem atravessando séculos, sempre cheia de vida e de humor, é esta: ‘que há num nome?’.* A essa pergunta shakespeariana o nome de Apipucos é dos que respondem, contrariando o personagem desdenhoso do grande poeta; e afirmando que há substância nos nomes, tanto de pessoas como de coisas. Trecho da página 31.

museólogo precisa estar [...] atento. [...] O ser humano, que o museólogo apresenta em suas ligações com a casa, é um ser plural que se manifesta pluralmente através dessas ligações.⁵

Com este princípio em questão, Gilberto Freyre impõe ao profissional do museu a responsabilidade de ver a ambientação do acervo por meio das interpenetrações culturais e das possíveis inversões nos papéis sociais. Independentemente da rigidez imposta pela hierarquia funcional expressa nos traços e nos fins reclamantes do e pelo objeto.

O bairro de Apipucos é como um mirante para Gilberto Freyre. Do alto de sua casa, paisagens urbanas do Recife eram captadas pela retina de seus olhos. De lá, avista-se a indústria de cerâmica dos Brennand em São João da Várzea. E lá, na cerâmica dos Brennand, sublinha Freyre, que à prática da pintura em mural de Francisco Brennand juntaram-se Lula Cardoso Ayres, João Câmara e Rosa Maria. Apipucos, bairro vizinho ao de Casa Forte, inspira com base na leitura de Gilberto Freyre, a estirpe de nobreza. Bairros onde os edifícios de luxo transformam os casarões antigos em salões de festa, como se o passado designasse orientação e distinção sociais.

O subúrbio entra para o ensaísmo de Freyre como área de moradia reconhecida pelas famílias abastadas do século XIX. É o subúrbio sinônimo de tranquilidade e de temperatura amena. Logradouro de terrenos vastos propícios à construção de casarões, também vastos, que ostentavam os seus frontões em direção aos rios. O Capibaribe, a propósito, é testemunha da casa de sítio dos Freyre. Erguida numa elevação, a casa famosa de Apipucos apresenta-se austera pela combinação dos muros altos de alvenaria com o portão principal de ferro fundido. Gilberto Freyre ao descrever o seu bairro no livro com o mesmo nome usa de recursos comparativos ou concretos para exaltá-lo o máximo possível. Chamar Apipucos de Suíça do Recife⁶ para ressaltar a temperatura agradável do subúrbio é um exemplo. Apesar de nos anos de 1920 a Suíça não ser para o escritor sinônimo de autenticidade, de

⁵ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1985), p. 29.

⁶ Expressão usada pelo escritor para sublinhar a temperatura amena do subúrbio recifense. Além de indicar a presença de cidadãos suíços residentes em Apipucos. Freyre dedica uma seção de *Apipucos: que há num nome?* a este tema, na página 33.

senso regional. Criticava com veemência quem resolvesse implantar no Recife propostas urbanísticas de origem suíça.

Foram os subúrbios, em países da Europa Ocidental, vistos como áreas de pouco reconhecimento social. Na França e na Inglaterra dos séculos XVI ao XIX, os subúrbios eram reconhecidos pelos trabalhos direcionados ao abate de animais para o consumo humano ou à produção do sabão. Mas com a Revolução Industrial Inglesa, os subúrbios foram adquirindo novo significado frente ao inchaço pelo qual passavam os centros urbanos, como Londres. Daí as áreas suburbanas ganharem novo sentido: o da tranquilidade. O Recife, com a presença dos profissionais da engenharia, do maquinário férreo e do comércio ingleses, verá ocupada com maior constância os seus arrabaldes.

Apipucos foi uma dimensão territorial do Recife dedicada ao fabrico do açúcar. Nos seus inícios, a ocupação deu-se pela prática de homens livres ligados aos afazeres dos engenhos. Arruados, conseqüentemente, foram construindo a paisagem do bairro. O historiador Evaldo Cabral de Mello cita com propriedade a opinião de um recifense do século XIX dedicado a descrever as mudanças por que passava a cidade. Um recifense crítico para o seu tempo, usando do pseudônimo (*o pacato*), destaca Cabral de Mello, ao escrever para o *Diário de Pernambuco*:

Os habitantes desta cidade têm, como os romanos, adotado os banhos e escolhido, para os tomarem, o rio Capibaribe. Para se conseguir este fim, se desenvolveu um extraordinário luxo na construção de casas na proximidade do rio: elas sucederam ao luxo dos banhos dos ricos dominadores do antigo mundo; desde os limites desta cidade até o Monteiro, de uma e outra banda do rio, se têm construído nobres, magníficos e riquíssimos prédios urbanos: em todo este espaço, apenas aparecerão hoje 10 ou 12 rústicos. O mesmo senhor do engenho da Torre, abandonando a sua antiga casa de campo, construiu um pomposo edifício urbano, sem outro fim e utilidade mais que da sua habitação nobre.⁷

Quando não se adotava Apipucos e seus arredores como ponto de moradia definitiva, os recifenses, ou não-recifenses abastados, mantinham casas fora do centro urbano para passarem temporadas ou finais de semana.

⁷ MELLO, Evaldo Cabral de. 'Canoas do Recife: um estudo de microhistória urbana'. In.: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*. Recife: CEPE – Companhia Editora de Pernambuco, vol. L, 1978, p. 67.

Estima-se que a residência de Gilberto Freyre foi uma casa de campo. Uma casa de sítio, para ser mais específico. Embora os ingleses endinheirados vivessem naquelas redondezas, os seus casarões não ostentavam riqueza. No caminhar da sociedade recifense do século XIX, o estilo artístico neo-clássico (1880-1910) toma fôlego nos traçados das casas de sítio. A de Gilberto Freyre, datada de 1881, apresenta tal perspectiva.

Com a adesão ao subúrbio de Apipucos, melhorias estruturais foram reclamadas para o melhor fluir da vida pública. Instala-se o trem urbano e um hotel, por exemplo. Por volta de 1782 a 1850, informa Evaldo Cabral de Mello, o contingente populacional recifense saiu do marco de 18.000 para 70.000 mil habitantes. Dezenas que, se não muito precisas, ilustram a prática social chamada por Gilberto Freyre de rurbanização: um misto de elementos característicos às lógicas urbana e rural. Evaldo Cabral de Mello interpreta o processo de expansão do Recife baseando-se na perspectiva da salubridade urbana. Por esta razão, afirma:

O movimento pelo qual o velho burgo, espremido no istmo e na ilha de Antônio Vaz, expande-se pelo continente e cria os seus arrabaldes, tem inicialmente um caráter sazonal: trata-se de abandonar a vila nos meses de verão para fugir às doenças ou para beneficiar-se das virtudes curativas e dos deleites edênicos dos banhos de rio. É a mesma motivação higiênica que Lewis Mumford encontrou quase sempre associada ao aparecimento do subúrbio. Este tinha com a cidade medieval ou com a moderna uma relação funcional: o fato de que surja quase tão cedo quanto a própria cidade explicaria, segundo o sociólogo americano, 'a capacidade dos velhos burgos de sobreviverem às condições anti-higiênicas que predominavam dentro dos seus muros'.⁸

As Quintas recifenses, expressão marcante no documento *Idéia da população da Capitania de Pernambuco* de 1778, foram aos poucos surgindo graças à desmotivação dos senhores de engenho com as grandes propriedades. Terras dedicadas ao plantio do açúcar que se encontravam pouco lucrativas em decorrência das baixas no comércio açucareiro, segundo opina a cronista inglesa Maria Graham, em 1821, ao escrever o seu *Diário de uma viagem ao Brasil*. Apipucos e suas cercanias foram aos poucos recebendo

⁸ *Idem*, p. 68.

um número cada vez maior de moradores do Recife interessados nos banhos de rio, motivando os alugueis de casas e a construção de hotéis como o 'Apipucos' e o 'União'.

No livro *Apipucos: que há num nome?*, de 1983, lembra do encantamento que os não-apipuqueses manifestavam diante do subúrbio por eles transformado em ilustre. A formação suburbana do Recife instrumentaliza os argumentos defensivos do escritor. Apipucos é descrito no sumário 'Apipucos como paisagem' da seguinte maneira:

Do engenheiro Louis Léger Vauthier se deve aqui recordar que durante sua permanência no Recife, na primeira metade do século XIX, vinha com freqüência a Apipucos visitar amigos e gozar a paisagem. O seu diário íntimo, do qual o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional publicou já a tradução portuguesa, realizada por Vera Mello Franco de Andrade, está cheio de referências a Apipucos. Era uma paisagem que o seduzia como já seduzira a Franz Post, quando esteve no Brasil no século XVII. Tanto que existe do famoso holandês – nunca seja esquecido esse fato – uma pintura de Apipucos: pintura hoje pertencente à 'National Gallery de Dublin'. Há quem informe que fazem parte da Coleção Warwood outras pinturas de Pernambuco, pelo mesmo Franz Post. Presume-se ser uma delas de Apipucos no século XVII: sua capela, seu engenho e o rio visto de longe. Que o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pernambucano, apure o que há de exato nessas suposições. Há trechos atuais de paisagens dos Apipucos e dos seus arredores que parecem os mesmos fixados pelo pachorrento artista holandês do século XVII, tal a constância de suas formas e de suas cores. Os telheiros das olarias mais antigas como que fazem hoje às vezes dos achapados engenhos coloniais, à beira das mesmas águas; e o verde das baixas de capim não se afasta muito do verde dos canaviais de outrora.⁹

Gilberto Freyre transforma Apipucos num tapete persa dado o prestígio que seu subúrbio externa. Ele etnografa o bairro onde residira com a esposa Magdalena e seus dois filhos, Sonia e Fernando, contando com a presença dos móveis de junco em seu terraço externo. Estes, os móveis, de linhagem cultural indiana são mantidos sob a sombra dos espaços cobertos, como os alpendres, de influência da África Ocidental, conforme descreve em *Aventura e Rotina*, com primeira edição em 1953. Livro resultante de seu diário de viagem, ou

⁹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), pp. 67-68.

melhor, de seu diário de campo, Gilberto Freyre diz ser os espaços cobertos de terraços (como o da casa de Apipucos em frente ao lance de escadas lateral), pátios ou alpendres, um costume corrente em Moçambique, onde as partes externas das casas são mais atrativas do que o interior.

Em 1934, Gilberto Freyre publicou o “Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife” e, em 1939, o “Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira”. O guia dedicado à capital pernambucana expressa, por meio da praticidade desse gênero de publicação, os suspiros sentimentais e os traços históricos datados pela arquitetura de uma cidade idosa como Recife. É o que Freyre tenta apresentar quando pontua aspectos sociais, edificações e personagens do cotidiano abastado do *Recife antigo*.

Ao indicar o sentimento nas práticas públicas do recifense, Gilberto Freyre identifica uma suposta melancolia à cidade das muitas e variadas pontes. O recifense é devoto de seu próprio chão. No sumário ‘As igrejas e o passado sentimental do recifense’ contido no guia, Freyre destaca a prática dos enterramentos nas igrejas e os pagamentos de promessas feitas pelos crentes aos santos e santas. Promessas pagas muitas vezes em forma de ex-votos.

Um recifense doente do pé ficou bom: pediu a Nossa Senhora, pediu com fé, e o pé sarou. Esse recifense foi o velho Vilaça: em pagamento da “promessa” mandou fundir o maior sino de igreja que tem o Recife: o da Matriz de São José, com o peso de 24 arrobas e um som que chega até Tijipió.¹⁰

Gilberto Freyre torna atemporais as descrições sobre o Recife. Tendência a qual delimita a ‘fisionomia’ recifense através das permanências culturais expressas pelos bens arquitetônicos ou atos e gestos diários. Atemporizar para sobressair o lirismo latente dos habitantes de uma cidade, acredita Freyre, mais voltada aos seus passos do que aos dos turistas. Um modo de ser condizente com o que o escritor chama de “o caráter da cidade”¹¹. As minúcias da cidade, indiferentes para os guias de horizonte técnico, formam

¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968, p.25.

¹¹ *Idem*, p. 03.

o caminho para a defesa do passado colonial, logo visto como a essência da cidade dos mistérios e das assombrações. O saudosismo de Gilberto Freyre estimula o seu viés autobiográfico por tratar-se de uma visão de mundo impregnada de seus dias de vivências e passeios por entre as ruas e becos estreitos e ziguezagueantes.

A cidade interpretada por Gilberto Freyre, presa ao passado definido como mito de origem, ganha destaque diante dos temas que intitulam o conteúdo do guia. Títulos que reclamam os espaços e as figuras de nome e renome empatizados pelo autor, marcando as frases e parágrafos do texto com a despreocupação em fomentar ilações exigidas pelo rigor acadêmico. Por isso, o guia é livre para especular “o caráter da cidade” e definir o conjunto patrimonial que demarca a história desejada e pensada pela ação do intelectual: “os mistérios que se prendem à história do Recife são muitos: sem eles o passado recifense tomaria o frio aspecto de uma história natural. E pobre da cidade ou do homem cuja história seja só história natural.”¹²

Para Freyre, apresentar a sua cidade é o mesmo que apresentar a casa onde residia, ambiente repleto de valores e sentidos, a um amigo ou parente queridos. O que deseja afirmar é que a cidade na qual nascemos, construtora de nosso senso de cultura e identidade, exige de seus descendentes o respeito e o devido conhecimento de suas especificidades. Afinal, resume o escritor, o nosso ritmo de vida e capacidades de entendimento e de interpretação do mundo, parte da relação que articulamos com os traçados e os espaços de nossa cidade. O Recife, um conglomerado urbano calçado por sobre o mar, incita por meio de seus marcos, episódios sociais muitas vezes ignorados. No ritmo deste pêndulo, Gilberto Freyre anuncia a seguinte crítica em 1924:

Há viajantes que chegando a uma cidade mandam rodar o táxi para a primeira tabacaria à procura dum indicador. [...] Num lugar novo, o principal é compreender seus edifícios e suas estátuas. É que procura fazer o viajante inteligente. Compreendidos os edifícios e as estátuas, mais fácil que compreender os homens, no seu gosto, na sua estética, na sua moral, nos seus hábitos sociais.¹³

¹² Cf. *Assombrações do Recife velho*, 2000, p. 35.

¹³ FREYRE, Gilberto. ‘24’. In.: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979, p. 315.

E complementa sua defesa inspirado em Gilberto Keith Chesterton¹⁴:

Gilberto Keith Chesterton disse que as cidades falam por meio de sinais. Por meio dum como alfabeto de surdo-mudo. E estes sinais são seus palácios, suas catedrais, suas igrejas, suas estátuas, suas colunas. [...] As cidades falam pelos sinais dos seus dedos de pedra.¹⁵

Pensar a cidade é construir imagens e referências capazes de defini-la. Por meio deste princípio o autor deduz um grupo de construções visuais e orais de conceitos que pretendia descortinar o horizonte antropogeográfico da capital de Pernambuco. A este propósito Freyre defende o uso do artigo definido masculino, ou da contração prepositiva, antes dos substantivos para enfatizar o sentido de posse implícito nas expressões nominalistas. Por consequência quem nasce na cidade das pontes versadas por João Cabral de Mello Neto, explica Freyre, deve dizer 'o Recife'; 'do Recife', contrariando o falar diário do pernambucano que se expressa através da preposição em si e do substantivo sem o artigo antecedendo-o. Trata-se, enfim, prega o escritor, de uma

[...] questão de brio [...]. De orgulho. De lealdade ao chamado 'gênio local' da crença dos antigos. 'O Recife é o Recife' que tem resistido a quanta descaracterização se expõe uma cidade marítima, um burgo de litoral, ao alcance de uma variedade de gente estranha. Fosse ele apenas Recife e já não teria caráter. Concordasse ele em ser chamado 'Recife' e já não se distinguiria como cidade brasileira ciosa como nenhuma o é mais, de suas tradições e de suas responsabilidades. Responsabilidades atuais e responsabilidades futuras.¹⁶

¹⁴ Maria Lúcia abre o 1º capítulo de *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, citando Gilberto Keith Chesterton, ensaísta inglês, numa passagem sobre a sua personalidade de homem ligado à sua "província": "O escritor Gilbert K. Chesterton nos conta em um de seus ensaios que um dia, quando estava se preparando para viajar, um amigo entrou em seu apartamento no bairro londrino de Battersea e ao vê-lo rodeado de malas perguntou-lhe: 'você parece estar de saída para suas viagens ... Para onde vai?' Para Battersea, respondeu Chesterton. E explicou ao amigo intrigado que, por mais paradoxal que parecesse, de onde estava não podia ver seu bairro, e mesmo Londres ou a Inglaterra. Para chegar aonde já se encontrava precisava perambular pelo mundo; e se ia à França ou à Alemanha, por exemplo, não eram, entretanto, esses países que buscava, mas sim Battersea. 'Todo o objetivo de viajar', afirma Chesterton, 'não é pôr os pés em terras estrangeiras: é finalmente pôr os pés em seu próprio país como se fosse uma terra estrangeira ... o único meio de chegar à Inglaterra é ir para longe dela". Vide PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. (2005), pp. 53-54.

¹⁵ *Idem*, p. 315.

¹⁶ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), p. 19.

O morador ilustre de Apipucos não se limitou a estender a sua definição de cidade aos recifenses em geral. A cidade que primeiro deve ser, segundo ele, do cidadão autóctone e depois do turista. Induzindo a ordenação de um turismo mais empático e menos impressionista evitando-se a imposição do imediatismo etnocêntrico. É respaldando esta premissa que Gilberto Freyre credita atenções às particularidades de uma sociedade.

No guia da cidade do Recife transparece exaltação refinada de seu autor. Trabalho didático para atingir um público amplo e de gosto considerado apurado; com efeito, capaz de levar os leitores de Freyre a distingui-lo dos autores de textos solenes. Ser encaixado em categorias acadêmicas era o que Gilberto Freyre menos desejava. Dando margem ao ensaísmo inspirado, particularmente nos irmãos literatos Goncourt, na “história íntima” do revolucionário século XVIII francês. História íntima diluída na escrita dos guias de cidade traduzindo a inquietude do antropólogo de Apipucos com o assédio da modernidade despreocupada com os assuntos ecológicos.

Pontos da cidade são dispostos numa série de temas entrelaçados ao desejo de uma história áurea. A de teor cotidianesco. Porque é nela, defendeu o autor, que reside o combustível de uma gente. O Recife visto por Gilberto Freyre parece ter sua imagem capturada pelas lentes de sua memória.

O viajante que chega ao Recife por mar, ou de trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de cor. Nenhum porto de mar do Brasil se oferece menos ao turista. Quem vem do Rio ou da Bahia, cidades francas, cenográficas, fotogênicas, um ar sempre de dia de festa, as igrejas mais gordas que as recifenses, casas trepadas umas por cima das outras como grupos de gente se espremendo pra sair num retrato de revista, uma hospitalidade fácil, derramada – talvez fique a princípio desapontado com o Recife. Com o recato quase mourisco do Recife, cidade acanhada, escondendo-se por trás do coqueiro; e angulosa, as igrejas magras, os sobrados estreitos, alguns, ainda hoje, com quartinhas às janelas, com gaiolas de passarinhos, de papagaios e até de araras, junto às varandas de ferro rendilhado; com mulatas de casas-de-rapariga em terceiro ou quarto andar, que de madrugada aparecem nuas nas varandas para provocarem os seminaristas de conventos, alvoroçando os frades moços empenhados nas primeiras rezas do dia. Cidade sem saliências nem relevos que dêem na vista, toda ela num plano só, achatando-se por entre as touças de bananeiras que saem dos quintais dos sobrados burgueses; por entre

as mangueiras, os sapotizeiros, as jaqueiras das casas mais afastadas. Outra impressão, bem mais alegre, é a do viajante que chega de avião e a quem o Recife se oferece um pouco mais. Só as grandes manchas de água verde e azul dão para alegrar a vista. A nenhum, porém, a cidade se entrega imediatamente: seu melhor encanto consiste mesmo em deixar-se conquistar aos poucos. É uma cidade que prefere namorados sentimentais a admiradores imediatos. De muito oferecido ou saliente, ela só tem o farol. Ou as torres das igrejas como a do Espírito Santo, outrora célebre pelas cores vivas que anunciavam aos recifenses navios à vista, vapores a chegar: da Europa, do Sul, das Áfricas, de outras Américas.¹⁷

Gilberto Freyre sugere a leitura daquilo que está camuflado nos sinais físicos de sua cidade. O visitante no Recife desconhece, impressionado pela monotonia arquitetural, o assédio de corsários e a prática comercial intensa dos cristãos-novos em dias longínquos de sua história. Caracteres que estão além das pontes e da pele morena da gente aparentemente pouco amistosa. Para Freyre, o invisível recebe o posto de dimensão superior, de esfera quase sagrada uma vez que o invisível suspira nas histórias documentadas de estudiosos como José Antonio Gonsalves de Mello e Amaro Quintas. O invisível é o que está no íntimo do que sobrou do passado recifense.

Na tentativa de elencar e certificar um grupo de construções em seus trabalhos de apresentação da cidade, Gilberto Freyre não se absterá de incluir a sua casa entre elas. É o que ocorre com as publicações *Apipucos: que há num nome?* (1983) e *Recife & Olinda* (1978). A primeira dedica-se ao tema com maior afinco e a segunda, apenas uma seção. Em *Recife & Olinda*, Gilberto Freyre, além de pôr a sua residência no círculo dos bens patrimoniais da capital pernambucana oferece-a como modelo aos desenhos que ilustram a obra. Há desenhos de móveis, cômodos e da fachada da casa de Apipucos, demonstrando ser ela um exemplar material do Recife das casas de sítio do século XIX. *Recife & Olinda* foi o primeiro trabalho para compor a Coleção Culturais-turísticas respaldada pela Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, com o apoio da Universidade de São Paulo – USP.

Em *Recife & Olinda*, Gilberto Freyre apresenta os vários bens materiais das duas cidades considerados por ele significativos. A casa de Apipucos e a Cruz do Patrão são duas construções que ganham monta na publicação,

¹⁷ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1968), p. 04.

porque tanto uma como a outra transitam da categoria de ruína, passando pela de monumento, a temas de guia de cidade. A Cruz de Patrão, em especial, sob o mistério das assombrações recifenses serve de motivo para Gilberto Freyre entendê-la como patrimônio.

A Cruz do Patrão localiza-se nas dimensões do Porto do Recife. Um ponto de referência costeira que em tempos idos servia de orientação aos navios que tinham por destino a cidade. Entre o mar e o rio Beberibe, a Cruz do Patrão está fincada onde antes era uma faixa de terra, um istmo, que ligava a cidade de Olinda à do Recife. Dotada de linhas levemente curvadas em trechos específicos de seu corpo, apresenta-se aparentando um obelisco ogival contendo uma cruz em seu extremo superior.

Construção de alvenaria que registra a prática da escravidão em terras pernambucas. Acredita-se que homens capturados no continente africano e trazidos para o Brasil com o fim de serem escravizados eram, após chegarem mortos à capital pernambucana, enterrados na área em que se encontrava o cruzeiro. Na atualidade, muitos afirmam ouvir choros e suspiros de escravos assombrados. O nome atribuído à edificação deriva, segundo informa Gilberto Freyre, do cargo administrativo de patrão-mor já existente no século XVII; ou para ser mais específico, 1654.

Com o intento de atingir um público abrangente, *Recife & Olinda*, de 1978, é dotado de legendas nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa. Gilberto Freyre é encarregado de escrever o texto-tema que intitula o catálogo. Percebe-se o gosto de Freyre na elaboração do material dado o envolvimento do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – IJNCS; sem deixar de sublinhar os detalhes mais sutis característicos ao modo de ser do escritor: a exemplo do uso do ‘&’ comercial indicando relação simbiótica entre culturas, permitindo-se a inserção do mucambo como componente urbano significativo para entender a dinâmica social do Recife.

Gilberto Freyre buscou pensar e ditar as características recifenses fundamentado numa leitura apurada acerca do conceito pulverizado de cultura, embora considere com sutileza a predominância de elementos luso-tropicais na ordenação dos valores materiais e imateriais dispersos nos formatos de telhados, nas construções públicas e privadas, na lógica de ocupação geográfica. Portanto, em *Recife & Olinda*, desenhos de janelas mouriscas e

seus balcões, de portões de ferro fundido, de sobrados esguios sinalizam a mensagem invisível da cultura material: a hierarquização e condicionamento sociais e suas imposições morais. Situando culturalmente as construções e seus acessórios, no íntimo do patriarcado litorâneo, Freyre volta-se para o elogio ao assentar opinião defendendo o discurso e a prática preservacionistas. Em linhas gerais implica dizer: o tempo cronológico está morto, mas o significado do tempo social mantém-se fluido mesmo com o advento de valores e ações insurgentes. Concepção que ele atribui à capacidade de Recife (e Olinda) de auto-valorizar-se independentemente dos estrangeirismos, quando diz:

O Recife – seguindo o exemplo da mãe Olinda – tem sobrevivido a assaltos à sua integridade. Não se deixaram descaracterizar nunca sob jugos de estranhos, a não ser num ou noutro pormenor pitoresco: os telhados em inclinação aguda com que os holandeses se requintaram em construir seus sobrados recifenses, por exemplo. O gosto por essas inclinações de telhados de casas altas e esguias, parece ter-se comunicado por algum tempo a alguns recifenses castiços que também adotaram dos intrusos nórdicos palavras como ‘brote’, ‘pixilinga’ e, talvez, ‘mamulengo’. Um tanto cosmopolita em consequência do seu porto exportador e importador, o Recife, mais do que Olinda, vem adotando gostos por vinhos, por uísque, por esportes¹⁸.

Imprimindo um cosmopolitismo ao Recife, Gilberto Freyre dá importância, considerando-se os tempos de domínio flamengo, a um suposto senso de “recifencidade” aos seus residentes, muitas vezes vindos de diferentes partes do mundo, justificando assim a abertura do indivíduo “recifensizado” do século XVII aos assédios culturais estrangeiros sem perder os seus caracteres primários. Interpretação generalista do escritor ao tentar encontrar uma origem para o pretensão ar de resguardador de princípios inseparável do habitante do Recife contemporâneo. Contemporâneo, leia-se, das décadas nas quais foram publicados *Apipucos: que há num nome?* e *Recife & Olinda*.

Ao construir a memória de sua cidade, Gilberto Freyre procura estender o conhecimento que tem acerca da cidade ao cidadão em geral, afirmando que

¹⁸ FREYRE, Gilberto. [et. al.]. *Recife & Olinda*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/ São Paulo: Editora Nacional, 1978, pp. 03-04.

mesmo as pessoas mais simples conhecem o invisível das ruas e bairros recifenses. Freyre sacraliza espaços urbanos inicialmente criados para atender ao fim funcional. Pontes, fortificações costeiras ou igrejas, foram erigidas para transpor dificuldades imediatas e/ou impor idéias, dogmas e/ou convicções etnocêntricas. Depois, conforme os desejos do intelectual, transformaram-se em estímulos às lembranças.

No prefácio à 5ª edição do guia de Olinda, de 1980, Freyre clama por recursos para publicar uma edição em língua inglesa do mesmo guia. Mas só lamentava a falta de apoio governamental para tanto. E diz: “quem me ouvirá esse apelo a favor de Olinda?”¹⁹. A conturbada década da redemocratização direciona a crítica de Freyre aos trâmites burocráticos que emperravam a política cultural brasileira. Burocracia e falta de finanças que paralisavam os trabalhos de instituições culturais e as posições de natureza mais enfática de dirigentes dos órgãos estatais diretamente ligados ao assunto. Frente à realidade dos anos de 1980, pontua o sociólogo:

Nem mesmo o [esforço do] ilustre Secretário da Secretaria para a Defesa da Memória Nacional, que, aliás, tem casa em Olinda, embora obrigado a permanecer quase todo o seu tempo na superburocrática Brasília: Aloísio Magalhães [, vem surtindo efeito]. Um Aloísio Magalhães que é autor de belos desenhos em que são amorosamente fixados aspectos de Olinda.²⁰

E insistindo na publicação, oferecendo a proposta a quem interessar, em língua inglesa, Gilberto Freyre chama para a sua causa Aloísio Magalhães, homem ligado aos assuntos culturais em Pernambuco: “[...] por que não publicar-se este Guia em língua inglesa – os Civitas talvez possam antecipar-se a lentos poderes burocráticos no sentido dessa imediata publicação – com os desenhos de Mestre Magalhães como ilustrações? Ilustrações magníficas”²¹.

Interessado em documentar o *caráter* das cidades de Recife e Olinda, Gilberto Freyre contou com o apoio contínuo de pintores ou desenhistas na

¹⁹ FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio à 5ª edição’. *2º Guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968, p. vii.

²⁰ *Idem*, p. vii.

²¹ *Ibidem*, p. vii.

confeção de *Recife & Olinda*, dos guias que levam os nomes de ambas, e de *Apipucos: que há num nome?*. As gravuras surgiam dos relatos do escritor acerca da paisagem urbana das duas mais antigas cidades pernambucanas. Esta parceria foi iniciada com a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, quando o pintor Cícero Dias ilustra o livro com um mapa social do Engenho Noruega simulando as práticas diárias do complexo casa-grande, capela e senzala. Freyre é um escritor dedicado à relação tênue entre a pintura e suas variantes, e a literatura. Um caminho iniciado quando de seus dias de criança em processo de alfabetização. Método levado a cabo pelo professor Ms. Williams, o seu preceptor. Mais tarde Freyre dedica às crianças e adolescentes uma versão condensada do livro que o consagra: o *Casa-Grande & Senzala em quadrinhos*, com primeira edição em 1981. Obra dedicada à alfabetização, tendo por referência a miscigenação como princípio da identidade nacional brasileira.

Gilberto Freyre se dedica ao tema da pintura no guia do Recife. É no sumário ‘O Recife, cidade de pintores e fotógrafos’ que o autor afirma ser a luz predominante na capital a possível razão para a efervescência de pintores nela atuantes. Havendo em menor proporção o número – seguindo a ordem generalista – de músicos, de escultores e de arquitetos. É a pintura, segundo Freyre, o instrumento capaz de expor faces não mais existentes de uma cidade ou região.

A cidade, aquela sugerida pelo intelectual, descaracterizada ou *amaciada* pela flâmula da modernidade, impõe suspiros e lamentos em graus distintos aos contempladores de seus espaços. Em busca de um ar de autenticidade citadina, Gilberto Freyre alimenta o interesse de instituir no Recife da década de 1920 a coerência cultural com base numa tradição – a luso-tropical – julgada por ele como espelho da sociedade recifense em sua totalidade. Por esta razão, questiona: já que os países da Europa Ocidental denunciavam, em seus cafés ou restaurantes, as características que lhe são peculiares, por que o Recife não abraça a mesma proposta? Centro urbano capaz de atribuir vida aos seus traços sem se deixar anular pelo “Soufflet” ou o “Wisk”.

A proposta de cidade abraçada por Gilberto Freyre tinha por motivo o seu apego ao passado. Cultuá-lo para não perder as referências. Referências,

destaque-se, sustentadas pela família. E a cidade por sua vez é vista por Freyre sob clamores de tristeza e lamentações como se tais clamores e lamentações também fossem suspiros de seus contemporâneos. Via a cidade quase como parte de seu corpo ao sentimentalizar as mudanças pelas quais ela passava. Nota-se que, na década de 1920, Gilberto Freyre é demasiado radical com as mudanças, com o dragão da modernidade.

Ao chegar ao Recife [em 1923], guloso de cor local, um dos meus primeiros espantos foi justamente numa confeitaria, diante de hesitação de um tio meu em pedir um mate. Talvez não fosse 'chic', o mate. Como não era 'chic' pedir água de coco ou caldo de cana. Talvez não nos fornecessem mate, como não fornecem nem água de coco nem vinho de jenipapo. Elegâncias. O 'chic' era pedir um desses gelados de nomes exóticos. Esses sim, fazem supor refinamento de gosto. Elegâncias da 'Fox-Film'.²²

Ao escrever os guias declarados e o guia não declarado (*Apipucos: que há num nome?*) Gilberto Freyre elabora uma narrativa permeada pelo campo sensitivo. Escrita na qual os sujeitos das frases ganham adjetivações açucaradas, ao lado dos advérbios e neologismos, contribuindo para a ornamentação do texto, tornando-o, inclusive, de ampla fluidez. Estética reveladora do quanto Gilberto Freyre autobiografava o que escrevia. Modo de conceber textos ricos em figuras de linguagem, como as prosopopéias e as comparações figuradas, mesclados pelas perspectivas autor-narrador e narrador-personagem ao fazer surgir ambientes arquiteturais motivados pelo situacional das ocasiões: cenas ou episódios comuns ao labor do escritor, do literato. Este procedimento autoriza Freyre a sugerir idéias e propostas capazes de conduzir o olhar do leitor ao deparar-se com o conteúdo dos guias. E daí insistindo em apresentar o seu conhecimento sobre o Recife, Olinda e o subúrbio recifense de Apipucos aos turistas. O sumário 'Igrejas pitorescas e históricas' do guia dedicado ao Recife exemplifica as linhas supracitadas:

As igrejas do Recife não falta interesse histórico, muito menos riqueza de pitoresco. O estilo que predomina nelas é o barroco. Naturalmente não há no Recife nenhuma maravilha de arte religiosa. Nenhuma

²² FREYRE, Gilberto. '26'. In.: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979, p. 322.

catedral que se compare, já não diremos às européias, mas às do México e do Peru. Mas o *barroquismo*, por natureza romântica, exprimiu-se aqui nuns *à-vontades deliciosos*; numa *assimetrias e irregularidades* que às nossas igrejas, como a quase toda a arquitetura colonial brasileira, *encantos de espontaneidade*; um *não-sei-quê* fácil de sentir – pelo menos quando se é da terra – mas difícil de definir ou interpretar. O turista saía da Praça da Independência e tome a Rua Larga do Rosário, ao lado da Igreja do Rosário, largue-se pela Rua do Fogo adentro, até o pátio de São Pedro: aí o espera uma das igrejas mais românticas do Brasil: a de São Pedro dos Clérigos. Domina um pátio onde sobradinhos e casas de porta e janela se *agarram* umas às outras. Logo a porta de São Pedro, de motivo barroco, é uma delícia. Suas torres, das mais bonitas que tem a cidade. Cada uma, com quatro tochas. De cada lado da igreja, um desses lampiões bem recifenses, pegados à parede. No interior altares entalhados, retábulos de talha dourada, jacarandás pretos, púlpitos bem trabalhados; uma pia de pedra portuguesa. Merece bem uma demorada visita a Igreja de São Pedro. Foi há pouco restaurada pelos técnicos do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Quando estive no Recife, como Embaixatriz do Reino Unido no Brasil, Lady Wallinger visitou várias igrejas. A que mais a encantou foi a de São Pedro. Uma igreja que não tem título nenhum de glória, mas apenas o encanto do seu pitoresco, é a do Livramento. Aí, outrora, não havia noite que o nicho não estivesse aceso, dominando do alto todo o bairro, *como um olho de pessoa* acordada que vigiasse pela gente dormindo. Que visse tudo o que se passava de noite. Os namoros. Os assassinatos.²³

A cidade colonial dos devaneios de Gilberto Freyre mexe com o seu senso de defesa patrimonial. Munido, por certo, do apreço pela ecologia tropical. O tropical que apimentara, segundo o escritor, a espontaneidade do agir do homem ao instituir ruas, praças ou jardins de uso comum. As ruas coloniais da velha Recife, a propósito, são um lastro de memória em Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre sai em defesa da manutenção dos nomes primitivos dos logradouros recifenses. Sinônimos de especificidade cultural, declara. Nomes ainda mantidos na atualidade mas pouco perceptíveis por conta do condicionamento da prática diária. Nomes “lendários” conforme o dizer de Michel de Certeau. Estímulos à melancolia e ao saudosismo. Expressões das *tradições várias do Recife*:

O Recife começou a expandir-se em cidade com nomes de ruas e becos – Alecrim, Sol, Aurora, Saudade, Padre Inglês, Sarapatel, Peixe

²³ Vide FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental...*, p. 72.

Frito, Cirigado, Encantamento, Livramento, Rosário – que mereciam ser eternos. Alguns entretanto têm sido substituídos por nomes de homens gloriosos. Homenagens justas mas que deveriam realizar-se sem o sacrifício daqueles nomes impregnados de experiência recifense. Foi assim que a Rua dos Sete Pecados Mortais deixou de assim chamar-se para adquirir o rótulo de oficial e, no caso, inexpressivo, de Rua Tobias Barreto. Do Campo de Encanta-Moça quiseram recifenses desdenhosos de histórias de encantamentos e sensíveis apenas às de guerras, revoluções e invasões, que perdesse esse nome profundamente poético para denominar-se Santos Dumont. Felizmente já havia então quem zelasse não só pelas árvores antigas como pelos velhos nomes de ruas da cidade; e Encanta-Moça permaneceu Encanta-Moça²⁴.

Os guias são antes de tudo uma apresentação dos ritmos de vida do Recife e de Olinda. Não se trata de uma descrição exaustiva de monumentos aliçados de sua conjunção social. As construções discriminadas por Gilberto Freyre apontam para a ótica do lidar com relativa harmonia com os bens culturais datados, tornando-os de possível manutenção existencial mesmo com a introdução de concepções urbanísticas consideradas de caráter moderno. Define as construções históricas como únicas, independentemente do tempo e do espaço que as herda ou herdará. Esta é a vertente seguida por Gilberto Freyre ao imputar valor social contemporâneo às igrejas barrocas, aos sobrados filiformes, às ruas de nomes coloniais. Mas valor social, entenda-se, no sentido (preservacionista) de afirmar que uma vez igreja, sobrado e rua, sempre igreja, sobrado e rua. Porque para Freyre o uso primário que incita a criação de algo resume a sua finalidade e não os usos (latentes) possíveis de redefinir a coisa que de início teve o objetivo funcional como suporte à sua existência. Apesar de sabermos que os usos que fazemos das coisas nem sempre corresponde à finalidade pré-estabelecida para justificá-las enquanto tal.

Os guias de cidade, como os de Olinda e Recife escritos por Gilberto Freyre, podem contribuir com o entendimento destas cidades desde que os compreendamos como publicações dotadas de interesse pessoal e estético-literário. Interesse pessoal no sentido de identificar construções materiais ligadas à sociedade pernambucana açucarocrática do litoral, e de estética

²⁴ *Idem*, p. 89.

literária, em virtude da força memorialista atuante nos textos em formato de sumários desenvolvidos como num diário pessoal.

Em busca do mito de origem da civilização brasileira os intelectuais, artistas plásticos e poetas que formavam o SPHAN (nos seus inícios nas décadas de 1920 e 1930) entendiam ser o barroco das cidades históricas de Minas Gerais o cerne do Brasil. Cidades resistentes às intempéries climáticas e aos arroubos da ação humana. Crença da qual Gilberto Freyre não partilha, decepcionado com o modernismo dos anos de 1920, quando afirma:

Parece que só em Ouro Preto nos resta hoje do Brasil brasileiro dos nossos avós uma cidade ainda verdadeiramente de pé. O que faz daquele lugar tão morto um como santuário, [...] uma fonte de águas vivas para os que nos sentimos feridos quase de morte no mais íntimo da nossa personalidade nacional. O contacto com os restos de Igaraçus e Olindas a apodrecerem por aí, já não purifica ninguém. E entre um povo que assim devasta o seu passado, não é para surpreender a falta de características nacionais ou locais [...] [na nossa vida social].²⁵

Gilberto Freyre procurando imprimir hábitos tropicais ao Recife de Estácio Coimbra²⁶, de modos e modas estrangeiros, exige-lhe postura defensiva. Sugere a criação de espaços, cafés ou restaurantes, de degustação de pratos e bebidas como o caldo de cana e a pamonha de milho verde, objetivando devolver à cidade o que entende por ar de *autenticidade*. E recorda com saudade: “Estive outro dia a imaginar um café ao meu jeito para o Recife. Café ou confeitaria. Ou mesmo restaurante. Um café ou restaurante ou confeitaria que possuísse cor e característica locais. Que possuísse atmosfera”.²⁷

Mas a imagem do Recife, a dos modernos anos de 1920, não lhe permite mais detectar a essência da cidade que diz estar perdida. Desaparecida a atmosfera do “velho Recife”, carecer-se-á novamente de vários séculos, lamenta o escritor, para que a nova face da capital pernambucana ganhe consistência: “é [...] que isso de atmosfera não se improvisa”.

²⁵ FREYRE, Gilberto. ‘26’. In.: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979, p. 320.

²⁶ Estácio de Albuquerque Coimbra esteve à frente do Governo de Pernambuco de 1926 a 1930. Coimbra foi casado com uma das primas de Gilberto Freyre: Joana Castelo Branco de Albuquerque Coimbra, a quem ele chama de Dondon de Morim.

²⁷ *Ibidem*, p. 320

É notória a preocupação de Gilberto Freyre com a permanência dos valores e das coisas que construíram épocas. A velocidade da lógica moderna não poderia, defendeu o escritor, perturbar o que já existia. A casa de Apipucos, um engenho arquitetônico de dimensões vultosas, sai do anonimato para adquirir com Gilberto Freyre o status de baú das lembranças. O Recife, por extensão, entra no campo de defesa do escritor no momento que ele não mais encontra, vindo do exterior, o mesmo Recife de seus avós. *Dona Sinhá e o filho Padre*²⁸, seminovela escrita em 1964, anuncia o viés autobiográfico de Freyre quando o autor compõe a personagem Paulo, médico formado na França. Paulo, tanto quanto Gilberto Freyre, vê-se incomodado em 1924, espanta-se com as mudanças por que passava a capital pernambucana na segunda metade do século XIX, com a chegada dos móveis de ferro vindos da Áustria. Móveis que aos poucos substituíam os de jacarandá ou vinhático.

²⁸ *Dona Sinhá e o filho padre* foi também publicado nos Estados Unidos e em Portugal. A publicação norte-americana foi editada pela Editora Knopf, de Nova York, 1967, e a portuguesa foi lançada em Lisboa, pela Livros do Brasil, s/d.

2.2 – Colecionando a natureza

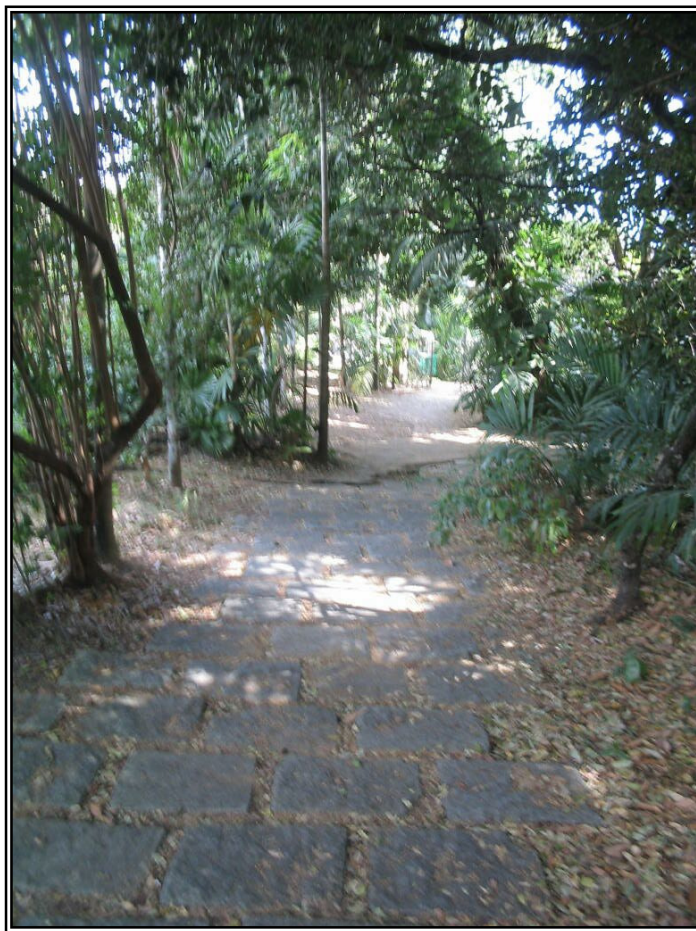
O jardim da casa, e não podemos esquecer que nele repousam os restos mortais de Freyre e de sua esposa, apresenta-se como o conjunto de exemplares vegetais destinados à conservação da natureza bruta em voraz extinção, embora também figure como a possibilidade de domínio da natureza para fins domésticos e até sentimentais. Gilberto Freyre, por sua vez, encontrava na composição de um sítio-jardim, provido de árvores e plantas em geral de origem nos tempos coloniais, a razão para preservar árvores frutíferas e ornamentais que entraram para a história econômica do Brasil. Além de simbolicamente significar o Paraíso recuperando²⁹ o que um dia foi perdido.

O mito de origem presente nas árvores registradoras de tempo e de sentido de eternidade nos túmulos ou covas ganham o status de símbolos da imortalidade. Apontam, portanto, para a questão da suposta formação familiar do Nordeste úmido, oleoso e rural do Brasil primário, quanto para a interpretação ao mesmo tempo autobiográfica e generalista de Gilberto Freyre. O que o motiva a afirmar:

Economicamente, a árvore criou o Brasil e nos deu nome à pátria: nós quase saímos da 'ibira-pitanga'. Ou do pau-brasil. E diante de uma cruz de pau, talvez do próprio pau-brasil, se disse a Primeira Missa. De modo que, também espiritualmente, nós procedemos e dependemos da árvore³⁰.

²⁹ DELFIM, Carlos Fernando. 'Conservação do Patrimônio Natural – mesa-redonda: a casa e o jardim'. In: *Anais do III Seminário sobre casas-museus: conservação*. Rio de Janeiro: MINC/Casa de Rui Barbosa, 1999, p. 68.

³⁰ FREYRE, Gilberto. 'O Recife e as árvores'. In.: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, 1979, vol. II, p. 379. Inicialmente publicado no *Diário de Pernambuco*, 13 de novembro de 1924.



05 – Trilha das Pitangueiras no sítio-jardim. Via de acesso ao *Memorial Gilberto Freyre*. Foto: Elaine dos Santos. Janeiro de 2006.

Gilberto Freyre manteve em uso uma coleção de bengalas dentre as quais algumas bem simples. As de pau-de-canela eram as mais usadas nos passeios pelas trilhas do sítio-jardim e que foram somadas aos objetos utilitários expostos na sala de visitas da casa-museu. A parte externa da propriedade de Apipucos alimenta a relação estabelecida pelo escritor com o meio natural. Erguendo um modelo paisagístico, no sentido estético do termo, ao conceber o sítio-jardim: modelo com o objetivo de exaltar a natureza tropical brasileira, assim como a dos outros espaços também tropicais (Ásia e África) de colonização portuguesa, os exemplares cultivados por Freyre em momento algum suspiram pelo mundo de clima temperado. Por esta razão, mangueiras, cajueiros, jaqueiras, são alguns dos nomes vegetais fincados no sítio-jardim.

Apipucos aparece com esse seu ar discreto, porém lírico – liricamente saudável – em litografias de Schappriz e de Carls. E desde que há fotografia que vem sendo fotografado – dede o primeiro Ferrez, que esteve em Apipucos com Pedro II em 1859 – com maior ou menor arte por não poucos estrangeiros e brasileiros. E muito notado por arquitetos-paisagistas e até por cineastas. De um dos seus pequenos jardins particulares declarou-se entusiasta o grande arquiteto Oscar Niemeyer. O encanto das suas mangueiras seduziu [Roberto] Rossellini que também se deixou prender pelo sabor do cognac de pitangas de Apipucos. Por esse cognac também se apaixonaram o romancista Jorge Amado [...]. Também provou do cognac, aprovando-o, o Presidente Jânio Quadros. Há quem deteste o tal cognac: o cronista Rubem Braga é um desses, em contraste com o seu rival na arte da crônica, Joel Silveira: um entusiasta do cognac de Apipucos, o admirável Joel³¹.



06 – Amostra da coleção de bengalas do escritor, expostas na sala de visitas da *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*. Foto: Elaine dos Santos e Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

Reconhecido por legislação própria como bem cultural, o jardim³² dito histórico ou o sítio ajardinado adquirem o status de museu³³ dado o aparato instrumental exigido pela composição estético-estrutural do paisagismo. Luzes

³¹ FREYRE, Gilberto. *Apipucos: que há num nome?*, p. 69. (grifos do documento)

³² Refiro-me à referência de Jurema Seckler sobre o assunto na “Mesa-redonda: a casa e o jardim”, contida na página 67 dos *Anais do III Seminário sobre casas-museus: conservação*.

³³ *Anais do III Seminário sobre casas-museus: conservação*, p. 74.

especiais, paredes ou pisos destinados às exposições dos exemplares vegetais pouco conhecidos nos centros urbanos delineiam o espaço ajardinado definindo o seu potencial pedagógico. Apesar do sítio-jardim de Apipucos expor o seu caráter didático, a intervenção (a inserção de luzes ou de outros recursos) não foi uma prática estimulada por Gilberto Freyre. Acreditava ele na espontaneidade das espécies vegetais na criação paisagística; as plantas que se transformam em árvores de sombra vasta e raízes vultosas eram estimadas por Freyre, aspecto pouco valorizado pelo manual paisagístico.

Assentado na proposta do bem-estar humano via jardins em meio às cidades, o paisagismo é uma versão refinada do processo de domesticação e estimação de plantas, transformando-se num recurso favorável ao aperfeiçoamento civilizatório estimulado, por exemplo, pelos nobres da Inglaterra do século XVIII, marcados pelo sentido de recuperação do mundo natural. Hábito que aos poucos enveredava para o costume de cultivar plantas consideradas decorativas, como as flores. Esta é uma prática relacionada ao senso de domínio nascido com o desmatamento empreendido pelos homens da Europa Ocidental em seus dias mais remotos. Intervalos temporais que registram o acúmulo de instrumentos favoráveis às derrubadas de árvores e matança de animais. Mais adiante, no interior da concepção moderna de mundo, com a proliferação do individualismo, os objetos e os animais, por sua vez, ganham o poder de substituir algo ou alguém distanciado pelo mesmo individualismo. Enfim, as coisas e os animais, como as plantas, banham-se de sentimentos³⁴.

Em artigo de 1924, *O Recife e as árvores*, Gilberto Freyre critica a falta de coerência ambiental de uma cidade que se definia como moderna. Se num dado momento as áreas desmatadas e transformadas em terras de pastagens ou para a agricultura eram sinônimo de civilização, na contemporaneidade significa a falta de bom senso no trato das questões ambientais.

Talvez em nenhum país se tenha em tão baixa conta o problema das reservas florestais como no Brasil. Os gritos de alarme se sucedem com uma estridência de gritos carnavalescos; e com o mesmo resultado dos 'gritos de socorro' das vozes carnavalescas: ouvem-nas

³⁴ As políticas em defesa do jardim, ou sítio-jardim, respaldam-se na Carta de Florença dedicada aos chamados Jardins Históricos. Tratado fomentado pelo Conselho Internacional de Sítios e Monumentos, o ICOMOS, dirigido pela UNESCO.

todos bem clara, mas ninguém as toma a sério. E as reservas florestais do Brasil, sobretudo no Nordeste, se vão reduzindo à melancolia das últimas jóias da família.³⁵

A posição crítica assumida por Freyre diz respeito ao arcaísmo consolidado em Pernambuco, e no Nordeste em geral, que tentava ignorar nos anos de 1920 a “força jovem” contrária a um “meio parado e acadianizado”. A posição tomada por Freyre no artigo de 1924 surgiu de uma conferência que ele proferiu no Colégio Salesiano do Recife em comemoração à Semana das Árvores. Árvores não só de relevo comercial como funcional: a carnaubeira, lembra o escritor, “por séculos alumiou o Brasil com o seu azeite”.³⁶

Freyre tece ainda uma reflexão acerca do ar esnobe sem limites que rondou a formação das famílias tradicionais do Nordeste da cana-de-açúcar. Portanto, infere:

Somos os fidalgos arruinados do pau-brasil. [...] As jóias de família de fidalgos que nós arruinamos pela extravagância, rareia a ametista das sucupiras e dos angelins; rareia o rubi das ibira-pitangas; rareia o ouro dos pau d'arcos. Donde a urgência de os salvar. Urgência que se aguça dolorosamente.³⁷

Era hábito de Gilberto Freyre, homem já bem maduro, passear ao lado de sua esposa pelo sítio-jardim que montara. O espaço onde referendava as velhas jaqueiras, palmeiras-imperiais e as pitangueiras das quais os frutos serviam de matéria-prima à elaboração do seu conhaque de fórmula secreta. Era admirando o barulho dos sagüins aos galhos de cajueiros que ele sentava-se ao ar livre para apreciar o clima agradável do seu exaltado Apipucos. Envolvido por uma relação sentimental com as árvores deixava-as crescer sob os seus olhos devotos. Tanto que só em 1996, com iniciativa da superintendência geral da Fundação Gilberto Freyre, em comum acordo com o Núcleo de Educação Ambiental da instituição, espécies vegetais do sítio-jardim foram identificadas por biólogos e, desde então, têm placas de cerâmica

³⁵ FREYRE, Gilberto. ‘O Recife e as árvores’. In.: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, vol. II, 1979, p. 380.

³⁶ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), vol. II, p. 380.

³⁷ *Idem*, p. 380.

esmalhada informando ao público da Fundação os nomes científico e vulgar de cada fruteira ou florífera. Plantas de pequeno, médio ou grande porte constituidoras de sua vontade de memória: a que remonta aos dias de seus avós.

Após a crença na dicotomia conflitante entre os mundos urbano e florestal, realizando um largo distanciamento entre ambos, o homem moderno mostrou-se criativo ao instituir os parques, jardins botânicos, jardins residenciais ou sítios-jardins como meio de aproximar-se do mundo selvagem que ele próprio negligenciou. Enquanto no século setecentista inglês as matas serviram de justificativa às imposições de um reino sobre suas áreas de domínio, no XIX os terrenos ajardinados figuraram como centros de pesquisa e/ou reserva científica (nos termos da história natural), no século XX freyriano o sítio-jardim, especificamente, servira de instituição preservacionista em apoio ao mundo natural do qual e no qual emergira a civilização do açúcar. Mesmo que esta intenção não fosse declarada.

Os artigos de Gilberto Freyre para o *Diário de Pernambuco* nos anos de 1920, assim como outros escritos seus em outras décadas, transparecem sua militância em apoio aos mais diferentes temas. Dentre eles, o da árvore ou do meio ambiente em geral alimentam o “pedido de socorro” de um mestre em ciências sociais preocupado com o paulatino desaparecimento das referências pernambucanas de sua infância e pré-adolescência. Tudo, acusa ele, motivado pelo ostracismo brasileiro no trato com os assuntos de nossa natureza tropical. Um desprezo por tudo que era da terra, em detrimento de tudo que era do estrangeiro: porque o que era estrangeiro merecia dignidade e atenção. É por este motivo que a indiferença pelas coisas dos trópicos, inflama o sociólogo, fazia as autoridades desprenderem preferências ao vinho e desprezo às águas minerais brasileiras. Águas “para beber e melhor ainda[:] [...] para os banhos de higiene pessoal”.³⁸

³⁸ *Ibidem*, p. 381.

A falta de consciência ecológica dos habitantes da capital de Pernambuco, na observação de Gilberto Freyre, era o mais grave. Pois, com o objetivo de esclarecer a importância do verde nos centros urbanos é que o Centro Regionalista do Nordeste realiza a *Semana da Árvore*³⁹. Um evento preocupado em *orientar, dirigir, mover o sentimento e a opinião* de jovens intelectuais preocupados com os desmandos do pragmatismo moderno correntes no Recife dos anos de 1920. Anos de indivíduos adeptos do discurso utilitarista, cujo o princípio entendia que *as catedrais deveriam todas desaparecer para dar lugar a restaurantes e a 'water-closets'*.⁴⁰ Freyre relutava contra as convenções e ações consideradas por ele deteriorantes a exemplo dos modelos de vida social vindos da Europa Ocidental ou Estados Unidos. O importante, dizia ele, era encontrar meios e soluções próprios compatíveis às nossas carências e realidades.

Mostrando inquietude no artigo de 13 de novembro de 1924, Gilberto Freyre constrói um argumento seguro ao pôr em pauta sua opinião acerca dos discursos considerados vazios. Então, para que servem as árvores? Indaga o escritor. A resposta seria simples e direta: “as árvores são grandes saneadoras do ar”.⁴¹ Ou para ser mais simbólico, sublinha: “Lembraí-vos da mística cidade de que nos fala São João? Pois na urbe do santo, a árvore, logo ao centro, dominava matriarcalmente. ‘No meio de sua praça ... estava a árvore da vida ... e as folhas da árvore são para a saúde das gentes’”.⁴²

³⁹ Nome de um Seminário realizado no Colégio Salesiano do Recife, no qual Gilberto Freyre discursou na conferência de abertura do evento.

⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), vol. II, p. 381.

⁴¹ *Idem*, p. 381.

⁴² *Ibidem*, p. 381.

O desejo de Gilberto Freyre de colecionar árvores com apelo histórico não se restringia apenas às das dimensões de seu sítio-jardim. O Recife, cidade do Conde Maurício de Nassau, constituiu o seu caráter urbanístico no século XVII respeitando as árvores. Característica ausente nos dias modernos do jovem Freyre, aos 24 anos, tornando-o impaciente em relação às mudanças constantes vistas como irrefletidas que não permitiam a sobrevivência de referências da empreitada luso-tropical; acabando por desorientar a todos. É este o sentimento externado por Freyre ao lamentar a morte de construções de época e árvores de estirpe nobre. Algo que o impulsionara a preparar os guias de cidades como meio de registrar o inexistente (sentimentos de outrora não mais presenciáveis) e o resistente (os bens materiais) do Bairro de Apipucos (1983) e dos centros históricos das cidades do Recife (1934) e de Olinda (1939). E sobre o Recife progressista, lamenta:

Verifica-se em relação às árvores o hábito muito nosso de reformar. Nossas cidades não são cidades: são umas massas de cera. Ninguém lhes respeita a plástica. Tudo nelas é fugitivo e de um dia: não sei até porque não as fazemos logo de papelão e paus de bambu, como as cidadezinhas do Equador à boca dos vulcões, obrigados pela economia e pela segurança à fragilidade de aldeolas de brinquedo. Nossa cidades mudam diariamente de aspecto e forma: a goma arábica poderia aqui substituir o cimento armado; e as ardósias poderiam substituir as tabuletas das ruas para que os nomes fossem escritos a giz. Enfim, isto de mudar é muito nosso: menino, o brasileiro vive a mudar de colégio; depois de grande, de casa. E nas cidades não há o menor espírito de conservação: [...] do Recife, dizia, já nos arrancou a estética dos engenheiros o que possuíamos de mais nossos: os arcos, a igreja do Corpo Santo, as gameleiras. É o caso de gritar à cidade do Recife, como Ramalho Ortigão à cidade de Évora e reduzindo, é claro, as proporções: 'Pobre cidade de Évora, dos nossos mais vastos e mais preciosos museus de arqueologia e de arte, preferindo como Santarém ser uma estúpida coleção de praças largas e de ruas novas!'.⁴³

O afã por modernidade pôs ao chão o espírito verde implantado por Maurício de Nassau no Recife. Esta é a queixa de Gilberto Freyre ao cultuar a saudade de momentos por ele não vividos. E sim herdados. É a vontade de memória que alimenta Freyre como se momentos sociais por ele pudessem ser petrificados para não mais sofrerem perdas com a aceleração dos dias.

⁴³ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), vol. II, p. 385.

Momentos criadores de sua identidade enquanto filho de uma terra de remota origem. Um filho nobre, afinal, não pode negar as suas origens guardadas nos recônditos dos baús das casas de alpendre, assobradadas ou de sítios. Assim como uma cidade, as famílias tradicionais carecem de suas referências: sejam elas um título nobiliárquico, um jazigo ou uma árvore como a palmeira-imperial. Resistentes ao tempo e ao assédio burguês, tais elementos identitários, como os objetos, tornam-se independentes de uma contemporaneidade em voga. *Adquirem autonomia*, segundo afirma Michel de Certeau.⁴⁴ Os objetos e/ou as plantas fomentam o sentido social das pessoas e dos espaços. “Eles são testemunhas de uma história que, ao contrário daquelas dos museus ou dos livros, já não têm mais linguagem”. São lendários⁴⁵, embora possuam códigos próprios muitas vezes indecifráveis no presente. Logo, “historicamente [...] eles têm uma função que consiste em abrir uma profundidade no presente, mas não tem mais o conteúdo que provê de sentido a estranheza do passado”. Resignificam-se através dos usos.

Gilberto Freyre institui a sua imortalidade quando convenciona um tempo próprio para a sua casa-museu. O tempo dosado pela combinação de objetos, e de exemplares vegetais em seu sítio-jardim, carregados de desusos (já que a importância do utilitarismo cotidiano não mais apresenta fôlego no bojo dessas categorias materiais) que nas dimensões da residência de Apipucos tomaram para si o valor involuntário de semióforos⁴⁶. Um oratório estilo Barànger, um urinol de louça inglesa ou um sítio-jardim nutrem o apelo freyriano da eterna lembrança, fazendo nascer uma memória histórica particular em decorrência da delimitação temporal destinada à aclamação: a do patriarcado pernambucano do açúcar. Mas a aclamação não se restringe apenas ao âmbito familiar do escritor quando da abertura de sua coleção aos olhos curiosos do público.

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. *Op. Cit.* (2002), p. 192.

⁴⁵ *Idem*, p. 192.

⁴⁶ O semióforo, de acordo com a antropóloga Regina Abreu, é caracterizado pela ausência de uso dos objetos. Esporas de prata, bandejas de porcelana do Oriente e uma cigarrilha ancestral, são exemplos dos objetos semióforos colecionados por Gilberto Freyre. São dotados da qualidade de relíquias ou raridades. Destinam-se ao olhar, à ornamentação da estirpe nobiliárquica. “Os semióforos são, portanto, pontes entre o mundo visível e o mundo invisível, são suportes materiais de idéias; ‘desempenham a função de intermediários entre os espectadores e o mundo invisível de que falam os mitos, os contos e as histórias’”. Cf. ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: LAPA/ROCCO, 1996, p. 43.

O art. 1º, especificamente do item 2º, do decreto-lei de n.º 25, de 30 de novembro de 1937, o SPHAN, hoje IPHAN, destina-se aos tombamentos de bens paisagísticos no Brasil:

Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.⁴⁷

Fato que possibilita o reconhecimento, com o título de patrimônio nacional, o sítio dos arredores da casa de Gilberto Freyre. Sítio-jardim registrado no IPHAN sob a denominação de “Sítio Paisagístico”⁴⁸ em 1988. O que significa que esta conceituação soma em um só bloco o aporte paisagístico e o ecológico para considerar a capacidade humana de erigir, por meio da flora, espaços *naturais* obedientes à estética. Muito embora, ressalte-se, esteja o sítio montado por Freyre e sua senhora ligado ao ideário ecológico do escritor. O sítio hoje em poder da Fundação Gilberto Freyre reporta-se, pela conciliação de espécies das floras nativa e exótica, às Quintas Portuguesas:

[...] se alguém for reparar em pormenores, descobrirá, no [...] arvoredado castiçamente português – sobreiros, salgueiros, vinhas –, muita planta vinda do Ultramar tropical [...] . Sinal de que a Quinta, entre outras virtudes, tem tido a de domesticar em Portugal os exotismos vindos dos trópicos, ao ponto de harmonizá-los com as velhas árvores desta parte já quase tropical da Europa. A Quinta é também uma expressão do poder português por harmonizar valores tropicais com os europeus.⁴⁹

O sítio que circunda a casa-museu denota a composição de um Jardim Botânico orientado sem a rigidez da ordenação classificatória, exprimindo, por seu turno, a idéia de espontaneidade inerente aos vegetais presentes no sítio; como se tivessem surgidos e crescidos sem a intervenção humana. Jardim Botânico por tratar-se de um jardim constituído de exemplares vegetais

⁴⁷ DECRETO-LEI de 30 de novembro de 1937.

⁴⁸ Processo de Tombamento da Vivenda Santo Antonio de Apipucos.

⁴⁹ FREYRE, Gilberto. *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962, p.25.

providos de referências sociais e de história natural significativos ao senso do homem lusotropicalizado. Em resumo: Gilberto Freyre tenta reunir plantas frutíferas, medicinais e ornamentais intimamente ligadas ao processo de expansão e de assentamento do português no hemisfério terrestre tropical. Tanto que em uma das seções de *Apipucos: que há num nome?*, de dezembro de 1983, intitulada de 'Árvores que Resistem', apresentam-se exemplares vegetais exóticos que registram a peculiaridade do colonizador português ao domesticar árvores e plantas em ambientes distintos de sua topografia autóctone. Freyre fincou nas dimensões de sua propriedade

mangueiras, jaqueiras, cajazeiros, abacateiros, cajueiros. Aldous Huxley deliciou-se em conhecer em Apipucos um Jenipapeiro. Arnold Toynbee, também. Também Lucien Febvre. Também o poeta Robert Lowell. As mangas, as jacas e os abacates dos sítios ainda são famosos. São de árvores que resistem a ameaças de poluição. Árvores valentemente ecológicas. Insistentemente telúricas. Famosas são também suas carambolas das quais alguns moradores do lugar fazem um refresco delicioso. Ainda mais famosas são suas pitangas.⁵⁰

Em artigo para o *Diário de Pernambuco* de 03 de maio de 1925, Gilberto Freyre lamenta a atitude de um morador do bairro de Casa Amarela, subúrbio do Recife, pela falta de senso preservacionista frente aos exemplares de árvores frutíferas e plantas ornamentais nativas, e exóticas, adaptadas aos trópicos brasileiros, na composição de seus jardins. Tendo em foco o encantamento do Sr. A. J. I. pela plástica da jardinagem suíça, Freyre enceta uma crítica dotada de refinado tom de ironia, afirmando que:

da Suíça tudo nos distancia, ainda que tão abundantes sejam nossas relações comerciais: ela a nos fornecer relógios e latas de chocolate e de leite condensado e nós a lhe fornecermos turistas para os seus lagos, novos-ricos para os seus hotéis e tuberculosos para os seus sanatórios. A reciprocidade econômica é perfeita e sem um pêlo arrepiado a cordialidade de nossas relações – exatamente pela semelhança radical de condições de vida.⁵¹

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), p.47.

⁵¹ FREYRE, Gilberto. 'Acerca de jardins'. In: *Tempo de Aprendiz*. São Paulo: IBRASA, vol. I, 1979, pp. 154-155. Na coletânea de artigos *Retalhos de Jornais velhos*, Gilberto Freyre republica este artigo mas sob outro título: 'Jardins para os trópicos'.

Para combater o encanto de um Sr. A. J. I., Freyre imprime a seu argumento lembranças de suas visões inspiradas nos espaços antropogeográfico e paisagísticos portugueses. Em particular os paisagísticos. Recordando “com saudade as tardes e os meios-dias de sol passados em Lisboa [...]”, o escritor delineia a pertinência ambiental dos jardins lisboetas da importância do de São Pedro de Alcântara. Iluminado pela luz solar pouco boreal capaz de definir o colorido dos edifícios da capital lusa.

As árvores, promotoras de vasta sombra, estão em consonância com a incidência dos raios solares dispersos por sobre toda Lisboa. Algo que aos jardins portugueses atribui o ar de espontaneidade na forma de apresentar-se ao público. Espaços contrários às *superfícies lisas; sem árvores; [...]* [e com] *canteiros simétricos. Tudo [...] deliciosamente ao acaso.*⁵² É certo que após a chamada Reforma Suíça, a inspiração moderna e civilizatória, Lisboa passou a adotar tal lógica organizacional na vida privada e na racionalização dos espaços públicos.

Gilberto Freyre, portanto, afirma ser incoerente com a nossa dinâmica tropical, a introdução dos modelos suíços de paisagismo. Uma resposta enfática ao Sr. A. J. I., impregnado de estrangeirismos. Considerando-se que:

sob o nosso sol e nesta nossa natureza meio-selvagem ainda, jardins como os suíços; ou como os franceses do Loire; ou como os ingleses de Holland House – estilados, os tufos aparados em cubos, os canteiros em dura simetria [...] – assumem um ar melancólico e ao mesmo tempo ridículo. E não se compreende que em vez de tirarmos partido de valores naturais; da meia selvageria que é a delícia da nossa natureza – procuremos eliminar aqueles valores e disfarçar essa maia selvageria, para fingir, nos jardins, a Suíça e Loire. É como se fantasiássemos de branca, uma beldade negra; ou de loura, uma linda cabocla. Os efeitos de ridículo plástico são semelhantes.⁵³

A intervenção geometrizarante nos espaços verdes acaba por quebrar com o caráter de intimidade que um jardim à portuguesa pode vislumbrar, acredita Gilberto Freyre. Tudo porque o jardim passa a figurar como uma peça de museu histórico: proibida a intervenção por meio do corpo humano. O exemplo de jardim, para Freyre, a ser apreciado pelo brasileiro não é o suíço, e

⁵² FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), vol. I, p. 156.

⁵³ *Idem*, p. 155.

sim, o português. O do formato de sítios-jardins como o que circula a casa-museu de Apipucos. Um misto de exemplares frutíferos e floríferos. No entanto, [...] “com a mania das avenidas à francesa [...], veio também a mania desses canteiros [...] rigidamente alinhados. Canteiros imitando troncos de árvores para dar nota de rústico”.⁵⁴

O *Diário de Pernambuco*, de 1919 à década de 1980, servia de veículo para depurar e dissipar as idéias do jovem instruído recém-chegado dos estudos realizados nos Estados Unidos e em países do continente europeu. O que legitimava a sua posição de colunista empenhado em defender os bens culturais pernambucanos ameaçados. Gilberto Freyre encarna o papel de indicador do sentido cultural pernambucano, em especial recifense, aos leitores de seus temas e propostas. Como os que defendem a manutenção dos jardins à portuguesa caracterizados por suas “plantas coloniais” ameaçadas pelo “progresso”. No dizer do escritor, acrescente-se, “a tradição portuguesa é sem dúvida a que devia estar sendo aqui – no Brasil – desenvolvida, com um maior e mais forte relevo dos efeitos de espontaneidade e, sobretudo, procurando-se nos jardins o máximo de sombra”.⁵⁵

No décimo capítulo de *Apipucos: que há num nome?*, Freyre fala da relação de famílias tradicionais do bairro de Apipucos com a sua ecologia. Famílias como a dos Burle e a dos Tasso. Quanto aos Tasso, estes mantinham, diz Freyre, um jardim expressivo no subúrbio ilustre do Recife. Os Tasso, *descendentes de um italiano que em Pernambuco foi príncipe do comércio*, iniciaram a sua morada em Apipucos, nos inícios do século XX, na casa que pertencera à família de Roberto Burle Marx.

Ao escrever as memórias de Apipucos, o autor de *Casa-Grande & Senzala* fala da presença do Imperador D. Pedro II caçando nos arredores apipuquenses. Fato que permitiu registrar em fotografia o seu panorama paisagístico. Além de manifestar a sua insatisfação perante o desapego do recifense, envolvido pelo discurso da modernidade, pelos azulejos e arcos que anunciavam a sua história por tratá-los como velharias vergonhosas. E lamenta:

⁵⁴ *Ibidem*, p. 157.

⁵⁵ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1979), vol. I, p. 156.

É uma pena não se conservarem os restos do velho engenho que em Apipucos moeu durante séculos canas de massapê da Várzea do Capibaribe: esse Capibaribe que em Apipucos faz voltas tão fechadas e se espreguiça tanto como se não quisesse ir até o Recife e desaguar no Atlântico.⁵⁶

Gilberto Freyre aprendeu com Franz Boas que a cultura estava intimamente ligada ao meio. A cultura, como criação material, surgiria dos recursos da natureza que o homem tinha em mãos. Não existiria, assim, a arte na madeira de Spieller ou Bèranger se não existisse o jacarandá ou o vinhático. Freyre acreditava que a cultura era situacional, ecológica. Ele, homem cioso pelo passado e pela ecologia da qual e na qual brotou a cana-de-açúcar, fez coleção de pitangueiras, mangueiras, palmeiras imperiais, com o fim de tornar público os exemplares da vida natural significativos à história de Pernambuco.

Com o extrato das pitangas, Freyre elaborou cultura criando um conhaque⁵⁷ de fórmula secreta. Com a palmeira imperial, fez perpetuar a sua linhagem aristocrática. Se a mangueira ou a jaqueira, por exemplo, são espécies exóticas, embora bem adaptadas aos trópicos brasileiros, estas se apresentaram mais exóticas ainda aos olhos de seus visitantes ilustres quando as transformou em motivos de atração e degustação.

Dessa forma, o sítio-jardim que Freyre aos poucos cultivou, não apenas servia aos seus passeios de fim de tarde, como também aos devaneios da introspecção que lhe era marcante. O sítio-jardim de Apipucos, portanto, era um lugar de memória para Gilberto de Mello Freyre.

O sítio-jardim guarda uma reserva inestimável dos ingredientes fundamentais para a boa culinária tropical pernambucana. Os doces em calda surgidos com as frutas opulentas dão o tom da civilização do açúcar que Gilberto Freyre tanto animou em seus escritos.

⁵⁶ *Idem*, p. 38.

⁵⁷ O conhaque era para Gilberto Freyre um sinal da boa hospitalidade. Aos visitantes mais “chegados” era oferecido o conhaque de pitanga. No *Manifesto Regionalista*, lê-se: “[as] [...] tradições de mesa e sobremesa de Portugal [...] não tardaram a aventurar-se a combinações novas com as carnes, os frutos, as ervas e os temperos da terra americana. Aventuras de experimentação continuadas pelas brasileiras, senhoras de engenho, pelas sinhas das casas-grandes, umas, grandes quituteiras, outras, doceiras, quase todas peritas no fabrico do vinho de caju, do licor de maracujá, da garapa de tamarindo: símbolos da hospitalidade patriarcal, nesta parte do Brasil, antes do “cafezinho” ter-se generalizado como sinal de cortesia ou boas vindas”. *Vide* pp. 51-52, da 4ª edição de 1967.

O açúcar – que se fez acompanhar sempre do negro – adoçou tantos aspectos da vida brasileira que não se pode separar dele a civilização nacional. Deu-nos as sinhás de engenho. As mulatas dengosas. Os diplomatas maneirosos, tipo barão de Penedo, barão de Itamaracá [...]. os políticos baianos – os melífluos e finos do Brasil. As toadas dos cambiteiros. Os cantos das almanjarras. As variações brasileiras da arte do papel rendilhado de tabuleiro de bolo e do doce de dia de festa. Os poetas madrigais mais suaves. Alguns pregões brasileiríssimos: ‘Sorvete, iaiá! É de maracujá’; ‘Sorvete, sinhá! É de cajá’⁵⁸.

Diante de tamanha herança, Gilberto Freyre sai em defesa do complexo cultural que o açúcar criou. É da ecologia tropical que o açúcar apurou o gosto luso-tropical das casas-grandes. Freyre, portanto, pinta e distribui em sua literatura o lugar social dos atores que compõem a regência da dinâmica patriarcal. A mulher, por exemplo, como ninguém, definiu-se como mestra da fábrica de quitutes: a cozinha.

O açúcar deu forma a cultura material. Toalhas, papéis de enfeites e fôrmas de bolos e doces, passaram a indicar ócio, opulência e contraste social. É na culinária, sustenta Gilberto Freyre, que reside boa dimensão da tradição regional. Famílias adquirem distinção umas das outras por meio das receitas secretas guardadas como um sigilo de Estado. É nessas receitas que reside o pitoresco que há nos conflitos entre as matronas de estirpe. Atentando para esta perspectiva da obra de Gilberto Freyre, o historiador Peter Burke investigou os fios que a tecem no artigo *Gilberto Freyre e a nova história*⁵⁹.

⁵⁸ FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, pp. 55-56.

⁵⁹ No artigo, detecta o historiador: “A melhor analogia francesa ao trabalho de Freyre antes do nascimento dos Annales foi provavelmente a ‘história da vida privada’ praticada pelos irmãos Goncourt. Freyre estava efetivamente lendo os Goncourt com entusiasmo por volta de 1922, quando pensou em imitar sua *histoire intime*. Quando leu pela primeira vez Proust, interpretou *À la recherche du temps perdu* como um projeto paralelo [...]. Hoje, os Goncourt freqüentemente não são levados a sério como historiadores. Tendem a ser diminuídos como amadores e popularizadores que escrevem apenas para entreter. Contudo, eles tinham suas próprias idéias sobre a escrita da história. No prefácio do estudo sobre as amantes de Luís XV, publicado em 1860, os Goncourt argumentaram em favor de uma história ‘nova’ ou ‘social’, uma história da vida privada que faria justiça à ‘mulher, esse agente histórico altamente desconsiderado’. Essa nova história, segundo os Goncourt, utilizaria uma ampla variedade de fontes, tais como jornais, novelas e pinturas [...]. Ambas preocupações, com a mulher e com o uso de jornais, também são marcas do trabalho de Freyre. Se ele tem tanto em comum com os praticantes da *nouvelle histoire*, a explicação óbvia é em termos de uma ancestralidade intelectual comum”. Vide BURKE, Peter. *Gilberto Freyre e a nova história*. In: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, vol. 09, nº 2, out./1997, pp. 07-08.

Sem o gosto das frutas tropicais, o açúcar, como gênero elaborado, não ganhava efeito social no cotidiano das casas-grandes. Os pomares, sítios ou sítios-jardins, alimentam a ânsia de memória de Gilberto Freyre, por fazerem brotar o elemento bruto que colore os grãos de açúcar: as frutas. Sabendo da possibilidade do desaparecimento de seu sítio-jardim e, por conseguinte, dos exemplares do complexo da civilização do açúcar nele contidos, Freyre lutou em favor do tombamento de seu patrimônio. O momento que afligia o escritor era o da mudança iminente. A mudança que poderia dissipar a coleção que criteriosamente juntou como forma de referendar o passado. A memória incide, e Gilberto Freyre demonstra isso com o desejo de transformar a propriedade de Apipucos em Fundação.

Capítulo III – Entre a casa e o museu

A configuração do mobiliário é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época. O interior burguês típico é de ordem patriarcal: conjunto de sala de jantar, quarto de dormir. Os móveis, diversos na sua função, mas fortemente integrados, gravitam em torno do guarda-louça ou do leito central. Há uma tendência à acumulação e à ocupação do espaço, ao seu confinamento. Unifuncionalidade, inamobilidade, presença imponente e etiqueta hierárquica.¹

Jean Baudrillard

Os museus, espaços de memória, de esquecimento, de poder e de resistência, são criações historicamente condicionadas. São instituições datadas e podem, através de suas práticas culturais, ser lidas e interpretadas como um documento.²

Mário Chagas

3.1 – A idéia de museu segundo Gilberto Freyre

A idéia de museu para Gilberto Freyre orbita na esfera antropológica. O museu implica num distanciamento da concepção positivista da história. O museu antropológico abriga artigos culturais indígenas, africanos, da chamada “arte popular”, dos objetos ligados às práticas diárias, como: painéis, pentes, urinóis, lavabos, cadeiras, bonecas, carrinhos de madeira, xícaras, ferrolhos, dobradiças. Sobre o tema, exemplifica Freyre:

Dirigido o Museu do Estado de Pernambuco pelo professor José Maria de Albuquerque, depois de ter sido organizado e dirigido, no governo Estácio Coimbra, pelo professor Aníbal Fernandes, passou a abrigar importante coleção de material ameríndio: o recolhido na área

¹ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 21.

² CHAGAS, Mário. ‘Museu, museologia e pensamento social brasileiro’. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó, ano 18, nº 21, 2005, p. 25.

amazônica pelo ilustre pernambucano Carlos Estêvão, por algum tempo diretor do Museu Goeldi.

E mais:

O novo museu [, histórico mas de pendor antropológico,] é síntese do passado, da vida e cultura do homem do Nordeste brasileiro; e, como tal, além de centro de estudos, de informação e de esclarecimento de assuntos regionais, órgão cultural a serviço quer do Brasil, quer de outras nações eurotropicais. Museu onde a mocidade universitária, a juventude escolar, o público brasileiro e os estrangeiros de passagem pela capital de Pernambuco, ou vindos de universidades européias e de outras áreas para estudos especializados no Instituto Nabuco [...] possam adquirir uma visão honesta e segura das condições de vida, dos estilos de habitação e também das técnicas de trabalho do homem brasileiro do Nordeste agrário do Brasil, em comparação com os estilos de vida e as técnicas de trabalho rural dos nativos ou residentes em outras áreas tropicais ou eurotropicais. Especialmente – acentue-se – de outras áreas tropicais marcadas, pelo tipo de formação social do Brasil, ou sejam, as denominadas hispanotropicais. Particularmente, as lusotropicais.³

Fazendo reunir num mesmo cômodo objetos de expressões culturais variadas, característica instigante do conjunto museal de Apipucos, Gilberto Freyre ergueu um acervo documental de peças de arte e utensílios domésticos, sem revelar a intenção primária do seu ato: instituir um lugar de memória voltado ao tema da casa brasileira.

O tema “Museu” foi uma constante na produção intelectual freyriana. Os textos daí surgidos, apesar dos intervalos cronológicos significativos, demonstram a preocupação de um cientista social atento ao aspecto sistêmico da manifestação cultural: o da afinidade entre o meio, o homem e as criações materiais⁴.

³ FREYRE, Gilberto, ‘Ciência do homem e museologia: sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco’. p. 324.

⁴ O museólogo Mário Chagas, em artigo de 2005, destaca os textos de Freyre dedicados ao campo do museu. No texto *Museu, Museologia e Pensamento Social Brasileiro*, Mário Chagas aponta: “O pensamento museológico do velho de Apipucos, como Gilberto Freyre gostava de ser conhecido no fim da vida que não foi curta, está condensado em quatro documentos: 1º) o artigo publicado no Diário de Pernambuco, em Recife, no ano de 1924; 2º) o texto do Manifesto Regionalista, lido em 1926 e publicado pela primeira vez em 1952; 3º) o texto denominado ‘Sugestões em torno do Museu de antropologia do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais’, publicado em 1960, pela Imprensa da Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e 4º) o ensaio publicado em forma de livro denominado ‘Ciência do Homem e Museologia: sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste do

Da face arquitetônica à distribuição das salas, quartos e corredores, Freyre desejou fomentar um centro de exposição dedicado à vida das casas de sítios do Recife do século XIX. Fato que provoca nos estudiosos de museus o interesse de compreender a relevância dos objetos na esfera caseira. Relevância que ultrapassa a dimensão utilitarista do uso: os objetos dizem muito das relações sociais ao classificarem as pessoas. O cotidiano no qual os objetos estão imersos motiva desejos, conflitos e sentidos nos quais os homens e mulheres se sustentam: criam sentidos e significados com o fim de legitimarem a existência da distinção social, de suas regras e atributos.

Transformar práticas cotidianas – e os espaços físicos nos quais o cotidiano é debulhado – em patrimônio nacional diz muito da preocupação do intelectual recifense: o senso patrimonialista é aclamado quando aquilo que se deseja preservar corre o risco atroz de desaparecer. A operação refinada das lucubrações de Gilberto Freyre avolumou-se no âmbito da casa de Apipucos: nasce daí um lugar de memória patrimonializado.

O fato da casa de Gilberto Freyre ter sido institucionalizada após a morte do sociólogo em julho de 1987, institucionalizada porque logo é transformada em casa-museu, não implica uma relação direta com a realização de pesquisas em torno da coleção nela contida. A casa-museu de Gilberto Freyre, é definida, primordialmente, como o centro irradiador da obra ensaística freyriana, segundo expressam o Estatuto e o Regimento Geral da Fundação Gilberto Freyre:

ARTIGO 3º - São objetivos da Fundação: a) manter reunido, preservado e à disposição do público o acervo pessoal e intelectual de Gilberto Freyre; b) estudar, promover, divulgar e difundir as diversas manifestações da arte, da cultura e da ciência, especialmente do e no Nordeste; c) promover os estudos tropicológicos e o intercâmbio com Universidades e demais instituições científicas e culturais do País e do exterior; d) patrocinar o amplo conhecimento da região nordestina, sua história, sua formação social e econômica, seus problemas e alternativas de soluções; e) estabelecer um intercâmbio artístico, educacional, cultural e científico do Nordeste com as demais regiões do País e com o exterior, visando a realização dos seus fins.⁵

Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. (Recife, IJNPS, 1979/1980. Série Documentos, 14)". Cf. CHAGAS, Mário. *Op. Cit.* (2005), pp. 25-26. Além desses, podemos citar a conferência *Cultura e Museus*, de 1985.

⁵ ESTATUTO E REGIMENTO GERAL da Fundação Gilberto Freyre, p. 07.

Gilberto Freyre pretendeu divulgar a concepção que define o museu como o espaço no qual pode ser apresentada a diversidade sociocultural do Brasil, em seu mais amplo aparato de símbolos e objetos. Dessa forma, o sociólogo lembra que a casa é um espaço de experimentação. Vivia-se, na casa dos Freyre, as tradições da morada e dos quitutes luso-tropicais de Pernambuco.

Frisar este feito da casa após o seu tombamento é entender o desejo do escritor ao “doar” aos brasileiros a sua propriedade: o de transformar a casa onde residira numa referência, num exemplo material (concreto) que sobrou, ou sugere ter sobrado, dos dias patriarcais.

Se a composição museal da casa mescla os objetos etnográficos aos classificados de artísticos é porque isso implica dizer que estamos, na definição de Gilberto Freyre, diante de um museu do tipo dinâmico. Do livro à casa, a miscigenação serve de apoio à perspectiva que o escritor considera mais coerente na leitura de nossa sociedade: a que procura interpretar a cultura brasileira não da esfera pública ou da glorificação dos grandes momentos públicos, mas da ótica íntima, cotidiana e “popular”. Sendo assim, Gilberto Freyre atribui à casa o direito de participar do mundo do museu. Mas um mundo, destaque-se, de porte etnográfico. É na etnografia museal, afirma, que residem as expressões culturais consideradas inexpressivas tanto pela história tradicional quanto pela museologia das relíquias.

A museologia, na acepção de Freyre, deveria garantir a reflexão em torno da transformação do meio: é quando um ramo de “cipó”, por exemplo, deixa de ser cipó e passa a figurar como “cesto”.

Um museu, para ser caracteristicamente brasileiro, precisa fazer o visitante notar a aliança entre herança cultural européia e ecologia tropical. A história cultural – volte-se a acentuar – a precisar da história natural em termos museológicos.⁶

Museu para Gilberto Freyre, enfim, é aquele que inclui na composição do acervo,

⁶ FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*. Recife: FUNDARPE, 1985, p. 24.

[...] painéis de barro, facas de ponta, cachimbos de matutos, sandálias de sertanejos, miniaturas de almajarras, figuras de cerâmica, bonecas de pano, carros-de-boi, e não apenas [...] [preciosidades] de heróis de guerras e mártires de revoluções gloriosas.⁷

A casa, portanto, adquire o status de “objeto-símbolo” diante da sua constante capacidade de renovar e fazer permanente os caracteres que a compõem, sem esquecer da adaptabilidade aos ambientes regionais correspondentes que a casa brasileira experimentou quando da construção das primeiras casas-grandes de “pedra e cal”. Logo, na definição freyriana, a cultura material não é apenas aquilo que convencionamos denominar de produção material simplesmente, mas a concretização de valores que correspondem aos interesses individuais e coletivos.

Há casas cujas fachadas indicam todo um gênero de vida nos seus mais íntimos pormenores. Todo um tipo de civilização. O ‘bungalow’ americano é assim. Vendo-o, pensa-se sobretudo em conforto e na vida de família. Instintivamente se prova seu interior de vasta mesa quadrada, dum candeeiro com o seu ‘abat-jour’, duma estante cheia de romances e revistas e também dum Webster e duma Bíblia, de uns móveis simples e um tanto secos; e duma família parecida a esses móveis. Detrás do pórtico dum ‘bungalow’ não se imaginam mulheres despenteadas berrando às crianças; nem meninos sujos besuntando de restos de geléia o teclado do piano [...].⁸

Entre a relação casa/objeto existe a prática da “preservação”. Preservar, na lógica freyriana, é sinônimo de “sentimentalizar o objeto” para não deixá-lo cair na descartabilidade. Freyre, então, contrapondo-se ao consumo desenfreado, elabora um tratado a favor do objeto de época. Do objeto situacional. Do objeto complexo:

Pode-se sugerir do Brasil que é nação em que sofisticação e primitividade culturais juntam-se, harmonizam-se, completam-se, essa harmonia de contrários aparentemente inconciliáveis refletindo-se nos seus museus. Impossível apresentar-se museologicamente o móvel brasileiro, ou a imagem de santo brasileira, sem o informe exato sobre a madeira de que é feito esse móvel ou em que foi esculpida essa imagem. Impossível apresentar-se a própria cana-de-açúcar, básica da

⁷ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*, p. 08.

⁸ FREYRE, Gilberto. ‘24’. In: *Tempo de Aprendiz*, p. 315.

primeira civilização em que se firmaram os começos de estabilidade social brasileira, sem um justo informe museológico sobre o massapê em que ela se vem mostrando mais harmonizada com a natureza tropicalmente brasileira.⁹

Freyre, valendo-se da sugestão pedagógica do museu, promove a relação meio, objeto, referência ancestral e memória, ao compor paulatinamente a coleção de sua casa-museu. O ato de colecionar pareceu, aos olhos dos familiares do escritor, um simples hábito de acumular. No entanto, tratava-se de um projeto que o sociólogo pretendia fomentar: o da “moderna museologia”, sendo a casa de Apipucos um resultado paupável disso.

Na dissertação de mestrado, defendida em 1922, Gilberto Freyre descreve aspectos peculiares da vida social do patriarcado pernambucano. Nela, aborda a alfabetização e iniciação sexual do menino de engenho ou urbano, passando pelo senso de reserva e de austeridade que impõem um traje longo feminino, ou uma bengala de marfim à inglesa. Instrumentos de distinção social e de gênero, capazes de estimular a análise social dos objetos com o fim de traduzir o valor de uso e de relação sentimental neles imbricados.

Não podemos esquecer que antes de ser um espaço musealizado, o imóvel dos Freyre era uma casa. Casa, ressalte-se, na atualidade, sem vida cotidiana em razão de seu tombamento.

A casa-museu de Apipucos resguarda em si a concepção antropológica que Gilberto Freyre intuiu para os museus em geral. O museu do tipo freyriano, sob os olhares antropológicos, traduz-se pelo caráter inclusivo de sua museografia. O acervo, portanto, é o mais variado possível: objetos ditos populares, folclóricos ou ergológicos¹⁰, estão no mesmo ambiente museal que os artefatos ditos históricos ou “eruditos”.

De acordo com o escritor de Apipucos, o acervo contribui para a conceituação do museu que o abriga. Para o conceito museológico do Museu Histórico Nacional, dos tempos de Gustavo Barroso, o acervo lembrava as

⁹ FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*, p. 24.

¹⁰ Para Gustavo Barroso essa não era uma premissa válida: museu histórico, por exemplo, não deveria apresentar em seu acervo objetos folclóricos, etnográficos. Para tanto, Barroso, em 1942, sugeriu o projeto de um Museu Ergológico. *Vide* BARROSO, Gustavo. ‘Museu Ergológico Brasileiro’. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde/Imprensa Nacional, vol. III, 1945, pp. 433-448.

“grandes” comemorações, os “grandes” feitos. Para o Museu Nacional, o valor etnográfico de seu acervo era o que definia o papel da instituição. Do mesmo modo, o Museu do Homem do Nordeste e a Casa-Museu de Apipucos. Tanto esta quanto aquele, fundamentam-se na diversidade do acervo: formado por objetos ditos históricos, etnográficos, de “arte popular”.

Na busca do entendimento do complexo social, Gilberto Freyre procurou nos exemplares da cultura material um caminho alternativo. Em face da complexidade social brasileira, complexidade que exige uma variada gama documental para ser interpretada, Freyre conferiu à cultura material considerável importância. Portanto, um museu que se expressasse por meio de “rudes moendas”, de “grossas correntes de ferro” que prendiam os negros escravizados aos troncos, marcaria o potencial educativo da instituição: ler a sociedade através dos seus pormenores, do seu íntimo.

Num artigo remoto da década de 1920, mais precisamente de 1924 para o *Diário de Pernambuco*, republicado numa coletânea em 1934, Gilberto Freyre delinea o seu conceito de museu antropológico, dizendo:

Acentuaria um museu de artes retrospectivas¹¹ em Pernambuco as afirmações de interesse artístico, inspiradas em motivos da vida ou da paisagem regional. Um meu amigo possui um pequeno sofá de jacarandá que, sob esse ponto de vista, é deliciosamente sugestivo: formam-lhe o espaldar cornucópias com maracujás e caju. Um encanto de expressão regional, o velho sofazinho para duas pessoas. De todo esse mundo de coisas dispersas é que está por fazer o inventário. Disto e do muito que haveria ainda a destacar, dentre pequenas artes – caseiras ou domésticas, umas, como a do bico e renda pelo processo dos bilros e das almofadas com espinhos de mandacaru; plebéias, várias, como a da louça de barro, a dos cachimbos, a dos chapéus de palha de Ouricuri e das redes de trançado, a dos tamancos, a dos cocos de beber água. Em tudo isso se tem afirmado, às vezes de maneira diferente, a ingênua imaginação da nossa gente do povo.¹²

¹¹ Em nota para o artigo *Museu, museologia e pensamento social brasileiro*, Mário Chagas sugere: “O pesquisador supõe que o museu de Artes Retrospectivas a que se refere o artigo de 1924, seja o Museu Histórico Nacional, criado no Rio de Janeiro, em 1922, por Gustavo Barroso, durante as comemorações do centenário da independência do Brasil”. CHAGAS, Mário de Souza. *Op. Cit.* (2005), p. 35.

¹² FREYRE, Gilberto. ‘Um museu que teria atuação social’. In: *Retalhos de Jornais Velhos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2ª edição, 1964, p. 29. (grifo meu)

E sob o apelo da crença na recuperação das origens de uma sociedade via objetos deslocados de sua época, a exemplo das facas e punhais expostos na casa-museu de Apipucos, declara Gilberto Freyre:

É preciso não esquecer que Pernambuco chegou a ter nos tempos coloniais a sua pequena Toledo que foi Pasmado. Pequena Toledo onde se apurou o fabrico da arma mais caracteristicamente pernambucana: a faca de ponta. Arma hoje plebéia, foi, entretanto, nos tempos coloniais, a da nobreza pernambucana. O que explica o esquisito lavor de certos cabos e bainhas de prata de velhos punhais. É pois injusto aliar a faca de ponta à pura idéia de desordem rasteira; aos muleques e ‘cabras’ que outrora se esfaqueavam diante das bandas de música, nos dias de procissão ou de festa. Em Pernambuco, o punhal muitas vezes rebrilhou como elemento de ordem: foi a arma de confiança do senhor de engenho nesse período vivamente florentino da nossa história (1821-1849), em que os próprios padres foram, no sertão, os ‘condottieri’ tonsurados de que nos fala Oliveira Lima. Tollenare notou nos engenhos pernambucanos o luxo comum do punhal de cabo de prata; Koster nos fala das facas de Pasmado: viu-as em toda parte. E assim as descreve certo missionário metodista, que aqui esteve nos começos do século XIX: ‘facas que o povo gosta apaixonadamente de trazer à cinta em bainhas de prata e tem o vício de empregar com demasiada freqüência para fins criminosos’. Chegaram muito prósperas até os começos do século atual, certas pequenas indústrias e arte, hoje em declínio se não de todo desaparecidas, como a das facas de Pasmado. Em Pão de Açúcar, em Alagoas, chegou a ser numerosa a produção de tamancos; e creio que as louças de barro e os chapéus de palha de Ouricuri, ainda os fabrica a gente rústica de Coruripe e Maragogi. São artes e indústrias humildes e ingênuas – porém dignas de estudo. O mesmo se pode dizer das ainda cultivadas pelos índios de Águas Belas e da de ex-votos e promessas que se desenvolveu em torno de São Severino dos Ramos e de Santo Cristo de Ipojuca.

A partir daí, aconselha:

Um museu que procurasse reunir, num esforço de investigação, tantos valores dispersos, faria sem dúvida obra de ação social. Porque não se trata de mero fervor necrófilo: trata-se de reunir matéria sugestiva e estimulante da imaginação, ao mesmo tempo que documentário valioso de nossa formação social: formação inacabada, incompleta, em que o passado deve ser chamado a colaborar com o presente.¹³

A impressão que o visitante tem, ao deparar-se com o interior da casa, é a de uma relativa desorientação. Da sala de visitas, o primeiro dos quatorze cômodos, o visitante tem a opção de transitar pela casa como se estivesse em

¹³ *Idem*, pp. 29-30. (grifo meu)

uma residência sem as formalidades exigidas por um museu, conforme ocorre no museu de arte ou histórico, por exemplo.

O visitante, uma vez na sala de visitas, tem à sua frente, a porta de acesso à sala de jantar. No entanto, tanto à sua direita, quanto à sua esquerda, encontram-se duas portas de acesso às salas Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, respectivamente. Estrutura que acelera a curiosidade daquele que observa.

O autor de *Casa-Grande & Senzala* é antes um antropólogo. O que se desejou esboçar é que a vertente conceitual que perpassa, com sutileza, a arrumação museográfica da casa-museu, tem alicerce na ótica da “difusão” cultural. Pode-se detectar que “[...] os objetos [...] na antropologia difusionista, [são] como ilustrações de processos de origem e difusão de ‘traços’ a caracterizar determinadas ‘áreas culturais’”.¹⁴ O objeto, para Gilberto Freyre, é um passo para o relativismo cultural. É um ponto para atingir-se o cotidiano.

A museografia da casa deixa latente uma feição importante: Freyre passa, ao mesmo tempo, da categoria de sujeito criador a tema a ser estudado. A acumulação de objetos, empreendida pelo sociólogo, canaliza a intenção de criar uma imagem contemplativa da coleção, tendo o belo como o ponto de chegada, o alvo a ser atingido. Para se respaldar, Freyre usa do artifício comum a um museu de arte: visa a autoridade da obra artística para valorizar-se como intelectual achegado às várias linguagens. Das telas de Cícero Dias às de Lula Cardoso Ayres, a propósito, a mensagem que o escritor imprime é a de legitimar-se como homem dedicado ao tema da regionalidade, desde que assentado na produção autoral da estética artística.

A arrumação do espaço interno da casa-museu de Apipucos é uma memória que penetra nos poros da cronologia das datas, das horas, dos meses, dos anos, das décadas, dos séculos, para construir árvores genealógicas de raízes profundas. Com a casa de Apipucos Freyre publica a sua estirpe.

Freyre reuniu na casa-museu referências culturais entendidas por ele como elementos de integração cultural. Logo, a criação de uma “instituição de

¹⁴ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. ‘Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade’. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Núcleo de Antropologia e Imagem, nº 08, 1995, p. 21. (Acervos de Imagens)

memória” é vista com justeza. Mas uma instituição que pudesse guardar registros do ditame patriarcal. É por esta razão que a casa, na interpretação freyriana, toma projeção: a família não é apenas marcada pela significação dos objetos de pequeno e médio porte, mas também pelos “grandes bichos [...] simbólicos do domínio patriarcal no Brasil, os mesmos dos umbrais dos portões das casas: leões, gatos, cachorros, tigres.”¹⁵ Elementos que alimentam o esforço de Gilberto Freyre no processo de musealização da casa de Apipucos.

Em *Inglese no Brasil*, Gilberto Freyre descreve uma imagem próxima da composição estrutural da Vivenda Santo Antonio de Apipucos:

Em gravura antiga do Recife [...] entre os edifícios notáveis da cidade vem assinalada a casa do cônsul inglês que era então para os lados de Santo Amaro: talvez a casa assobradada, com escada de lado, no estilo de certas residências rurais, antigas, de Portugal, de que ainda existem as ruínas. Eram naturalmente casas envidraçadas, pois os ingleses de prol deviam ser os primeiros a dar o exemplo de que os europeus realmente civilizados só residiam em casas com vidraças inglesas; e não dentro de grades de xadrez como as prisões ou os conventos de freiras.¹⁶

O leão, por exemplo, símbolo de força, embora o da casa-museu expresse um semblante dócil, foi mantido por Gilberto Freyre à base do lance de escadas lateral direito de sua vivenda. Degraus que dão acesso, na atualidade, à divisão administrativa da Fundação Gilberto Freyre.

Declarando-se a favor das instituições, Gilberto Freyre, contraditoriamente, faz sair do papel um órgão governamental que para funcionar careceria de aparato burocrático. Uma instituição para a cultura e análise dos problemas do homem situado no trópico brasileiro. Foi esta a proposta de Gilberto Freyre em 1948,¹⁷ quando Deputado Federal por Pernambuco. Mesmo partindo para a criação de um órgão de pendor

¹⁵ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: RECORD, 1990, p. xlii.

¹⁶ FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil*. 3ª edição, 2000, p. 223.

¹⁷ Paul Freston, em artigo intitulado “Um Império na província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife”, discrimina os passos progressivos que levaram a criação de um dos centros de referência em pesquisas sociais no Brasil. Vide FRESTON, Paul. ‘Um Império na província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife’. In: *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989, pp. 316-358. Esta é uma publicação organizada pelo sociólogo Sergio Miceli que tratou de realizar entrevistas com pesquisadores e intelectuais dedicados ao tema do homem tropical do Norte e do Nordeste do Brasil.

burocrático, Gilberto Freyre não se declarava adepto da idéia de assumir a cadeira de diretor/presidente. Num artigo para um periódico, Gilberto Freyre esclarece:

Retire o telefone. O Presidente [Juscelino Kubitschek] acabara de desfazer a nomeação... [retira do páreo o nome do poeta Ascenso Ferreira,] Fazia-me um apelo: aceitar a direção [...] Minha resposta foi, pelo telefone, imediata. Impossível. Eu era o fundador do Instituto [...].¹⁸

Gilberto Freyre, em 1969, em sessão do Conselho Federal de Cultura, discursa sobre o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. O conteúdo de sua fala tem por norte criticar o “esnobismo metropolitano”. O escritor sai em defesa das ações do Instituto Joaquim Nabuco. Num informe publicado pelo Conselho Federal de Cultura, o antropólogo pernambucano dirige-se a um renomado intelectual, sem citar o nome do “ilustre técnico de seção especializada de uma das [...] instituições de cultura situadas no Rio de Janeiro”, que havia acusado o Instituto Joaquim Nabuco de não desempenhar como deveria as suas funções. Para Freyre, uma acusação infundada. Ele chama a atenção do Conselho para o sectarismo implícito na voz de um de seus membros: se o Conselho é nacional, que seja de fato nacional, alarda o intelectual pernambucano.

Somos, neste Conselho, um Conselho Federal e, por isto mesmo, atento ao que se verifica, de interesse cultural, nas províncias e não apenas nas metrópoles brasileiras: hoje três, com o Rio, antiga capital do País, ainda semi-capital, Brasília, ainda criança ou menor como capital, São Paulo, pelo seu vigor econômico, co-capital sob vários aspectos. O mais é província. Mas ser província, no mapa cultural do Brasil, nem sempre tem significado ser insignificante. É fato que ninguém com qualquer conhecimento da matéria ignora. Entretanto, continua a haver no País, no setor cultural, certo, não sei se diga, esnobismo metropolitano – não desejo magoar pessoa alguma – que assume, por vezes, aspectos cômicos, quando os metropolitanos não são propriamente superiores aos provincianos nas especialidades que cultivam, porém seus ilustres ou distintos iguais ou apenas colegas. Nem por ser assim, deixa de haver dano para a reputação cultural das províncias quando o metropolitano, convidado a escrever informe, de

¹⁸ FREYRE, Gilberto *Apud* FRESTON, Paul. *Op. Cit.* (1989), p. 329. Freston cita a fala de Gilberto Freyre contida numa publicação do Arquivo Público de Pernambuco: “Meu caro ‘Jornal do Brasil’ “. In: *Revista do Arquivo Público*, Recife, 37-38 (39-40), 1983-1984, pp. 98-99.

alcance nacional, sobre sua especialidade, para publicação estrangeira, dá expressão ao seu metropolitanismo - tantas vezes de metropolitano até há pouco provinciano: cristão-novo, portanto; e trata de resto valores ou esforços provincianos merecedores de um mínimo de apreço da sua parte.¹⁹

Contra-pondo-se ao “metropolitanismo”, Gilberto Freyre sai em defesa das coisas da sua província: Recife. Das coisas do Nordeste úmido. O Nordeste, na acepção freyriana, é inaugurador. Foi dele que erigiram, por mérito da miscigenação, líderes, artistas e intelectuais de abrangência nacional. No entanto, destaque-se, esta é uma capacidade do Nordeste litorâneo, na leitura do ensaísta.

Diga-se de início do Nordeste brasileiro que, considerado numa perspectiva histórico-social que seja também antropocultural, além de ecológica, é não um só, porém dois ou três: um tropicalmente úmido, outro tropicalmente árido, um terceiro intermediário; que do seu homem do litoral – área canavieira ou agrária se pode dizer vir sendo, à sua maneira, tão válido quanto o sertanejo glorificado pelos Euclides da Cunha; que é região que se apresenta, quanto à biologia da sua população, como a mais amplamente miscigenada do Brasil, com a mistura europeu-ameríndio-africana variando em proporções, numas subregiões predominando, depois do europeu, o ameríndio, noutras, o africano [...].²⁰

A Fundação Joaquim Nabuco, ou Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais, considerando-se o artigo de Freyre para a *Revista Cultura*, resulta de um projeto para a busca constante de um plano científico, de pesquisa e promoção cultural, direcionado às questões dos trópicos. Tanto que, no artigo *Instituto Joaquim Nabuco*, rebatendo o “metropolitanismo” é clara a posição do escritor em afirmar por meio de um veículo de repercussão nacional que “[...] a instituição federal situada em província” recifense estava conquistando o reconhecimento internacional com a adesão de estudantes e pesquisadores estrangeiros às atividades da instituição, com o intento de realizar estágios e

¹⁹ FREYRE, Gilberto. ‘Instituto Joaquim Nabuco’. In: *Revista Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 19...., p. 46.

²⁰ FREYRE, Gilberto. ‘O Nordeste Brasileiro: a marca ibérica ou hispânica na sua formação’. In: *Revista Cultura*. Brasília: MEC, ano 8, nº 30, jul./dez., 1978, p. 18.

pesquisas sobre o homem dos trópicos brasileiros. Graças, reconhece Freyre, ao apoio de pesquisadores renomados como Froes da Fonseca, Estevão Pinto, René Ribeiro, Sylvio Rabello, Renato Campos e Amaro Quintas. Pesquisadores preocupados em detalhar as especificidades da civilização do açúcar.

Na história econômica do Brasil, o Nordeste, desde os começos de sua colonização por portugueses, destacou-se como região por excelência cultivadora de cana e produtora de açúcar. Na história social, alongada na cultural. Como a primeira área brasileira de civilização ao mesmo tempo que democratizada em sua população, pela mistura de três culturas, distinguida pelo complexo casa-grande-senzala completado pela capela . Um complexo aristocratizante sem deixar de ser democratizante.²¹

O Nordeste, Pernambuco e o Recife são a composição da cultura mais “autêntica” da civilização brasileira, segundo o estudioso de Apipucos. Portanto, a parte mais acima do mapa do Brasil merece o devido respeito. Porque é nela que reside o

[...] trabalho de um centro sério, – embora com suas deficiências e sua escassez de verbas – idôneo e honesto de estudos científicos e sociais como o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, favorece a atitude de outros metropolitanos: os que já começam a considerar um instituto dessa atividade científica e dessa importância nacional simples duplicação de institutos que, predominantemente didáticos, realizam em universidades trabalhos quase de todo diferentes do seu; ou – como parece ser a suposição dos insígnies dirigentes do Instituto Nacional do Livro – mero promotor de espetáculos populares ou folclóricos, quando na realidade o Instituto Joaquim Nabuco vem modestamente contribuindo para o prestígio do livro brasileiro.²²

Envolto nas discussões em defesa do Instituto que leva o nome do abolicionista pernambucano, Gilberto Freyre reúne três acervos distintos, mas

²¹ FREYRE, Gilberto. 'O Nordeste Brasileiro: a marca ibérica ou hispânica na sua formação', p. 18.

²² Devo esclarecer que o grifo no documento foi uma opção do autor deste trabalho em substituição às aspas do texto original. O substantivo ESPETÁCULOS e seu adjetivo POPULARES, reitero, vêm destacado no texto por aspas. Vide FREYRE, Gilberto. 'Instituto Joaquim Nabuco', p.49.

correlacionados, em nome da criação do Museu do Homem do Nordeste. Em 1982, Ariadne Quintella, assessora de imprensa da Fundação Joaquim Nabuco, escreveu um texto de apresentação dedicado ao Museu do Homem do Nordeste, informando que o arranjo acervístico do Museu recifense compõe-se da fusão do Museu do Açúcar, do de Arte Popular e do de Antropologia, este último vinculado ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

A composição do acervo do Museu do Homem do Nordeste é vinculada à concepção freyriana de regionalidade. Regionalidade no sentido das vivências, das práticas diárias do homem do Nordeste do açúcar. Na apresentação de Ariadne Quintella, as imagens que acompanham o texto por ela escrito, anunciam objetos como açucareiros, xícaras com “anteparos para bigodes”. Objetos ligados, reitero, ao fazer e ao viver em engenhos de produção do açúcar. Um museu, ressalte-se,

Gerado a partir de três museus com trajetórias e histórias distintas, o Museu do Homem do Nordeste mantém uma unidade que se ancora na manutenção do conceito ‘homem do nordeste’ num campo de luz cambiante e sombras móveis, o que equivale a pintá-lo com pinceladas impressionistas. Dez anos após a sua criação, ainda era possível reconhecer dentro do Museu do Homem do Nordeste as presenças nítidas, com territórios demarcados, do Museu de Antropologia, do Museu do Açúcar e do Museu de Arte Popular. De outro modo, a fusão que só foi possível pela abrangência e pelo poder integrador da teoria museal gilbertiana que, opondo o documento cotidiano ao solene monumento, não opõe o ‘homem rústico’ ou a ‘gente do povo’ aos ‘senhores e senhoras de engenho’, ao contrário integra-os.²³

Num texto publicado no livro *Vida, forma e cor*, de 1987, Gilberto Freyre dedica-se a descrever a sua proposta museológica para a constituição do museu da Fundação, negando-se, daí em diante, à absolutização dos objetos da estética senhorial, despindo os objetos mais “simples” do traje do exótico.

O autor ufana-se de, ainda muito jovem, em artigo²⁴ de jornal, ter se antecipado em lembrar a responsáveis pela educação e pela cultura em nosso país a criação de museus como não havia então em parte alguma do Brasil: organizados sob um critério que

²³ Cf. CHAGAS, Mário. *Op. Cit.* (2005), p. 31.

²⁴ Freyre faz referência ao artigo para o *Diário de Pernambuco*, de 1924.

ultrapassasse o convencionalmente histórico e se firmasse já como antropológico-cultural ou histórico-social. Recorde-se ter particularizado a sugestão quanto a museus brasileiros que fossem ao mesmo tempo que nacionais, regionais; e para a civilização brasileira do açúcar sugeriu um museu especializado na apresentação da matéria representativa que documentasse, de modo atraente sem deixar de ser científico, aspecto tão importante do conjunto brasileiro de civilização através de quatro séculos de desenvolvimento. Nos depois criados museus do Açúcar, no Recife, e do Ouro, em Minas Gerais, teria o gosto de ver concretizado de modo brilhante sugestões, quando apareceram, consideradas tão fora das idéias então dominantes do que fosse valiosamente histórico. Quanto ao critério antropológico-cultural era, naquela remota década de 1920, tão novo e estranho para a maioria dos que cuidavam de assuntos históricos, apenas admitindo como vizinhos os geógrafos etnológicos e arqueológicos, que houve quem considerasse o apresentado em simples artigo de jornal excentricamente de jovem tido por alguns de seus conterrâneos como blagueur. Isto mesmo: blagueur. Que pensar de museu que reunisse amostras de renda cabocla, facas de ponta tradicionais, coisas rústicas de couro, cerâmica também popular, bonecas de pano, enfeites de tabuleiros de bolos? Não é de admirar que houvesse tais espantos ante sugestões tidas por tão extravagantes, embora já no Museu Nacional do Rio de Janeiro, mestre Roquete Pinto já começasse a se voltar para uma Etnografia sertaneja e Euclides da Cunha já tivesse descoberto em Canudos, entre adeptos do Conselheiro, armas de fogo arcaicas, que despertaram sua atenção ou sua curiosidade. Mas curiosidade por um exótico dentro da própria cultura nacional. Quando o que se impunha ao Brasil era voltar-se menos para o curioso que para o que, nas suas várias culturas regionais presentes na nacional – a matuta das áreas canavieiras mais que a sertaneja ou a pastoril idealizada pelo sertanejismo despertado pelo grande livro de Euclides, a afro-brasileira tanto quanto a indianóide, a das velhas áreas do café e do ouro, a da área gaúcha, a da área amazônica tocada pela presença nordestina continuadora da presença portuguesa como área já em parte miscigenada e não apenas indígena – apresenta-se como mais significativo.²⁵

Longe de acondicionar objetos em vitrines, Freyre preferiu primar por ambientes remontando cotidianidade, com o intuito de incitar no visitante do Museu a imagem de vidas passadas. E foi esta a orientação tomada por Aécio

²⁵ FREYRE, Gilberto. 'Ciência do homem e museologia: sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco'. In: *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: RECORD, 2ª edição, 1987, pp. 300-301. (grifos do documento)

Oliveira, museólogo, na organização do Museu. O lugar social dos objetos apresentados no Museu do Homem do Nordeste é patente nas formas que os constituem. A exemplo das xícaras com anteparo para bigodes: a etiqueta regente no Nordeste açucarocrático, previa a manutenção disciplinada dos bigodes arrumados e devidamente assépticos mesmo após a deglutição de um ponche, chá ou bebidas várias. Em resumo, a materialidade não se dissocia da imaterialidade. A etiqueta molda e cria objetos; os objetos a proclamam. Anunciam-na.

Os objetos que identificam a face do Museu do Homem do Nordeste impõem-se como instrumentos que proclamam “[...] a sensação de que tudo está em movimento e que aquela luminária de ‘ontem’ ainda pode ser útil ‘hoje’.”²⁶ Argumento projetado na fala de Gilberto Freyre quando prega o desejo de fazer útil as coisas do passado: a conferência *Cultura e Museus* de 1985 orienta-se por esta via.

O acervo do Museu do Homem do Nordeste foi, no ato de sua organização museal, temporalizado por meio das formas e dos materiais que o tornavam significativo para o conceito museológico da instituição. Ferrolhos, fechaduras e dobradiças apelam para tal sugestão, destaca Quintella em “Museu guarda história do homem do Nordeste.” Os objetos de metal, por sua vez, detinham o indicador de mudança e de inventividade cultural: a cultura como expressão material do agir diário.

Nos anos de 1920, no âmbito do governo Estácio Coimbra, Gilberto Freyre sugere a criação de museus temáticos, mas a proposta não veio a cabo. O Museu do Homem do Nordeste, assim como a casa-museu de Apipucos, por outro lado, vieram, mais à frente, recompor o desejo de Freyre. A idéia era criar o museu das varandas, das carruagens, da mobília.

Quando da fundação do Museu do Estado de Pernambuco, Gilberto Freyre delineia a proposta conceitual da instituição: um museu que ao mesmo tempo, por meio dos objetos, fosse “histórico-social” e “antropológico-cultural”. Para tanto, um museu desse tipo reuniria “[...] objetos antigos de interesse cultural, como jacarandás, isto é, móveis típicos, pratas, imagens de santos,

²⁶ QUINTELLA, Ariadne. ‘Museu guarda história do homem do Nordeste’. In: *Cultura*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, ano 11, nº 39, jan./mar., 1982, p. 17.

jóias de famílias [...].”²⁷ Panorama não muito distante do vislumbrado na casa-museu de Apipucos.

Nenhum dos museus brasileiros realiza, atualmente, de modo tão específico, funções que se assemelham as que o hoje Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco desempenha: as de reunir, sob critério antropológico, documentação o quanto possível significativa acerca do passado, da vida e da cultura de uma região tradicionalmente agrária do Brasil. A Fundação Joaquim Nabuco, com sede no Recife e destinada ao estudo do Norte e Nordeste agrários do País – da Bahia ao Amazonas –, entrega à visitação de estudiosos, em particular, e ao público, em geral, um museu que é uma documentação viva da cultura do lavrador e do homem rural da mesma região das suas habitações – não só o antigo senhor da casa-grande, mas o escravo da senzala; seus continuadores sob novas formas sociais já mais brasileiras; já brasileiroamente morenas; documentação de caráter museológico da influência, no Brasil, especialmente no Nordeste canavieiro, da senzala (escravo, trabalhador) sobre a casa-grande (senhor); dos seus tipos característicos de vestuário, de móvel, de louças, de cerâmica, de cesta, de transporte, de calçados, do seu vasilhame de cozinha, da sua arte; da arte da rede, da sua técnica de trabalho agrário; dos seus cachimbos; das suas facas de ponta; das suas cuias de madeira; das suas esculturas populares; das suas promessas e dos seus ex-votos ligados à sua vida – uma originalidade brasileira – e não apenas o seu corpo quando doente; dos seus arreios, das suas esporas, dos seus adornos animais; das suas imagens de santos; as eruditas e as rústicas; as de cunho europeu e as de cunho afro-negro. Mil e um aspectos da vida agrária, projetada na da cidade, dão originalidade à cultura da região que constitui o objetivo principal de estudos da parte dos pesquisadores da Fundação Joaquim Nabuco.²⁸

Tanto o Museu do Homem do Nordeste quanto o Museu do Estado ou a casa-museu de Apipucos servem de ferramenta para o desejo de Gilberto Freyre: o de instituir o reconhecimento da cultura advinda do fabrico do açúcar. A sua casa, – que aos poucos vai sendo musealizada – provida de imagens de santos, jacarandás (“móveis típicos”²⁹), pratas, jóias de famílias, resulta de um

²⁷ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1987), 2ª edição, p. 301.

²⁸ FREYRE, Gilberto *Apud* QUINTELLA, Ariadne. ‘Museu guarda história do homem do Nordeste’, pp. 16-17. (grifo meu)

²⁹ Sobre a tipificação dos caracteres culturais com fins a reprodução cenográfica, alerta o historiador Francisco Régis Lopes Ramos, no capítulo ‘Ex-posição: objeto locado, deslocado e colocado’, página 131, de seu *A Danação do Objeto*: “Mostrar o típico, a identidade cultural ou resgatar a memória são expressões que revelam a fragilidade educativa da proposta museológica. O papel do museu não é revelar o implícito, nem o explícito, não é resgatar o submerso, não é dar voz aos excluídos (nem aos incluídos...), não é oferecer dados ou informações. Em suma, o museu não é um doador de cultura. Sua responsabilidade social é

projeto maturado pelo escritor desde os tempos de sua juventude. “Museus constituídos à base de pesquisas de campo e para auxílio de, não só curiosos, como pesquisadores.”³⁰

Freyre instituiu museus que têm uma relação direta, por meio do acervo que apresentam, com os modos de fazer e agir do cotidiano familiar patriarcal. Museus que deixam os objetos de dimensão nacionalista (estátuas, armas, fardamentos...), para reterem os de código “telúrico”. Museus instalados, ao menos o do Estado e o de Apipucos (“velho solar”), em construções de época como se o escritor desejasse compor uma reconstituição da vida privada. Os objetos dos museus freyrianos tinham de ser sociais (no sentido mais amplo e cotidiano do termo) para serem históricos; e culturais (pela capacidade criativa e de adaptação ao meio que os artigos expressam tendo em vista o esforço humano de transformar a natureza em cultura) para serem antropológicos.

excitar a reflexão sobre as múltiplas relações entre o presente e o passado, através de objetos no espaço expositivo”.

³⁰ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1987), 2ª edição, p. 301.

3.2 – Salas, quarto e gabinete

Freyre desejou que a sua casa falasse. Falasse pelos “sinais dos seus dedos de pedra”. Numa linguagem, conforme disse Chesterton, “por meio de sinais como os surdos-mudos”. Num retalho velho de jornal, intitulado “O que dizem as casas e os móveis”, o escritor trata de afirmar veladamente que a casa de Apipucos expressava sinais repletos de sentidos: tomemos o sedentarismo, na leitura de Gilberto Freyre, um indicativo de estirpe familiar e do bem-receber, como exemplo.

Há casas cujas fachadas indicam todo o gênero de vida dos seus moradores. Os mais íntimos pormenores, os gostos, os hábitos, as tendências. Mas não são apenas as casas que falam e revelam a vida, o espírito e o gosto dos donos. Falam também por sinais esses outros surdos-mudos que são os móveis. Ainda ontem me fazia notar o Sr. Carlos Lyra Filho, ante um velho sofá do tempo de Pedro II, que o móvel parecia acolher os amigos da casa com o mais sincero “bom dia” deste mundo, convidando-os a estar a gosto e prometendo café ou vinho de jenipapo. As modernas cadeiras muito mal dizem “bom dia”. Não convidam ninguém a sentar-se. Recebem as visitas com cara feia. Elas próprias parecem querer sair. Seus sinais são os de impaciência.³¹

A casa-museu de Gilberto Freyre está localizada num terreno elevado da Rua Dois Irmãos, nº 320, do Bairro de Apipucos. Do alto, circundada por muros altos, portões e gradis lembrando o estilo Império, vê-se a propriedade do escritor das saudades. Imponência pouco reconhecida pelos transeuntes do bairro de poucos pedestres, devido aos serviços e comércio módicos. Uns, em número reduzido, dizem: “é a casa do sociólogo de *Casa-Grande & Senzala*!”, outros nem mesmo reconhecem o autor e sua obra. Um bem reconhecido pelo Estado e pouco conhecido pelos anônimos.

³¹ FREYRE, Gilberto. ‘O que dizem as casas e os móveis’. In: *Retalhos de Jornais Velhos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 2ª edição, 1964, p. 19. (grifo meu)

Comprada por Gilberto Freyre no dia 29 de abril de 1940, o imóvel pertencia ao português Manoel Ferreira Alberto, residente no Recife³².

Às margens do Rio Capibaribe, a casa do escritor resguarda-se do assédio das ruas por meio dos muros e portões. O portão principal, de ferro fundido, ornado com lanças apontadas para o alto, indica imponência pelos desenhos formados no ferro retorcido e pelo peso de sua estrutura. Anuncia um caminho reto de acesso – ladeado por palmeiras imperiais, pitangueiras, jaqueiras e cajueiros – à porta principal da construção de fins do século XIX, munida de janelas com caixilhos de vidro, permitindo a iluminação dos cômodos escurecidos pelo acúmulo de objetos e pela cor tenra dos móveis de jacarandá. A luminosidade no interior da casa é amarelada, lembrando um facho de luz incandescente.

Passado o portão de acesso à propriedade, apresenta-se o lance de escadas semi-circular, à entrada da vivenda, banhada em tinta rósea. Fachada de traços retos. Janelas de madeira em forma de guilhotina com caixilhos de vidro, inspiram um traçado cruzado entre as três varandas que se projetam do quarto do casal, dando à fachada um volume contido característico ao estilo neoclássico. Acima da porta principal, as varandas; paralelas à porta, as quatro janelas basilares. Conjunto que ornamenta a funcionalidade da casa e institui a sisudez da construção. A pintura rósea do exterior do edifício, substituta do amarelo tenro/tropical da época de Freyre, dá-lhe um tom boreal e austero.

As portas, as janelas e as varandas são providas de bordas de cor branca. Bordas que salientam o desenho quase esguio da morada. Em formato triangular, o cume da casa explana o corte estrutural do telhado de quatro águas, cujas telhas côncavas³³ são arrumadas numa ordem gradativa, lembrando uma superfície escamosa, estriada.

A casa de Freyre arroja-se como um traço social entre as permanências e as mutações na forma de conceber-se na qualidade de cultura material. Freyre a vê na esfera das constâncias quando pontua os artigos orientais na

³² Informações extraídas do dossiê elaborado pelo arquiteto José Luiz Mota Menezes, intitulado *A Vivenda Santo Antonio de Apipucos: Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre*, Fundação Joaquim Nabuco, 1999, p. 09.

³³ Também são chamadas de telhas romanas, de calha, árabes ou coloniais, segundo nos informa José Marianno Filho. Vide MARIANNO FILHO, José. *Influências Muçulmanas na Architectura Tradicional Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, s/d. Mesmo sem datação, o documento indica ter sido elaborado depois de 1936: ano da publicação da 1ª edição de *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre.

sua composição física e “ornamental”. No balé das mudanças, alojam-se a inserção de varandas de ferro minuciosamente cinzeladas. Interseção – entre o novo e o já estabelecido, o já fixado – que induz Gilberto Freyre a resguardar na memória retalhos da cultura dos dias de formação do Brasil: as gelosias são para o autor a significação de uma suposta autenticidade que aos poucos vai-se fragmentando com o cerco empreendido pela chegada de novas formas de expressão cultural: os gradis de ferro à inglesa.

[As] [...] varandas de ferro, que fizeram do Recife cidade tropical, neste particular, parenta de cidades espanholas, desde o século XVII enobrecidas, em suas casas de residência, por heráldicas, estéticas, artísticas varandas de um ferro por vezes de um negro violeta, a Capital de Pernambuco poderia ter se dado ao luxo – no caso dessas varandas, menos difícil que no das carruagens – de ter se abrilhantado com a presença de outro museu especializado. Um museu de varandas de ferro outrora, repita-se, de belos e característicos sobrados, na Capital de Pernambuco, tão nobres, tão fidalgos, tão aristocráticos, quanto grades e portões em algumas casas-grandes do interior pernambucano.³⁴

As gelosias³⁵, também chamadas de rótulas por Gilberto Freyre, dos balcões árabes instalados nos sobrados do Recife oitocentista remontam para o ensaísta uma foz do complexo cultural luso-tropical em constante ameaça.

Os “olhos dos Estrangeiros”, sob os quais o Brasil devia ascender à condição de Nação ou de Reino civilizado, seriam principalmente os olhos dos ingleses. Eram eles que deviam substituir o olhar duro, exigente, tutelar dos Jesuítas e da Santa Inquisição na direção “política e moral” das atividades brasileiras. [...] Entre os de consideração política, estariam, [...] os de política econômica que várias evidências indicam terem ocorrido para o desejo inglês de que as rótulas ou gelosias de madeira das cidades principais do Brasil fossem substituídas, nos sobrados – só nos sobrados – por janelas de vidraça e varandas de ferro.³⁶

³⁴ FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus.*, p. 28.

³⁵ Armações de madeira trançada, vasadas, comuns nas sacadas, varandas e janelas das casas e sobrados recifenses do século XIX. Era freqüente o uso das gelosias nas edificações recifenses que tomavam toda a janela ou sacada, interrompendo a visão do transeunte em relação ao interior da casa. Além de limitar, inclusive, a penetração da luz no íntimo residencial.

³⁶ Vide o capítulo ‘O Oriente e o Ocidente’, da 13ª edição de *Sobrados e Mucambos*, p. 458.

Num levante em favor do tempo colonial oriental munido de hábitos e costumes que progressivamente “[...] [foram] desaparecendo [...] do interior das casas [...]”³⁷ brasileiras, Gilberto Freyre salienta:

Oriental foi também o hábito de se ornamentarem as varandas dos sobrados, nos dias de festa, com panos ou colchas de veludo ou de seda bordadas de ouro. Assim ornamentadas, esplêndida a aparência das casas, informa Mawe referindo-se particularmente à Bahia. Oriental o crepe de luto de que os mesmos sobrados se revestiam quando falecia pessoa da casa.³⁸

A casa de Apipucos é coberta por telhas côncavas, as conhecidas por telhas coloniais de expressão oriental, cujos extremos da coberta vislumbram-se com “pontas de beiral de telhado arrebitadas em cornos de lua”³⁹. A composição do imóvel de Apipucos é uma mescla dos aspectos de caráter oriental e ocidental descritos por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*. Aspectos direcionados à prática social externada pela criação da cultura material: criar, fazer e morar com o fim de atender às necessidades.

Do Oriente, Freyre manteve em sua residência o coqueiro, a mangueira da Índia; a azulejaria⁴⁰ de inspiração⁴¹ mourisca vinda de Portugal; o oratório

³⁷ Vide *Sobrados e Mucambos*, da 13ª edição, pp.486-487.

³⁸ Considerando a dimensão ensaística de Gilberto Freyre, é bom evidenciar que ele em muitas das passagens e imagens de seus escritos, impõe-se como um autor que descreve práticas sociais de épocas passadas como uma testemunha ocular dos momentos que descreve. O ocular, contudo, era a capacidade que Gilberto Freyre adquiriu por meio dos olhos inquietos dos cronistas estrangeiros em terras tropicais brasileiras. Freyre, em larga medida, não questiona as impressões dos cronistas quando se baseia nelas para construir seu arsenal argumentativo. Acrescente-se, pois, que isso ocorre quando ele se depara com os cronistas menos etnocêntricos; um recurso importante à ótica culturalista do escritor. Freyre, por sua vez, pauta-se, valendo-se de uma delimitação (recorte) temática, nos estrangeiros que contribuem para a composição de um complexo social animado em seus eufemismos, gerúndios, advérbios, longos apostos e verbos substantivados na organização de seu panorama literário. Vide o trecho citado na p. 497, de *Sobrados e Mucambos* da edição já mencionada.

³⁹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 455.

⁴⁰ Nas paredes da sala de jantar, à meia-parede, Gilberto Freyre afixou quadrículas de azulejos franceses e portugueses. Os painéis portugueses apanados pela temática das passagens da vida de Nossa Senhora de Santana são em azulejos lavrados. As quadrículas francesas, alinhadas na horizontal, são em alto relevo.

⁴¹ Dotado do difusionismo, Gilberto Freyre procura a origem da origem. Tomemos como exemplo a técnica do azulejo: o azulejo em Portugal é de influência moura, árabe; no Brasil, é de estro portuguesa, segundo a acepção freyriana.

pintado e multicromado da primeira metade do século XIX. Era prática comum pintar móveis, na primeira metade do século de 1800, e objetos de decoração feitos de madeira. Além de pintar a parte externa da casa de cor vibrante: como o amarelo tenro/tropical que estampava a fachada na época em que o escritor era vivo. Um costume, lembra Freyre, de influência oriental⁴².

A cor vibrante das residências do Recife de outrora, associada à luz austral, abona sua relação com o meio. A luminosidade do sol boreal, ao contrário, cintila as cores de grande apelo cromático, fazendo-as pastéis, mornas, por contraste, amenas e opacas. No *Manifesto Regionalista*, o escritor assinala a “faustosa” qualidade da cor tropical, dizendo:

[A propósito da] arquitetura tradicionalmente portuguesa do Recife: honest⁴³ arquitetura cheia de boas reminiscências orientais e africanas, inclusive a da cor, a dos verdes, azuis, roxos, amarelos e vermelhos vivos dos sobrados altos, das “casas de sítio”, das próprias igrejas⁴⁴.

E em *Poesia Reunida*, publicado em 1980 em comemoração aos 80 anos de Freyre, a cor tropical ganha na paisagem social do Brasil, imaginada

⁴² Quando cito que determinados aspectos materiais de composição e arquitetura são de uma ou de outra influência, tenho por base os argumentos de Gilberto Freyre. Ainda desejo endossar que o objetivo aqui é relacionar a descrição da cultura material, em seus vários horizontes, com a organização “decorativa” e estrutural da casa do escritor, tratando-se, portanto, de um problema de memória. O professor e arquiteto Geraldo Gomes, com muita propriedade, dedica-se ao estudo da arquitetura colonial pernambucana, com o intento de situar questões de foro documental, fontes coloniais, no campo argumentativo de Freyre sobre a moradia brasileira. Ao professor coube tamanho exercício. Vide o artigo ‘A arquitetura em Casa-Grande & Senzala’, do professor Geraldo Gomes, na Edição Crítica do *Casa-Grande & Senzala*, de 2002.

⁴³ FREYRE, Gilberto. ‘Prefácio à 1ª edição. In: *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Record, 43ª edição, p.55, encontramos: “O estilo das casas-grandes – estilo no sentido spengleriano – pode ter sido de empréstimo; sua arquitetura, porém, foi honesta e autêntica. Brasileira da Silva. Teve alma. Foi expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo ritmo de vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível”. (grifo meu)

⁴⁴ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais/MEC, 4ª ed., 1967, p. 37. Ao falar das cores vibrantes das construções recifenses de tempos idos, Gilberto Freyre cita a observação feita pelo tropicalista francês Clement de Grandprey sobre os Mucambos de Recife. Sublinha Gilberto Freyre que foi o Mucambo o tipo de arquitetura recifense que mais chamou a atenção do estudioso, ao contrário das igrejas ou edifícios de elevada magnitude. Clement de Grandprey visitou o Recife em fins do século XIX. Freyre, munido de carta de recomendação emitida por Oliveira Lima, conheceu Grandprey em Versailles. Freyre comenta em artigo ao *Diário de Pernambuco*, de 1946, que a casa do tropicalista era um museu dada a quantidade de objetos do Oriente por ele colecionados. O artigo de 1946, está disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br>.

pelo escritor, o patamar e a exaltação de elemento ímpar no arranjo de um país estimado como o único em grandeza abaixo da Linha do Equador. A cor austral alimenta o açúcar da cana, mantém o verde intenso da Mata Atlântica e institui mãos dadas ao labor. As trocas culturais, sugere o autor de *Casa-Grande & Senzala*, no Brasil em formação, ganharam corpo pelas mãos do português. Graças a elas, sentencia o escritor, adquirimos o senso da conquista pelo suor. O suor planta a cana, o sol tropical gera o açúcar. O açúcar gera a civilização brasileira.

Preocupado com a identificação dos caracteres das diversas culturas na ordenação da cultura brasileira, Gilberto Freyre deixa claro o seu viés de cientista social assentado no difusionismo. Uma vertente comum à antropologia norte-americana da qual o escritor participara quando aprendiz de Franz Boas na Universidade de Columbia. A ressalva que deve ser considerada é a de refletirmos sobre as gradações culturais construídas com a aceitação do difusionismo. Freyre assim o fez quando delineou, consoante declara em *Casa-Grande & Senzala*, “o sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, [como] [...] um sistema de plástica contemporização entre [...] duas tendências”:⁴⁵ a de meio físico e a de suporte bioquímico. E mais:

Ao mesmo tempo que exprimiu uma imposição imperialista da raça adiantada à atrasada, uma imposição de formas européias (já modificadas pela experiência asiática e africana do colonizador) ao meio tropical, representou uma contemporização com as novas condições de vida e de ambiente. A casa-grande de engenho que o colonizador começou, ainda no século XVI, a levantar no Brasil – grossas paredes de taipa ou de pedra e cal, coberta de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados, telhados caídos num máximo de proteção contra o sol forte e as chuvas tropicais – não foi nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, correspondendo ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português: sua atividade agrária e sedentária nos trópicos; seu patriarcalismo rural e escravocrata. Desde esse momento que o português, guardando embora aquela saudade do reino que Capistrano de Abreu chamou de ‘transoceanismo’, tornou-se luso-brasileiro; o fundador de uma nova ordem econômica e social; o criador de um novo tipo de habitação. Basta comparar-se a planta de uma casa-grande brasileira do século XVI com a de um solar

⁴⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 48.

lusitano do século XV para sentir-se a diferença enorme entre o português do reino e o português do Brasil⁴⁶.

A sala principal da casa de Apipucos acolhe o visitante. Proclama o gosto e a origem do anfitrião por meio dos livros e dos óleos sobre tela dos ancestrais dos Freyre, como se fossem retratos adquiridos imediatamente pela técnica da fotografia: quadros aplanados pelo jogo dialógico entre as “fotografias e retratos”⁴⁷, entre a técnica e a encenação social, com o fim de atingir uma dada verdade. Os quadros de Baltazar da Câmara, indicando a estirpe dos Freyre, saem do artifício fotográfico para a construção cromática das pinceladas. Com efeito, as tintas, uma vez amaciadas pelos movimentos dos pincéis, aludem um tom maior de nobreza e distinção. Por sobre as estantes que enquadram todo o cômodo, os santos espreitam quem chega, abençoam os que moram. Santo Antonio, dentre as imagens, predomina, vigia e nomeia a casa de Apipucos.

Nos assentos de palha da Índia dos jacarandás, repousam almofadas em ponto-cruz. Diminutas. Sempre à espera dos visitantes. Funcionais no trato de amenizar a rigidez das cadeiras e “sofás”. Todas, sem exceção, pontilhadas por Magdalena Freyre.

O piso é de mosaico de lajotas pretas e amarelas. O teto de forro de madeira. Nos móveis de aparar, avolumam-se os objetos miúdos. À porta de entrada, do lado direito de quem adentra ao cômodo, a imagem de sorriso cerrado de D. Francisca Freyre, mãe de Gilberto; do esquerdo, a de Alfredo Freyre; face sisuda e olhar calculante. A ancestralidade posa austera e vigilante aos olhos curiosos da visita envolvida pela sensação de estranhamento.⁴⁸ O cômodo principal, no qual permanecem sofás e cadeiras-de-braço, é ordenado pela hierarquia simétrica dos antepassados.

Às vezes se sabe que um diálogo em voz nem sempre musical, embora de ordinário um tanto cantada, se estabelecia entre a Rua e a

⁴⁶ *Idem*, p. 48.

⁴⁷ Vide BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Trad.: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2004.

⁴⁸ Quando falo em estranhamento tenho por orientação o ato de descobrir o novo. Estranhar no sentido de procurar conhecer aquilo que acaba de ser descortinado aos olhos. Cf. GINSBURG, Carlo. *Op. Cit.* (2001), pp. 15-41.

Casa, esta representada pelo seu residente senhoril ou por algum dos filhos ou escravos; aquela pela pessoa que desejada, por qualquer motivo, comunicar-se com a casa quase sempre fechada e até hostil à rua. Depois de bater palmas, gritava ou cantava essa pessoa de fora para dentro: “Ó de casa!” E de dentro para fora lhe respondiam em voz também às vezes um tanto cantada: “Ó de fora!” E estabelecia-se, através desse ritual, a comunicação desejada, da qual podia resultar ser o adventício admitido à sala de visitas; e convidado a sentar-se na parte nobre da mobília, às vezes – quando o gosto pelo móvel antigo de família não fosse substituído pelo austríaco ou francês – de jacarandá ou de vinhático; e que consistia em sofá, dos dois lados do qual se estendiam, simetricamente, três ou quatro ou mais cadeiras, sendo de cada lado uma ou duas de braços e duas ou três de ou mais de guarnição; e destinando-se o sofá, no caso de haver senhoras, às senhoras, e as cadeiras, aos senhores.⁴⁹

No centro do cômodo principal, a sala de visitas, uma mesa redonda com rodinhas aos pés. De um marrom fechado, mantém-se erguida por pernas em formato de peixes. Pernas exageradas pelo devaneio artístico, denotando o exótico: talhadas pela imaginação do marceneiro que criou estilo no Pernambuco do século XIX. Refiro-me a Julião Beranger⁵⁰. Por sobre ela, ao centro, um castiçal com cinco mangas em forma de tulipas, circundado por uma caixeta retangular indiana e uma charuteira de prata de fundição inglesa. Na caixeta indiana, repousam os cortadores de charutos do escritor.

São os charutos, para Freyre, um marco de mudança. Um registro do vagar patriarcal após as refeições.

às vezes [...] os próprios senhores das casas-grandes, os próprios velhos dos sobrados patriarcais, que enchiam seus ócios fazendo pachorrentamente palitos [de dentes]; ou então gaiolas de passarinho. Era no que mais seus vagares de homenzarrão nordicamente alourado porém tropicalmente inerme o velho Manuel da Rocha Wanderley, senhor do Engenho Mangueira, de Pernambuco. [...] Parece que antes de se generalizar o uso do charuto entre os fidalgos ou os burgueses

⁴⁹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2000), 5ª edição, p. 285.

⁵⁰ Era uma prática, no decurso do século XIX recifense, os marceneiros tomarem assento em Irmandades religiosas. Julião Antonio Fortunato Beranger foi um dos irmãos da Irmandade do Patriarca São José no Recife. Francês, natural de Nantes, Julião Beranger chega ao Recife em 1816 fazendo existir o chamado Estilo Beranger ou Pernambucano de mobília. O filho, nascido na capital da Província de Pernambuco, seguiu a carreira do pai. Estudou na França, durante o período de 1838 a 1845, nos anos em coincidiam com o Reinado de Luís Filipe. O Estilo Beranger ou Pernambucano faz parte do acervo tanto da Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, quanto do Museu do Estado de Pernambuco. É bom salientar que o estilo artístico citado chega ao século XX: o acervo da casa-museu apresenta algumas cadeiras sem braço talhadas no jacarandá, com assento e encosto revestidos com Palha da Índia trançada, correspondentes a alguns exemplares em poder do Museu da Casa Brasileira em São Paulo.

patriarcais era palitando os dentes que eles conversavam depois do jantar.⁵¹

Com base na leitura da cultura material, Gilberto Freyre atingia o foco das mudanças e permanências da sociedade do açúcar. E como exemplo disso, descortina a sua casa como um armário repleto de compartimentos, expondo detalhes sociais.

A casa de Apipucos, contudo, composta por objetos e traços estéticos, faz alusão, ou pretende fazer, às casas de outrora. Os candeeiros belgas usados como lustres, resultantes das técnicas de iluminação européias chegadas ao Recife, são um exemplo paupável da reconstituição social da morada da saudade. Deles, os candeeiros belgas, Gilberto Freyre mantém vários nos cômodos da casa. Das salas Lula Cardoso Ayres e Cícero Dias aos quartos do casal e filhos.

⁵¹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2002), 13ª edição, p. 245



07 – Um dos exemplares de Candeeiro belga transformado em lustre elétrico por Gilberto Freyre: dependurado no teto da sala Lula Cardoso Ayres. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

Ser moderno é ser nacional. É ser regional. Esta é a concepção de Gilberto Freyre tanto na casa quanto nos seus ensaios. É na casa que se constitui a afinidade entre a tradição e a memória institucionalizada, sentencia o escritor. A memória, por ventura institucionalizada, obedece a delimitações e recortes objetivos. A casa-museu de Apipucos, pois, assinala esta linha: é um patrimônio reconhecido juridicamente, um bem cultural, que possibilita o encontro do homem pernambucano com suas reminiscências: era esta, ao menos em tese, a crença de Gilberto Freyre.

Numa relação sutil entre a ambiência da casa de Apipucos e as casas do Brasil da época dos cronistas, Gilberto Freyre traceja os artigos de cultura material na arrumação das salas de visita patriarcais. Freyre traça um cenário de modos e usos na ausência e na presença de objetos no trato social: artigos indicadores do sedentarismo, da estirpe nobiliárquica, do desejo à permanência.

O modo de arrumarem as senhoras os móveis nos sobrados, e a natureza e o feitio desses móveis, obedeciam igualmente à hierarquia patriarcal. Em volta da mesa de jantar, cadeiras para o senhor e as visitas; para o resto, geralmente, tamboretes ou mochos; e às vezes se comia no chão, por cima de esteiras. Parece que só nas casas mais finas sentavam-se todos em cadeiras – a do patriarca, à cabeceira da mesa, sempre maior, de braço, uma espécie de trono, como as cadeiras dos mestres-régios nas salas de aula. Ainda hoje as cadeiras patriarcais de jacarandá que nos restam desse período parecem tronos, sendo de notar sua altura, superior à das cadeiras comuns. Também sua largura – como se tivessem de acomodar montanhas de carne. E montanhas de carne tornavam-se às vezes as sinhas mais opulentas dos sobrados, principalmente da Bahia; e não apenas as senhoras de casa-grande como é tradição ter sido, em Pernambuco, Dona Ana Rosa, do Engenho Maçangana, de quem velhos conhecedores do mesmo engenho supõem ter sido a enorme cadeira, como que de abadessa, hoje de uma casa de Apipucos, também em Pernambuco.⁵²

Mais adiante, frisa:

Nas salas de visitas dos sobrados grandes, arrumava-se a mobília com uma simetria rígida: o sofá no meio, de cada lado uma cadeira de braço, e em seguida, várias das cadeiras comuns. Às vezes, uma mesa, com um castiçal grande em cima.⁵³

Em linhas gerais, no sumário “Móveis e Louças” do guia do Recife, Gilberto Freyre etnografa sua própria imagem: a de um homem sedentário do subúrbio recifense. Numa cadência literária, o autor distribui e identifica os objetos, em particular os móveis, que correspondem aos seus respectivos atores sociais. Oferece aos leitores do guia um panorama de alguns dos costumes do recifense dos tempos dos cronistas. Recifenses que degustavam

⁵² *Idem*, p. 249. (grifo meu)

⁵³ *Ibidem*, p. 249. (grifo meu)

pirão, peixes e carnes vermelhas acompanhados de molhos de “ferrugem” servidos e aparados nos “pratos do Oriente”.⁵⁴

Quase todo recifense acorda cedo. Muitos dormem em camas-de-vento, que são excelentes para o clima. Alguns em redes. Os mais pobres, em esteira de pipiri, que é também onde os meninos pequenos aprendem a engatinhar. Alguns tradicionalistas dormem em camas antigas, de jacarandá. Móveis de jacarandá, uma ou outra prata, jarros do Japão, louça da Índia, pinhas de santo Antonio do Porto, das azuis e amarelas que se vêem sobre os umbrais das casas velhas, ainda se encontram algumas nas lojas de antiguidades do Recife.⁵⁵

Freyre vê-se na casa. Projeta-se do abrigo onde se sagrou como escritor internacional. Os objetos dizem muito dos caminhos por ele percorridos: sejam políticos ou intelectuais. Na sala de visitas, por sobre a mesa central, está à mostra um exemplar de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (edição fac-similar), presenteado pelo governo português de Oliveira Salazar, através da representação do Ministro da Pasta do Ultra-Mar daquele Governo, Sarmento Rodrigues. Freyre, entre 1951 e 1952, lança-se à Ásia e África portuguesas para realizar estudos antropológicos de campo, objetivando encontrar “as constantes portuguesas de caráter e ação,”⁵⁶ numa época em que a antropologia aplicada estava a todo vapor.

⁵⁴ Freyre ainda faz menção no sumário citado às coleções de açucareiros, do extinto Museu do Açúcar, de quadros de Telles Júnior e móveis de época em poder do Museu do Estado de Pernambuco.

⁵⁵ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1968), p. 108. (grifo meu)

⁵⁶ O trecho em aspas refere-se ao título do livro publicado em Lisboa, no ano de 1953, surgido das anotações de campo de Gilberto Freyre. *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação.*



08 – Estojo de prata portuguesa da obra fac-similar de *Os Lusíadas*, de Luis de Camões. Presente atribuído a Gilberto Freyre pelo Presidente da República Portuguesa Oliveira Salazar. Obra exposta na sala de visitas da casa-museu por sobre a mesa central do cômodo. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

O Estado Português, sob os ditames de Oliveira Salazar, com os olhos direcionados às colônias da Ásia e África, via nos estudos de Gilberto Freyre um valioso instrumento de estratégias. Freyre, por seu turno, contribuiu direta e indiretamente para a regência política de Portugal, mesmo sob as justificativas de clamor e de fascínio culturalistas.

Os Lusíadas, à mostra na sala de visitas, envolto num estojo de prata e resguardado pelo escudo real português, é impresso em 1922. Chega às mãos de Gilberto Freyre sob o tom do reconhecimento diplomático de um Estado Nacional imperialista a um intelectual definido como promotor da difusão da cultura lusa no mundo.

Não custa lembrar que o jogo político manipulado pelo Estado Português, nos dias salazaristas, carecia dos estudos realizados pela antropologia aplicada: conhecer o outro para “melhor” lidar com ele. Este era o lema. Premissa que a historiadora portuguesa Cláudia Castelo entende como suporte para a “ideologia colonial portuguesa entre 1933 e 1961”⁵⁷ [...], tendo a “doutrina” do luso-tropicalismo como fundamentação teórica.

Nos idos de 1954, Gilberto Freyre publica na *Revista Panorama*, de Portugal, o apelo luso-tropicalista por ele tão afanado. A *Revista Panorama*, dedicada ao turismo, veículo de relevante difusão, na edição de 1954, pinta uma imagem⁵⁸ da cidade do Recife, como se ela, a cidade, apontasse para o futuro ainda em dia com os valores e aspectos humanos mais “rústicos” e morosos.

Nas “Palavras de Gilberto Freyre para o ‘Panorama’”, comentário sobre os trezentos anos da expulsão holandesa do Brasil publicado em 1954 na *Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo* de Lisboa, o escritor fala da capacidade portuguesa de permear, de perpassar a diversidade étnica que fomentava a formação brasileira. Para tanto, dedicou-se ao tema do tricentenário da expulsão dos holandeses daquele que se chamaria solo brasileiro. Freyre sublinha a suposta capacidade mesológica⁵⁹ do português frente aos ditames dos trópicos, sem deixar de apontar para o modo “sutil” do português dominar. Posição condizente com a aproximação perspicaz do brasileiro junto ao Estado Português de Salazar: o destaque desse elo reside na posição expansionista do modo de ser e agir portugueses, atribuindo, assim, veia identitária aos espaços geográficos “amaciados” pelos pés do português.

Repito para leitores portugueses o que já escrevi para brasileiros: que a expulsão dos holandeses do Norte do Brasil em 1654, longe de ter sido um acontecimento apenas regional, representa, considerada no seu aspecto sociológico, a culminância de um processo de formação nacional fora da Europa que, desde os princípios do século XVI, vinha

⁵⁷ CASTELO, Cláudia. ‘A recepção do luso-tropicalismo em Portugal’. In: *Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos*. Recife: Fundação Gilberto Freyre, Anais do centenário de nascimento de Gilberto Freyre, de 21 a 24 de março de 2000, pp. 84-95.

⁵⁸ Cf. RODRIGUES, A. Peres. ‘Recife: uma cidade em marcha.’ In: *Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo*. Lisboa, nº 10/11, II série, 1954, s/p.

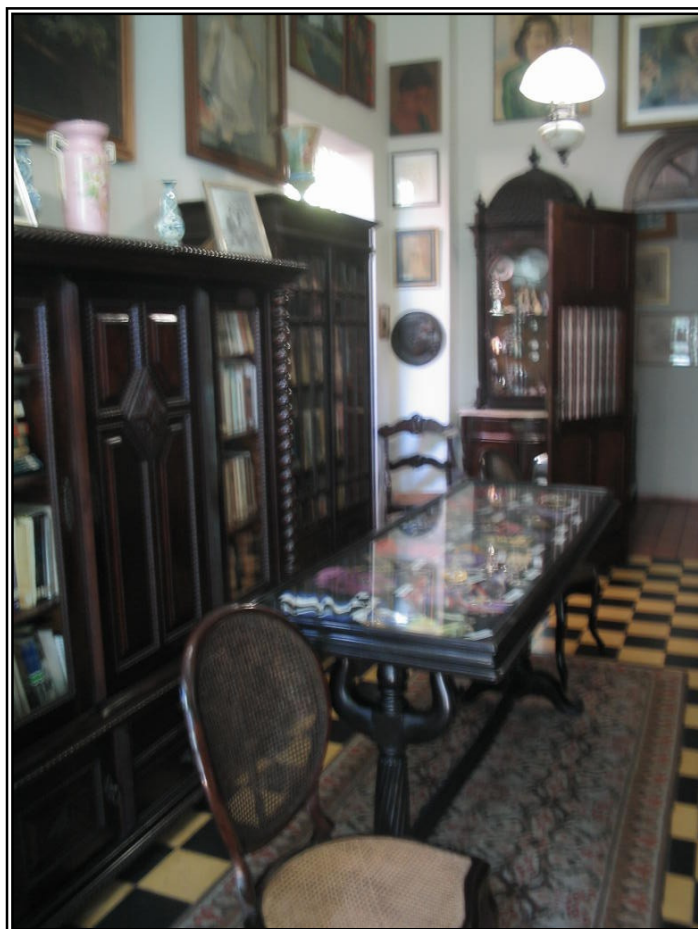
⁵⁹ A mesologia, estudo das implicações do meio no modo de agir do homem, figura para Gilberto Freyre como campo do conhecimento capaz de apontar as nuances que fizeram do português um contingente étnico-cultural com pré-disposições aos trópicos.

agindo incessantemente na expansão lusitana na América. Expansão Católica em suas predominâncias. Ou nos seus traços decisivos. O acontecimento pernambucano sabem os historiadores que, além da repercussão sobre o destino das demais áreas luso-brasileiras, repercutiu sobre o futuro das colônias portuguesas da África. Principalmente Angola. Ao agredirem os holandeses o Brasil produtor de açúcar, formava esse Brasil, que era então o de maior expressão na economia internacional, um complexo que hoje podemos denominar luso-tropical não só com Angola como com outras áreas africanas ocupadas pela gente lusitana e marcadas pela sua cultura em expansão. Tivessem os holandeses conseguido firmar-se no Norte do Brasil, tendo o Recife por base ou sede desse domínio, e tudo parece indicar que também Angola e São Tomé e, talvez, Moçambique, teriam se tornado holandeses, em função de um sistema económico que o génio português vinha desenvolvendo como um consórcio de valores europeus, americanos e africanos em espaço tropical. E não faltou aos holandeses, perspicazes em assuntos de economia colonial embora deficientes no trato psicológico e sociológico dos povos e problemas extra-europeus – principalmente quando tropicais – a percepção do quanto era inteligente aquele consócio, já estabelecido pelos lusitanos com grave proveito económico para a Metrópole e para os próprios colonos portugueses alongados em luso-americanos. Com a expulsão dos holandeses do Norte do Brasil em 1654, assegurou-se não só a unidade da América Portuguesa em suas bases ou predominâncias, com a sobrevivência de um sistema, ou quase sistema, de organização portuguesa em áreas tropicais, que pode ser caracterizado como luso-tropical. Foi assim a vitória luso-pernambucana sobre os invasores chamados flamengos um acontecimento da mais ampla significação sociológica do ponto de vista do destino social e cultural – e não apenas económico – de várias áreas tropicais. Daí o dever de participarem da comemoração do seu Tricentenário não só todos os brasileiros como, ao lado dos portugueses da Europa, todos os povos espalhados pelo Atlântico, pela África e pelo Oriente, de formação portuguesa. A todo esse grupo diverso toca hoje a responsabilidade de guardar e desenvolver um conjunto transnacional de valores que não existiria, em sua magnífica plenitude moderna, em sua extraordinária combinação actual de unidade com diversidade, se a gente luso-pernambucana, com a cooperação de outras gentes de formação lusitana e até de espanhóis animados do mesmo espírito ibérico e católico que os lusos, não tivesse conseguido a vitória que conseguiu, em 1654, depois de duras batalhas e ásperezos esforços, sobre um invasor da fibra, dos superiores recursos técnicos e das esplêndidas virtudes militares do holandês acatólico.⁶⁰

Os nomes das salas citadas foram dados por D. Sonia Freyre, filha do escritor, para melhor identificar, segundo ela, aspectos de cada um dos cômodos. Tanto a sala Lula Cardoso Ayres quanto a Cícero Dias mantêm

⁶⁰ Escrito citado integralmente. FREYRE, Gilberto. 'Palavras de Gilberto Freyre para o "Panorama" '. In: *Panorama: Revista portuguesa de arte e turismo*. Lisboa, nº 10/11, II série, 1954, s/p. (grifos do documento. Tome-se como exceção o grifo génio português, que é meu)

expostas telas pintadas pelos artistas pernambucanos, amigos de Gilberto Freyre.



09 – Vista parcial da sala Cícero Dias. Cômodo entre a sala de visitas e o gabinete de Gilberto Freyre. Sala na qual as condecorações do escritor são exibidas na mesa envidraçada no centro do ambiente. Foto: Elaine dos Santos. Janeiro de 2006.

Num artigo publicado na *Revista Ciência e Cultura*⁶¹, de setembro de 1987, em memória de Gilberto Freyre, o Professor Edson Nery da Fonseca traz em seu texto a citação de uma sextilha inspirada pelo poeta João Cabral de

⁶¹ FONSECA, Edson Nery da. 'Um homem no meio de um século: Gilberto Freyre, 1900-1987.' In: *Revista Ciência e Cultura – SBPC*. Rio de Janeiro, set., vol. 39, nº 9, 1987, pp. 802-806.

Mello Neto, em comemoração aos quarenta anos de publicação do *Casa-Grande & Senzala*, em 1973. A sextilha, pois, alça elogios a Freyre situando-o no labor culturalista. Desse modo, o poeta descreve o intelectual das saudades por meio da metáfora que o proclama: a de um homem das letras marcado pela “prosa de quem se espreguiça”.

Ninguém escreveu em português
No brasileiro de sua língua:
Esse à vontade que é o da rede,
Dos alpendres,
Da alma mestiça,
Medindo sua prosa de sesta,
Ou prosa de quem se espreguiça⁶²

A lembrança do Professor Edson Nery, partindo da acepção cabraliana, diz com sutileza sobre o modo freyriano de ver e sentir o mundo. É do gabinete da casa de Apipucos que Gilberto Freyre acena e empreende leituras sobre a sociedade do açúcar. Da poltrona de couro – na qual com uma das pernas por sobre um dos braços do móvel escrevia horas corridas – à cadeira de balanço, Gilberto Freyre interpretava o Nordeste úmido da cana-de-açúcar. Na poltrona de couro, o autor captava passados; na de balanço, projetava memórias, experimentava sensações. Efeitos que imprimiam ao texto do escritor imagens forjadas, sentidos aflorados.

O móvel de casa de residência [...] que a civilização do açúcar desenvolveu, dando-lhe toques ou características ecologicamente brasileiros [, a exemplo da cadeira de balanço [...] com revestimento de palha da Índia no assento e encosto,] a conversadeira ampla, [...] o sofá também amplo, [mais uma vez] a lúdica cadeira de balanço [...] estão sendo de tal modo revalorizados, por suas sugestões românticas, por certos artistas, nacionais e estrangeiros que, em certos meios, já há quem os contraponha – salientando, ao lado dessas sugestões imaterialmente românticas, suas vantagens fisiológicas, ecológicas, estéticas – ao móvel anti-romântico, intitulado moderno com que se pretendeu, no interior de novas residências em Brasília, desprender o brasileiro de suas ecologias e de suas tradições para torná-lo um vago e abstrato homem (ou mulher) de um vago tempo e de um abstrato universo não brasileiros.

⁶² João Cabral de Mello Neto citado pelo Professor Edson Nery da Fonseca no artigo da *Ciência e Cultura*, p. 804. (grifo meu)

Mais adiante, acena Gilberto Freyre:

Pretensão contra a qual se insurgiu Aldous Huxley, ao visitar o Brasil e ao conhecer Brasília, cujos requintes modernistas de arquitetura e de móvel o desapontaram. Entretanto, as constantes da civilização brasileira do açúcar com que tomou contacto em Pernambuco lhe deixaram a melhor das impressões, como testemunhos de alguma coisa de romanticamente brasileiro a juntar-se para ele, evidentes, vantagens de ordem ecológica. Ao sentar-se, certa manhã, em casa de residência recifense [, a de Apipucos], numa vasta cadeira de braços outrora de casa-grande de engenho – da casa, de Massangana, da meninice de Joaquim Nabuco – Aldous Huxley exclamou: “Isto que é cadeira funcional. As de Brasília são inumanas.”⁶³

A casa de Apipucos inspira no autor, a partir de 1941, quando fixa residência no subúrbio ilustre, o status de verdade através não só das palavras como dos objetos. A narrativa de vida que o escritor elabora transita pelas dimensões do gênero ficcional e do autobiográfico. O primeiro, em relação à produção literária freyriana, faz menção ao livro *Dona Sinhá e o filho padre* de 1964; o segundo, à composição “ornamental” da casa-museu.

Em *Um homem no meio de um século: Gilberto Freyre, 1900-1987*, o professor Edson Nery da Fonseca menciona dois dos projetos não realizados por Gilberto Freyre. Um, diz respeito ao famoso livro não publicado: *Jazigos e Covas Rasas*, o outro, à autobiografia intitulada de *Um homem no meio de um século*.

Na alegoria da memória, Gilberto Freyre funda o desejo de ser eterno. Imprimindo valor aos seus feitos, procura defendê-los. Angaria adeptos. A família, pois, engendra esforços para preservar a imagem e a materialidade do escritor. A presença dos restos mortais do autor de *Sobrados e Mucambos* no sítio-jardim da casa-museu é um indício significativo de um projeto para a posteridade.

Freyre, após a sua morte, teve como “lugar de memória” não só a casa em que morou, mas um evento que o evoca ano a ano. Refiro-me à *Semana Gilberto Freyre*, evento realizado pela Fundação que leva o nome do escritor, com o fim de discutir as suas contribuições nos mais variados campos das

⁶³ FREYRE, Gilberto. *A presença do açúcar na formação brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1975, pp. 18-19. Ambas as citações pertencem ao mesmo documento.

ciências humanas. Ao contrário dos eventos estudados pela antropóloga Regina Abreu,⁶⁴ dedicados à evocação de Clarice Lispector e Euclides da Cunha em suas respectivas datas de falecimento, a *Semana Gilberto Freyre* toma por referência a data de nascimento do homenageado: o 15 de março.

A *Semana Gilberto Freyre* incide sobre o desejo máximo do sociólogo: o de não ser esquecido. Desse modo, a memória que Freyre tanto cultivava deixa de ser unicamente dele e passa a ser do público que o exalta e o legitima.

Num mundo dos indivíduos, certos mortos tendem a desempenhar um lugar importante para a referência dos vivos. Em muitos casos, transformam-se em bens simbólicos disputados avidamente pelo mercado. Suas famílias passam a disputar não apenas o prestígio mas certamente [...] os direitos autorais [...] que emanam de mortos consagrados.⁶⁵

Na constituição de uma biografia póstuma, instituir uma vida exemplar é o fim. “Assim, a ‘história de vida’ de um morto comparativamente com a de um vivo aparece como um produto mais bem acabado e, talvez, por isso mais valorizado.” É o que bem assinala a antropóloga Regina Abreu.

Freyre não o é só. Fizeram-no. Os freyrianos deram significado, ressonância às idéias do autor de *Casa-Grande & Senzala*. Na dor da perda, refiro-me ao falecimento do sociólogo em 1987, os seus cultores e admiradores reivindicaram valor irrestrito ao criador, conforme proclamaram, da “identidade nacional”.

Gilberto Freyre vestiu o trajo da auto-suficiência ao colocar-se distante das vicissitudes acadêmicas e institucionais em geral. O *Diário de Pernambuco*, do dia 19 de julho de 1987, um domingo chuvoso e abatido, dá voz ao então presidente da Academia Pernambucana de Letras, da qual Freyre era (é) imortal. A fala do dirigente da APL acena para a preparação de um homem-patrimônio, ou melhor, de um homem-monumento soerguido pelo suposto e ininterrupto sucesso do qual usufruía em vida.

⁶⁴ ABREU, Regina. ‘Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados’. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, nº 14, 1994, pp. 205-230.

⁶⁵ ABREU, Regina. *Op. Cit.* (1994), p. 212. Os direitos autorais de Freyre são em sua quase totalidade voltados ao sustento da Fundação Gilberto Freyre. (grifo meu)

Como Freyre implantou a imagem de intelectual plural e absoluto, toda e qualquer referência que servisse de comparativo à sua altura, não adquiria propulsão porque ele era considerado, e se considerava, muito maior em relação a qualquer reconhecimento institucional. Waldemir Miranda, em depoimento ao *Diário de Pernambuco*, faz menção a esta perspectiva:

‘Gilberto Freyre relutou em aceitar uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras e jamais quis disputar uma vaga na Academia Brasileira de Letras’, recorda o escritor Waldemir Miranda, presidente da APL. ‘Mas ele sempre foi imortal pela sua obra e agora ascende à eternidade da cultura do Brasil’.⁶⁶

Em *Apipucos: que há num nome?*, Gilberto Freyre descreve o conjunto de objetos que ornamenta o espaço interno de sua residência. Cria, com isso, um museu particular. Constitui, em seguida, um panorama de fruição estética tendo em foco os cômodos da morada das saudades. Delineia, por fim, o aparato histórico de uma construção soerguida das ruínas em 1940: digna de respeito pelas “paredes quase de fortaleza”⁶⁷. De resto, a casa de Apipucos sai do relento da ruína para a plataforma do reconhecimento monumental. Expressa-se com distinção pela robustez física, pela localização espacial que usufrui. Assediado pelas convenções do passado, Gilberto Freyre reelabora ainda mais a sua criação: residências em áreas elevadas da cidade do Recife do século XIX, transpiravam pompa e elegância. Porque eram “os morros [...], a princípio, aristocráticos [...]: lugares de onde [...] [e por onde se descia e subia] de rede ou de palanque nos ombros dos negros.”⁶⁸

A casa de Apipucos é um composto de peças de cultura material que expressam tanto as temporalidades dos exemplares de prata ou faiança patriarcal, quanto o caráter intelectual de seu anfitrião. Composto este, apresentado pela “[...] relíquia de São Francisco Xavier de Goa [, adquirida quando de sua viagem à África e Ásia portuguesas nos anos iniciais da década

⁶⁶ *Diário de Pernambuco*, 19 de julho de 1987, p. A-1.

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Apipucos: que há num nome?*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1983, p.49.

⁶⁸ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1990), p. 234.

de 1950,] [...] autenticada pelo guardião do sepulcro do santo; [...] [e pelo conjunto de] marfins [oriundos] de Bombaim [...]”.⁶⁹

No apelo sentimental dos objetos, Gilberto Freyre devota apego ao relógio ancestral da casa de Apipucos: aparelho de disciplinar a vida coletiva; há muito, parado no tempo que não mais registra. Alfredo Freyre, em suas memórias, anotadas pelo filho, fala da paixão que mantinha pelos relógios. O da sala de jantar, acomodado num aparador espelhado, é o ensejo para as lembranças do velho Freyre:

Tive sempre um encanto especial pela arte de relojoeiro. Ainda hoje tenho vários relógios e não fosse a vista, gasta pela idade, e continuaria a consertá-los, quando desarranjados. Com muito cuidado tomo conta, na casa de Gilberto, em Apipucos, do velho relógio inglês em caixa de jacarandá que lhe dei, assim como lhe dei um relógio de bolso, de ouro, com os símbolos do Direito e da Justiça, com o qual me presenteou Meu Pai quando me formei; ou pouco tempo depois da minha formatura.⁷⁰

Gilberto Freyre constrói uma obra literária, e também acadêmica, autobiográfica. Provida da narrativa ensaística e da descrição exaustiva que nos faz transitar, enquanto leitores, pela esfera introspectiva do cotidiano por ele delimitado: o do patriarcado pernambucano.

Enquanto instituição de memória, a casa-museu figura como indício de quem a cria e organiza. Espaço que denota autobiografia e memória histórica da época dos tempos patriarcais: a dos meninos prematuramente transformados em homens; a do cultivo da cana-de-açúcar; a do escravo de casa. Indício disperso no ambiente interno da vivenda de Gilberto Freyre, apresentado por intermédio de fotografias em preto-e-branco de meninos taciturnos à mostra por sobre móveis de jacarandá; assim como pela mesa de jantar figurando como peça-símbolo na qual eram degustadas receitas de doces à base do açúcar de cana; e por fim, pela imagem em óleo sobre tela do negro da casa, Manuel Santana, ex-escravo, exposta na sala de visitas dos Freyre.

⁶⁹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (1983), p. 49.

⁷⁰ FREYRE, Alfredo. *Op. Cit.* (1970), pp. 161-162.

A sala de jantar da casa de Apipucos nasce da constituição simbólica em volta da mesa. Na composição do cômodo, orbitam dois aparadouros Spieller, um marquêsão Beranger, uma cadeira-de-balanço também Beranger, uma mesa de centro para o café após as refeições, uma mesa com tampo de mármore branco e um carrinho de servir refeições.

Na arrumação do mesmo ambiente, tem-se ao centro a mesa de jantar ladeada por pesadas cadeiras de braço que juntos tomam posição de destaque. Na simetria dos móveis, o aparador principal à esquerda do anfitrião (Gilberto Freyre), recostado na parede próxima à cabeceira da mesa, projeta os licores e o conhaque de pitanga. À direita da cadeira na qual Gilberto Freyre degustava os quitutes à Magdalena Freyre, posiciona-se o marquêsão, a mesa de centro e a cadeira-de-balanço, à espera do momento pós-refeição. No tilintar dos copos, Freyre assentava os talheres por sobre o prato de porcelana portuguesa.

Num traçado triangular, considerando-se Gilberto Freyre na cabeceira da mesa, posicionam-se ao fundo da sala de jantar, de um lado, o carrinho de servir refeições (à esquerda), e do outro, a mesa com tampo de mármore branco (à direita). O anfitrião, assentado numa posição de destaque, depara-se com o terraço mourisco à sua frente.

Abaixo da mesa, o tapete em tom avermelhado tomando toda a dimensão do móvel. Aos pés da mesa, anteparos de vidro pinçado para evitar-se o acesso das formigas aos quitutes salgados e açucarados. Por sobre a cabeça dos moradores à mesa, um lustre de cristal branco com pedras azuis pergoladas saltando dos cachimbos que amparam as luzes. Lustre de pompa adquirido da família Tasso.

A relação aqui desenhada não implica numa articulação fiel com as passagens sociais de época, etnografadas por Gilberto Freyre em seus escritos. Faz referência aos assaltos de memória por ele alimentados. Em *Sobrados e Mucambos*, o escritor em tom testemunhal, pautado nos cronistas, apropria-se das impressões dos estrangeiros para compor o seu passado ancestral. Um passado vivido, ao menos no campo do desejo, na casa de Apipucos.

A mesa era patriarcal. O dono da casa, à cabeceira, às vezes servia. Quando era jantar com senhoras, ficavam sempre marido e mulher juntos. Mas isto já foi depois da sofisticação dos hábitos, ao contato maior com a Europa. Antes, nos tempos mouros, era raro mulher na primeira mesa: pelo menos quando havia visita. Era só homem. As mulheres e os meninos sumiam-se. Nos jantares íntimos, o patriarca servia-se primeiro e do melhor; do abacaxi, por exemplo, havendo um só, a parte nobre, imperial, a coroa, era a sua; e a outra, da mulher, dos filhos, da parentela. As mesas [...] eram nos sobrados mais nobres, quase tão grandes como das casas-grandes de engenho ou de fazenda, embora fosse menor o número de convivas nas cidades; menos expostas aos papa-jantares. Luccock informa que as mesas eram também demasiadamente altas para serem confortáveis; e em assuntos de conforto doméstico devemos aceitar a palavra de um inglês, como a ortodoxa e definitiva. Mesas quase sempre de jacarandá, pesadonas, de uma solidez bem patriarcal. Pareciam criar raízes no chão ou no soalho alguns senhores gabavam-se de em suas casas nunca se tirar a toalha da mesa. Senhores de chácaras e de sobrados grandes, e não apenas de engenho. Tal o velho José Antonio Gonsalves de Melo, cuja chácara, no Poço da Panela, ainda hoje está de pé, com suas arcadas quase de convento. O Barão de Catas Altas, em Minas, este chegava a ser extravagante: fazia questão de que sua casa fosse um hotel, a mesa sempre posta. Acabou arruinado pelos papa-jantares.⁷¹

Uma vez à mesa, os quitutes de época tomam assento na casa de Apipucos. Freyre narra o cardápio patriarcal de tempos idos, baseado na crença em que os artigos alimentícios perpassam os séculos pernambucanos. Narrar costumes é reconhecer um passado presentificado no modo de ser atual de uma sociedade – herdeira de valores –, capazes de identificá-la como portadora de um complexo civilizatório peculiar, distintivo.

Freyre elabora sua narrativa escrita dentro de um recorte do qual ele mesmo se convence. É como se estivesse abraçando concretamente o passado que lhe confortava, tranquilizava. A casa de Apipucos, na ambiência física da construção estrutural e “decorativa”, confirma o recorte temporal que o fundamenta como homem dedicado à memória. Práticas diárias por ele empreendidas têm por alicerce o modo de viver e conviver da gente patriarcal urbana e semi-urbana do Recife dos dias remotos. Na casa de Apipucos nada é afixado sem propósitos. Tudo tem ligação. Tudo tem um fim.

⁷¹ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2002), 13ª ed., p. 246. (grifo meu)

Freyre, na casa do subúrbio que fez ilustre, tentou experimentar o passado. Desejou retê-lo por meio das paredes de sua residência. Nela orbitam bens materiais, banhados no apelo sentimental, que o escritor buscou marcar, tanto a sua, quanto a suposta origem do homem pernambucano do litoral úmido e oleoso. Manter o passado vivo era manter a dignidade familiar acesa, em alerta constante. Apropriar-se do passado por meio dos objetos de época, dos cardápios e receitas de famílias de vulto, era um conforto ante aos devaneios do presente corrompido. O presente inquietava Freyre. Angustia-o. Desse modo, viver o passado, como se este fosse um ato possível, na ótica do nosso memorialista, era absorver hábitos traduzidos como um espólio a ser repassado, cultivado, conservado. Por esta razão, Freyre via nos hábitos e costumes alimentares, possibilidades de afirmação social e acalanto pessoal. Num trecho de *Sobrados e Mucambos*, ele descreve o gosto patriarcal de outrora. Um gosto por ele depurado, compartilhado:

O café só veio a popularizar-se no meado do século XIX. Sobremesa: arroz-doce com canela, filhós, canjica temperada com açúcar e manteiga, o doce com queijo de Minas, o melado ou mel de engenho com farinha ou queijo. Fruta – abacaxi, pinha, manga, pitanga – das quais também se faziam doces ou pudins. Às vezes, havia grandes feijoadas. As ortodoxas eram as de feijão preto. O feijão se comia todos os dias.

A sala de jantar dos Freyre está ligada à cozinha: o reduto dos segredos açucarocráticos. Na distinção social dos espaços, a sala de jantar incita os momentos coletivos a serem realizados nos ambientes determinados. A sala de jantar é diretamente acessada pelo cômodo principal. A sala de visitas abre-se para a sala de jantar. A porta entre os dois compartimentos, de quatro folhas de madeira pesada e articuladas por dobradiças de ferro fundido, tem no extremo superior do portal, caixilhos com vidro e maçaneta de louça: algo que ornamenta o bem-receber. O piso, ressalte-se, de cor vermelho terra, é constituído de lajotas retangulares polidas. Do piso ao teto, o contraste: o forro do teto é de madeira banhada em tinta cinza, proporcionando a difusão da luz nas paredes brancas e azulejadas do compartimento.

Discutindo sobre arquitetura e azulejaria, Gilberto Freyre, num exercício questionador em relação às mudanças abruptas, defende o uso dos azulejos diante das ações reformistas do engenheiro Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro.

No limiar da República, fervilhando de ideais pronunciados como progressistas, a arquitetura passa por uma descaracterização de acordo com a opinião Freyriana. Numa evocação perspicaz a Gilberto Keith Chesterton, evocação favorável às permanências, Freyre alarda em *Ordem e Progresso*, o seguinte juízo:

Os engenheiros mais lúcidos [...] pareciam desejar fazer nas suas construções o que os Josés de Alencar vinham fazendo na Literatura, isto é, procurar mostrar que, em arquitetura como em Literatura, o estilo não devia ser apenas o homem, mas o povo, isto é, o País. A expressão do Povo, do País, da Nação.⁷²

A fisionomia do “País”, neste particular, o Brasil, na acepção de Gilberto Freyre, tem como um dos elementos de seu complexo cultural a presença do azulejo no arranjo estético das construções. A casa de Apipucos é um fragmento, ao menos foi o desejo de Freyre transformá-la num fragmento-referência, da fisionomia do Brasil luso-tropical.

Colocando à prova as ações de Pereira Passos na modernização do Rio de Janeiro, o ensaísta pernambucano defende a resistência dos azulejos nas edificações brasileiras:

[...] sabe[-se] que [...] [na] arquitetura industrial não se admitiriam azulejos nas paredes exteriores: Passos e seus colaboradores eram dos que viam nos azulejos em paredes exteriores o inconveniente de absorverem o calor solar e aquecerem horrivelmente o interior das casas. Nem azulejos – velharia lusitana, arcaísmo eclesiástico, sobrevivência hispano-árabe – teria o edifício por excelência industrial por eles desejado para o Rio de Janeiro, nem vidraças com vidros de cores variadas e mal combinadas, cujos efeitos lhes pareciam além de prejudiciais, desagradáveis à vista.⁷³

⁷² FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2000), 5ª edição, p. 656. (grifo do documento)

⁷³ *Idem*, p. 657. (grifo do documento)

O gabinete de Gilberto Freyre está na parte “nova” da construção de Apipucos. Após a compra, Gilberto Freyre resolveu reformar e reconstruir partes inexistentes e arruinadas da velha casa da Rua Dois Irmãos. O cômodo que seria o gabinete do escritor resulta dessa intervenção no edifício.

Antecedido de uma ante sala, o gabinete de Freyre resguarda-se por meio de uma porta de duas folhas. Espaço relativamente amplo e enquadrado por rijas estantes de jacarandá que tomam toda a dimensão das paredes nas quais são recostadas. Escuras. Sóbrias. Providas de gavetas e prateleiras tomadas por livros e papéis.



10 – Vista do interior do gabinete de Gilberto Freyre. Ambiente no qual o escritor passava horas dedicando-se à interpretação do Brasil. Considere-se, em particular, o boneco com as características físicas de Gilberto Freyre, confeccionado por um bonequeiro da cidade de Olinda. Foto: Elaine dos Santos. Janeiro de 2006.

Próxima à porta, a poltrona de couro do escritor. Móvel de descanso no qual o “mestre de Apipucos” passava horas corridas a escrever e escrever. A posição era incomum aos olhos de terceiros: com uma perna por sobre um dos braços do móvel, Gilberto Freyre, apoiado numa prancha para assentar a folha de papel e escrever, munido de caneta “bic”, definia o que era e o que não era o Brasil. Aos pés do escritor papéis, apontamentos, livros, rabiscos, como se estivesse numa ilha de idéias distante do continente extra-intelectual de vida crua e acre.

Freyre reuniu, à mostra numa mesa antes pertencente aos padres do oratório do Recife, os pincéis e tintas usados na elaboração de seus desenhos caseiros. Significativos pela temática: dedicados às cenas do cotidiano. Foi por meio da pintura e do desenho que Freyre aprendera a ler e escrever.

Os objetos identificam Freyre. Do chapéu de antropólogo de campo, usado nas investidas pela África e Ásia portuguesas no início da década de 1950, às fotos e caricaturas molduradas de amigos ilustres dependuradas nas paredes do gabinete. Gabinete onde a luz natural contrapõe-se à incandescente dissipada pelo candeeiro belga transformado em lustre elétrico.

O piso do gabinete é o mesmo da sala de visitas: uma combinação cromática entre o negro e o amarelo das lajotas. O teto, por sua vez, revestido com madeira, obedecendo ao traçado horizontal das tábuas que dão volume a sisudez do forro. Da poltrona, Freyre via, através do janelão envidraçado na parede central da biblioteca, as folhas, as árvores, os frutos e os pássaros do sítio-jardim.

Da sala de jantar, vê-se a escadaria sinuosa. De alvenaria. Revestida de lajotas vermelhas. Estreita. Degraus baixos e esguios. O formato apresentado é de um traçado vertical para o primeiro lance de escadas e um transversal para o segundo.



11 – Ângulo parcial do quarto do casal Freyre. A imagem mostra os conjuntos mobiliário e decorativo do cômodo posicionados próximos à porta de acesso. 14 – Ângulo enfocando a cama do casal ao centro cômodo. Foto: Elaine dos Santos e Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.



Do topo da escadaria avista-se os aposentos do casal Freyre. Dependência de proporções módicas: ao centro a cama do casal (estreita na largura e baixa na altura), à esquerda da cama (considerando-se quem ao cômodo adentra) o guarda-roupas de Gilberto Freyre, à direita o de D. Magdalena. Cômodo de teto baixo, dando a impressão de conforto e aconchego. Ainda do lado esquerdo a poltrona de couro de Freyre. Próximas às sapateiras, as cadeiras-de-braço de encosto reclinado, acompanhadas de uma mesa forrada com toalha de seda para os momentos mais íntimos das refeições. Por sobre a mesma mesa, descansam xícaras de cafezinho e cinzeiros sem uso. Rente às cadeiras reclinadas, o cabide de chão tomado pelas bolsas, jóias e bijouterias de D. Magdalena.

À porta do quarto, o urinol de louça. Por sobre uma das três sapateiras, providas de gaveta e espelho frontal, um conjunto de peças também de louça: ânfora e bacia para a assepsia das mãos, pés e face, antes de recolher-se. De

acordo com D. Sonia Freyre, o seu pai não fazia uso das peças: “... eram apenas adorno”, declarou a presidente da Fundação Gilberto Freyre.⁷⁴

No artigo ‘A cultura material na obra de Gilberto Freyre’, o professor Peter Burke assinala:

No livro *Inglese no Brasil*, Freyre [...] enfocou o que ele chamou de uma ‘revolução’ no *design* dos móveis, expressão de uma revolução nos costumes: a moda dos móveis ingleses nos estilos Chippendale ou Adams no Brasil do início do século XIX, suas linhas retas tornando-se mais arredondadas no ambiente tropical, ‘o estilo inglês de móvel arredondado-se no clima brasileiro’, em lugar ‘dessas linhas anglicanamente secas’.⁷⁵

Tanto no quarto do casal quanto no de Sonia Freyre, a filha primogênita, foram mantidos por Gilberto Freyre dois exemplares do estilo mobiliário Chippendale/Adams. Refiro-me aos guarda-roupas, de D. Magdalena e de D. Sonia, móveis pesados na estrutura e na cor tenra da madeira da qual foram talhados. No guarda-roupas de D. Magdalena, aparece, nas bordas rente às portas, frisos em alto relevo, lembrando colunas gregas. Algo que faz menção à idéia de simplicidade e austeridade inerentes à antiguidade clássica. Tanto o móvel nos aposentos de D. Sonia quanto o pertencente à D. Magdalena, demonstram tracejados de linhas retas levemente arredondadas. Ou, no dizer freyriano, “arredondadas no ambiente tropical”.

O estilo chippendale, de Thomas Chippendale, ou Adams, de Robert Adams, em vigor no Reinado da Rainha Vitória da Inglaterra, foi, possivelmente, apreciado por Gilberto Freyre nos dias em que passou pela Inglaterra nos primórdios dos anos de 1920. Atitude artística que envolvera a Oxford que tanto encantara o jovem pernambucano. A Oxford de Linwood Sleight, Oscar Wilde e John Stuart Mill.

No cenário dos objetos, os espelhos ganham monta. Não são muitos os expostos na casa-museu. No entanto, a presença deles é significativa quando resolvemos fazer uma leitura desses artigos na arena social. Atente-se, em

⁷⁴ Fala de D. Sonia Freyre em conversa informal com o autor deste trabalho em 11 de janeiro de 2006.

⁷⁵ BURKE, Peter. ‘A cultura material na obra de Gilberto Freyre’. In: *Imperador das Idéias: Gilberto Freyre em questão*. 2001, pp. 55-70.

particular, para o espelho da cristaleira de jacarandá, da sala próxima ao terraço externo da vivenda de Gilberto Freyre e os três seguintes do quarto do casal – emoldurados em formato de medalhão. Estes últimos, aparentam um tríptico com imagens independentes, mas associadas pela arrumação perfilhada que apresentam.

O espelho do móvel multiplica os objetos nele contidos; os do quarto, ampliam e avolumam o cômodo. Os objetos, por ventura, multiplicam-se por meio da imagem ilusória do espelho. No interior da casa patriarcal burguesa, o vidro polido⁷⁶ – de acordo com a categorização de Jean Baudrillard – agencia a imagem de quem a habita. Assim como a água cristalina do rio mitológico aguçara a vaidade de Narciso: o espelho alimenta o ego burguês. Prepara-o para a aparição pública. Faz do burguês um admirador de si mesmo.



12 – Em destaque um dos três espelho de cristal do quarto de Gilberto Freyre e sua esposa. Abaixo do espelho a cômoda amparando uma ânfora de porcelana.

⁷⁶ Vide BAUDRILLARD, Jean. *Op. Cit.* (2002), pp. 28-29.

3.3 – Formação das coleções

No relento da memória, Gilberto Freyre faz lembrar do valor do brinquedo para a infância que tardiamente deixara para trás. Brinquedos⁷⁷ por ele sentimentalizados até os quatorze anos de idade. Era um martírio ter de deixá-los. Numa proposta de compor a história social dos brinquedos, Gilberto Freyre os institui nas obras que produz por meio da relevância que tais objetos inspiravam em seu complexo sentimental.

Uma vez, em Nuremberg, visitei um museu de brinquedos. Maravilhas de trens, de palhaços, de bonecas, de jogos, de bolas, de casas de madeira. Senti-me restituído aos dias de menino. [...] Uma das minhas alegrias foi notar o modo por que crianças como que brincavam empaticamente com os objetos expostos.⁷⁸

Das bonecas de louças e panos, aos trens elétricos, Freyre procurou interpretar o íntimo da casa brasileira, do modo pelo qual os objetos patriarcais instituíam a visão de mundo de seus possuidores. Daí, Freyre exemplifica:

O culto das bonecas louras e de olhos azuis entre as meninas da gente mais senhoril ou rica do Império deve ter concorrido para contaminar algumas delas de certo arianismo; para desenvolver no seu espírito a idealização das crianças que nascessem louras e crescessem parecidas às bonecas francesas; e também para tornar a francesa o tipo ideal de mulher bela e elegante aos olhos das moças em que depressa se transformavam no trópico aquelas meninas. Dona Isabel Henriqueta de Sousa e Oliveira, nascida na Bahia em 1853, confessa que quando moça ‘desejava ser francesa’ [...].⁷⁹

Os brinquedos estão nos textos do escritor, nas lembranças de viagens, nos recônditos da casa de Apipucos. É no quarto do filho, Fernando Freyre, que os brinquedos da casa repousam. Em seu diário, Gilberto Freyre escreveu:

⁷⁷ Antevendo uma “nova” interpretação cultural das coleções das quais os objetos remontam ao cotidiano doméstico, Gilberto Freyre fomentava a idéia dos museus onde o visitante teria a liberdade de tocar, apalpar os objetos. Era o que aparentava ocorrer no Museu do Brinquedo da cidade alemã de Nuremberg: as “crianças [...] quase tocavam [...] os brinquedos [que] se deixavam ver” por elas. A citação desta nota foi extraída de: FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*, (1985), p. 23.

⁷⁸ *Idem*, p.23.

⁷⁹ FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*, (2000), 5ª edição, pp. 269-267.

Até o ano passado brinquei com bugigangas que em geral não têm graça para meninos de 14 anos. Este ano é que concordei com minha Mãe em que ela distribuísse esses meus brinquedos amados por mim com um especial e já arcaico amor. Tão especial e tão arcaico esse amor, que já vinha me tornando malvisto por tias e tios e ridicularizado por primos e vizinhos. O trem elétrico é um desses brinquedos, e outro, a caixa de blocos de madeira, com os quais construí tantas casas, tantas igrejas, tantos castelos sem ser os de areia, das fantasias vãs. Também os soldados de chumbo, desmilitarizados em simples paisanos homens e mulheres e tornados a parte viva, humana do meu mundo – um mundo que durante anos criei e recriei à minha imagem como se sozinho, em recantos quase secretos da casa e, depois, num sótão, que se tornou quase meu domínio absoluto, eu brincasse de ser Deus.⁸⁰

Finalizado o curso de mestrado, Gilberto Freyre visita os variados museus da Europa dos anos de 1920. Era na Europa que estavam, acreditava o nosso memorialista, os “museus vivos como [...] os da Alemanha, os ingleses e franceses.”⁸¹

[...] [Os] três museus – o de Paris, o de Oxford, o de Berlim – pedem dias seguidos de estudos panorâmicos. Panorâmico sem se considerar o que pode ser realizado em qualquer deles como estudo especializado. Em todos tenho encontrado material interessantíssimo. Venho tomando notas. Apontamentos. Notando omissões com relação ao Brasil. Ao riquíssimo tema antropológico que é o Brasil.⁸²

E questiona:

Quando teremos, no nosso país, um grande museu do Homem especializado na apresentação sistemática, didática, cientificamente orientada, de material antropológico relativo à gente brasileira – ao seu físico, às suas etnias, à sua cultura (entrando aqui uma orientação dos nossos estudos antropológicos sob a inspiração dos Boas, dos Wissler, dos Kroeber) – as suas várias expressões regionais?⁸³

Em seguida, em meio aos arroubos da memória e do desejo de transformá-la num fôlego de ação, completa:

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade (1915-1930)*. São Paulo: Global, 2ª edição, 2006, p.27.

⁸¹ *Idem*, 2ª edição, p. 139.

⁸² *Idem*, p. 139.

⁸³ *Id. Ibidem*, p.139.

Se puder, é uma das coisas culturais para a qual concorrerei, quando me reintegrar no Brasil: a organização de um museu antropológico segundo a orientação de Boas, que é uma orientação, em grande parte, alemã. Reintegração que não sei se acontecerá. Sinto que será quase impossível. Mas não nos antecipemos. O que venho descobrindo na Europa é que minhas afinidades com ambientes e gentes daqui são muito mais profundas que com ambientes e gentes dos Estados Unidos.⁸⁴

A coleção etnográfica, refiro-me à “africana e afro-brasileira”, ficou exposta nas vitrines do piso superior da casa-museu, numa antesala entre o quarto do casal e da filha Sonia Freyre. Destaca-se um chocalho usual nos cultos da gente de África. Em *Casa-Grande & Senzala*, Freyre faz menção ao instrumento de estímulo ao transe ritualístico:

Importaram-se até pouco tempo da África para o Brasil tecebas ou rosários; instrumentos sagrados como o heré ou checheré – chocalho de cobre que nos xangôs ou toques alvoroça as filhas-de-santo; ervas sagradas e para fins afrodisíacos ou de puro prazer.⁸⁵

“Talvez uma das frustrações de mamãe foi não ter conseguido decorar a casa. Papai não deixava!”, comentava D. Sonia Freyre, filha de Gilberto Freyre, acerca do apego que o escritor devotava às coisas de época,⁸⁶ o que motivou alguns conflitos entre o casal. Segundo D. Sonia, sua mãe, Magdalena Freyre, certa vez, irritada, esbravejava contra uma das aquisições de seu pai: uma mesa aparentemente do século XVII de madeira maciça, talhada, e revestida com gesso e folhas de ouro que pertenceu aos padres do Oratório do Recife e posicionada no vão central do gabinete do sociólogo. Foi apelidada por D. Magdalena, lembra D. Sonia, de “elefante branco”.

⁸⁴ O desejo de Freyre, expresso em seu “diário-memória,” faz-se concreto em 1928 com a criação do Museu do Estado de Pernambuco, em 1979 com o surgimento do Museu do Homem do Nordeste e, em 1988, sob os auspícios do SPHAN, com o reconhecimento da casa-museu de Apipucos. Vide FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2006), p. 139.

⁸⁵ FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* (2001), 43ª edição, p. 369. (grifo do documento)

⁸⁶ Fala de D. Sonia Freyre em conversa informal com o autor deste trabalho na cozinha da Fundação Gilberto Freyre em 23 de setembro de 2003.



13 – Mesa “elefante branco”, no vão central do gabinete do escritor, exhibe aos visitantes da casa-museu as tintas e pincéis usados por Gilberto Freyre na elaboração de seus desenhos. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

Embora as reivindicações de D. Magdalena Freyre fossem todas contrárias às posições subjetivas de seu esposo, posições nem sempre por ele verbalizadas, era ela quem administrava todas as questões práticas relacionadas a manutenção e reparos por ventura reclamados pelos objetos. Freyre os colecionava, a eles devotava valor incalculável, porém não os via na órbita prática da rotina que o circundava. Freyre, portanto, acumulou objetos coerentes com os seus intentos memoriais. A combinação casa/objetos era

para o escritor um bloco indissociável. A casa, por fim, definia-se para o escritor das saudades como o ambiente de resguardo de valores.

Gilberto Freyre, no prefácio ao livro *A casa brasileira*, expõe:

Cabe neste prefácio a um livro-síntese sobre o assunto ‘casa brasileira’ recordar o autor ter escrito o seu *Casa-Grande & Senzala*, que marcou o início do seu depois constante trato de matéria tão complexa, partindo de um ânimo introspectivo, auto-analítico e até autobiográfico. Impulso de tal modo exigente e absorvente que o levou à sua identificação como todo um conjunto psicossocial através da procura de origens e de desenvolvimentos desse conjunto no espaço e no tempo. A identificação básica, e como que freudianamente filial e, depois, proustianamente indagadora de pormenores significativos, o analista, não já de si mesmo, apenas, mas do seu ego identificado com o da sua gente [...] – a regional, a pré-nacional e a nacional, a transnacionalmente hispânica – ele a encontraria principalmente na casa⁸⁷.

Os objetos, hoje definidos como parte de um acervo, colecionados pelo escritor, emitem a mensagem de terem pertencidos ao autor de *Casa-Grande & Senzala*. Logo, são “objetos biográficos”⁸⁸.

Os artigos de cultura material colecionados por ele tomam a proporção de um acervo múltiplo e intimamente relacionado ao ritmo histórico de famílias pernambucanas e sua correspondente vida social com o passar dos anos. Tome-se como exemplos as porcelanas da Índia da família Tasso e a coleção de leques do Segundo Reinado.

Os objetos que Freyre deslocou de seus antigos proprietários diziam muito do gosto e do significado social que o escritor apreciava. O gosto, centrado na distinção cultural familiar; o significado social, vislumbrado pela situação de mudança que os artigos anunciavam quando relacionados ao tempo que os registra. Mudanças que afligiam a gula de memória do morador ilustre de Apipucos. Afinal, os objetos datam as épocas, indicam comportamentos.

[...] tanto o azul das louças como o amarelo das sedas e das gangas do Oriente, tanto as panelas de barro como os jacarandás pintados de

⁸⁷ *Idem*, p. 12.

⁸⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004, p. 99.

azul e vermelho, estavam sendo vencidos pelo branco, pelo cinzento, pelo preto, pelo azul-escuro do gosto inglês de louça, de fazenda, de móvel. Era o início, para o vasilhame de cozinha e de mesa como para o mobiliário das casas do Brasil, da era a que alguns sociólogos chamam hoje [...] de paleotécnica; e esse início, sob a influência inglesa. Louça branca ou, quando muito, branca e dourada; painéis de ferro; os móveis pretos, pardos, escuros. O vestuário dos homens, urbanos e mesmo rurais, mais elegantes, também: escuro, pardo, cinzento, azul-marinho, roxo-escuro. Escuros seus chapéus e sapatos vindos da Inglaterra. Escuras suas gravatas. Escuras suas carruagens. E seus lenços, brancos e não mais os de muitas ramagens e cores vivas e escandalosas com que os volutuosos do rapé se assoavam ancha e festivamente, livrando-se sem nenhum pudor dos maus cheiros e talvez de sinusites. Pois o uso do rapé não era então um simples requinte volutuoso : também um hábito profilático ou de higiene pessoal que, sob esse aspecto, talvez não tenha tido ainda o estudo que merece⁸⁹.

Freyre queria cooptar espaços e temporalidades com a arrumação, aparentemente ilógica, dos objetos de sua casa. Um passado visto com nostalgia por assinalar a origem que conforta a angústia do indivíduo: o desejo ininterrupto de sedimentar valores, memórias.

Mutila-se o indivíduo que abandona o lugar onde nasceu; onde brincou menino. É sempre perigoso querer corrigir a natureza quando coloca mal os seus pronomes: fiquemos onde estamos – os pronomes mal colocados⁹⁰.

É sabido que Gilberto Freyre na tentativa de reconstituição do passado, tomará para si as descrições dos cronistas que passaram pelo Brasil ao longo dos séculos de nossa história. Maria Graham é um forte exemplo disso. Em várias passagens, a propósito de *Inglese no Brasil*, a cronista traz à tona imagens do século XIX, que o escritor procura imprimir à casa de Apipucos por meio dos objetos que registram comportamentos sociais.

⁸⁹ FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: UNIVERSIDADE/TOPBOOKS, 3ª ed., 2000, p. 240.

⁹⁰ FREYRE, Gilberto. *Apud* PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Op. Cit.* (2005), p. 188. A historiadora Maria Lúcia identifica os gostos literários de Gilberto Freyre a partir das leituras que o jovem pernambucano, nos Estados Unidos, fez de autores vitorianos como Walter Pater. A autora da mais apurada biografia sobre Gilberto Freyre percebe o quanto implicações emocionais do escritor vão aos poucos tomando a dimensão de conforto nostálgico quando ele vê-se nos escritos de Pater como se estivesse frente a um espelho.

Dentro da casa, na sala de jantar mais precisamente, Gilberto Freyre demonstrava sinais do bem receber os visitantes, quando lhes apresenta dois aparadouros de jacarandá. Um deles, em especial, provido de garrafas de cristal contrastando com o colorido dos licores e conhaques nelas contidos. Copos, taças, bandejas de prata, compunham a ornamentação funcional do aparador.

Mal se sentara na sala de jantar da casa pernambucana, Mrs. Graham fora logo obsequiada com biscoitos, bolos, vinho e licores e copos d'água fresca conservada em bilhas ouoringas de barro fabricadas na Bahia. O aspecto e as maneiras dos brasileiros da casa visitada notou a inglesa que não eram nem ingleses nem franceses; e entretanto eram maneiras e aspecto de gente bem educada. Apenas os homens, em vez de casacas de casemira, vestiam em casa paletós de brim ou algodão e não traziam gravatas, embora na rua se apresentassem vestidos à inglesa⁹¹.

Freyre não apenas torna relevante a coleção⁹² mas o cotidiano que mantinha em sua casa. Procura adquirir artigos capazes de defini-lo como o intérprete da diversidade cultural brasileira. Os objetos o legitimam como homem dos livros e das letras. O acervo, atualmente, é de exposição permanente, sem o ato do remanejamento de peças comum quando da existência de uma reserva técnica. A ausência, contudo, da reserva técnica na casa-museu, indica a especificidade da instituição.

O objeto, por definição, de acordo com o escritor, é apresentado enquanto testemunho social. Enquanto meio para atingir-se o simbólico da cultura. Por isso, afirma:

⁹¹ *Idem*, p. 192.

⁹² Refletindo acerca do caráter acumulativo da coleção, a historiadora da arte Maria Cecília França Lourenço considera o ato de colecionar como uma das linhas do pensamento histórico no bojo das civilizações. Sobre o tema, discorre a historiadora: "O pensamento histórico tem chamado a atenção para a intencionalidade do que se organiza, preserva, conserva e se exhibe como um claro desejo, individual ou social, de serem legados testemunhos concretos capazes de configurar uma memória apaziguada [...] e desejável às gerações vindouras, de driblar a finitude humana e de elaborar o luto. Em tese, a cultura material, elevada a bem comum, advém dos valores coletivos e consensuais, porém o processo para se alçar a esta unanimidade precisa ser inquerido com reservas, ante prováveis interesses econômicos e na esfera do poder, num país com o desnível socioeconômico do Brasil". LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus: acolhem moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 60.

[...] quem diz cultura nacional ou regional diz principalmente símbolos, tanto dessas culturas como, alguns deles, no essencial, da cultura humana. Objetos-símbolos. Cultura é no que principalmente consiste : em objetos-símbolos⁹³.

Valorizar os objetos enquanto criações físicas para o uso imediato e revertê-los em peças (sem valor prático) de acervo museal revela a intenção freyriana em conquistar a eternidade: em apropriar-se de pedaços do mundo em forma de azulejos, lustres, porcelanas imbuídos de fazerem significativa a existência de um homem preso ao passado. O museu, para Gilberto Freyre, deveria atentar para este fim desde que a posição didático-pedagógica destinada ao acervo não fosse negligenciada. Portanto, se resguardado do assédio da obsolescência moderna, os objetos podem reconstituir passados significativos dispersos pelo esquecimento, acredita o escritor.

Jean Baudrillard indica que o ato de colecionar emerge do sentimento do colecionador para com os objetos. Sentimentalizar os objetos deriva do instante em que estes são usurpados de sua função primária de uso e logo acionados como semióforos. No entanto, os objetos, atentando-se para a casa de Apipucos quando Freyre era morador, não assumiam a categoria de semióforos porque até então não haviam perdido o valor de uso primário que dispunham. Os objetos para Gilberto Freyre demonstravam a tentativa de apropriar-se de tempos remotos ao usufruir de jacarandás minuciosamente talhados e reafirmados como bens de distinção social. Por conseguinte, “quando o objeto não é mais especificado por sua função⁹⁴, é qualificado pelo indivíduo: mas nesse caso todos os objetos equivalem-se na posse, esta abstração apaixonada”⁹⁵.

Para Gilberto Freyre, o ambiente destinado à coleção não se artificializa ao dispor e expor os objetos em número excessivo, aparentemente sem função utilitária, pelas dependências da casa; é como se os objetos atemporalizados pelo ato de colecionar estivessem à disposição para serem experimentados. E

⁹³ FREYRE, Gilberto. *Cultura & Museus*. p. 11.

⁹⁴ Krzysztof Pomian, somando-se à perspectiva de Jean Baudrillard, diz que o ato de colecionar exige do espaço físico, o potencial abrigo dos objetos, uma adaptação aos artigos a serem expostos. Segundo Pomian as obras de arte servem, a partir da intervenção decorativa, para quebrar a rigidez das paredes desprovidas de volumes. POMIAN, Krzysztof. ‘Coleção’. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997, vol. I. (Memória-História).

⁹⁵ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 94.

é o que ocorre quando o escritor e seus descendentes usam móveis e pratas de anos (e até de séculos) passados.

Se o passado não volta, a memória forja o seu retorno. A memória alimenta a nostalgia, o desejo de recompor o passado esgarçado e mutilado; mas acreditado como sendo capaz de permanecer intacto no interior dos objetos, das construções. Foi essa, a crença que motivou Gilberto Freyre.

Gilberto Freyre toma por referência a lógica da sociedade patriarcal da qual emerge a sua ancestralidade, presa às mensagens aludidas por um aparadouro de jacarandá ou um relógio de fabricação inglesa, para compor o seu museu particular. O que desejo explicar é que o conceito de memória em Gilberto Freyre está articulado à perpetuidade dos objetos frente às gerações. Os objetos como registros genealógicos de famílias de estirpe. Os objetos ficam e as gerações passam.

Quando da elaboração do livro *Ordem e Progresso*, Freyre, na “Nota Metodológica”, afirma que a análise da cultura material foi importante à publicação desta obra em 1959. Na página 47 da 5ª edição, diz o escritor:

[...] buscamos sugestões da época [, o fim da Monarquia e inícios da República,] em candeeiros, porcelanas, cristais, bonecas, leques e brinquedos de criança. Valioso foi para nós o conhecimento ou o estudo dos leques do fim do século XIX e do começo do XX da coleção Tasso⁹⁶; o dos rótulos de cigarros do mesmo período da coleção Brito Alves; o de objetos de titulares do Império – carteiras, caixas de rapé, camafeus – da coleção Ricardo Brennand⁹⁷.

O acervo que Gilberto Freyre constituiu clama por memória. Trata-se de uma coleção do cotidiano. De um ambiente marcado pela sofisticada acumulação material da cultura com o fim de construir uma vida passada de constate presentificação por meio dos objetos. A memória para Gilberto Freyre denotava encontro com o tempo perdido. Tempo no sentido de vivências, práticas e convivências. A casa-museu que Gilberto Freyre lega à posteridade

⁹⁶ Freyre, em *Apipucos: que há num nome?* faz um inventário sentimental dos objetos de época, por ele considerados como relíquias, sob os cuidados de famílias antigas moradoras de Apipucos. A importância das famílias era medida pelos objetos a elas pertencentes. É provável que boa parte da coleção freyrana tenha origem na família Tasso. Jorge de Tasso, a propósito, era proprietário de um antiquário de acordo com informações do Professor Edson Nery da Fonseca, em conversa informal com o autor deste trabalho em 06 de janeiro 2006.

⁹⁷ FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: RECORD, 2000, 5ª ed., p. 47.

atende aos seus desejos de crítico da museologia enquanto prática intervencionista, quando diz:

Quem hoje diz museu, diz centro de comunicação intelectual da espécie mais atraente, no seu modo de ser educativa. Com os olhos do visitante podendo apalpar quase literalmente o que vêem. Pois passou a época dos museu apenas conservadores de relíquias preciosas e quase sagradas⁹⁸.

E completa:

O museu é, no Ocidente, cada dia menos necrófilo e mais vivente e convivente com os visitantes. O estudante ou o estudioso vai, atualmente, a museus, para informar-se, de maneira agradável, acerca de objetos não só expostos a seus olhos, como revelados, explicados e esclarecidos, à sua inteligência. Peça de museu já não significa retalho de antiguidade morta mas pretexto para maior conhecimento do conjunto que ela representa⁹⁹.

Uma vez tombada e reconhecida como casa-museu, a Vivenda Santo Antonio de Apipucos começa a receber intervenções profissionais no ano de 1988. Em 1987, a Fundação Gilberto Freyre trabalhará na difusão do legado de seu presidente de honra. A conseqüente catalogação e identificação do acervo deixado por Gilberto Freyre adquire sentido institucional. A organização de dezessete pastas de tombo, a propósito, imprime à coleção freyriana classificações tipológicas comum à ação técnica do museólogo, segundo a ordem: “arte popular”, “arte sacra”, “mobiliário”, “numismática”, “prataria”, “pinacoteca”, “africana” e “afro-brasileira”. Dentre as ações da Fundação, saliente-se a publicação de dois catálogos destinados às coleções de “arte popular”, “africana e afro-brasileira”.

Nos anos de 1990 e 1993 a Fundação Gilberto Freyre, em parceria com a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Estado de Pernambuco, publica dois catálogos para divulgar o acervo da casa-museu reunido pelo seu patrono. A proposta da instituição era tornar acessível aos visitantes e pesquisadores as várias coleções que formam o acervo da Fundação em destaque. O catálogo publicado em 1990 destinou-se à coleção etnográfica

⁹⁸ FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*. p. 11.

⁹⁹ *Idem*, p. 11.

Africana e Afro-Brasileira; o de 1993 dedica-se à coleção *Arte Regional*. A primeira destaca-se pela justificativa da desejada autenticidade cultural impressa pelo interior do Brasil; a segunda, é permeada pela temática da miscigenação da nação pau-brasil.

Resultado de um desejo maior, o de concretizar uma série mais ampla de catálogos, os dois trabalhos citados têm a coordenação do antropólogo fluminense Raul Lody e assistência da museóloga Adna Jane; tendo em vista o processo de identificação e registro patrimonial promovido pela museóloga quando da organização das pastas de tombo da casa-museu. Publicações apresentadas pelos representantes máximos das instituições envolvidas, além dos textos de Raul Lody situando antropologicamente as coleções contempladas. Sob o clima de elevação da *Arte Popular* ao patamar do reconhecimento governamental, Roberto Pereira, o Secretário de Educação, Cultura e Esportes de Pernambuco em 1993, declara o seguinte:

Sentimo-nos honrados em prestar a nossa participação no lançamento da Coleção Arte Regional, série catálogos da Fundação Gilberto Freyre. Trata-se, pois, de um estudo especial, preciosa informação do processo evolutivo da cultura, em tom popular nordestino.

Na realidade, o que de logo percebemos na Coleção Arte Regional é a importância das valiosas contribuições que se prestam a interpretar, esclarecer, e aprofundar o conhecimento das nossas raízes: sua gente, sua cultura.

As peças que formam esta coleção, de modo especial, enfocam a cultura nordestina em toda a sua essencialidade não perdendo de vista o exótico, o esfusante, o etnográfico, além dos usos, costumes e tradições.

Coleção Arte Regional é uma dádiva imorredoura do Mestre Gilberto Freyre, ela abre uma nova visão para as belezas humanas existentes no passado, vivendo o presente e se projetando ao futuro como instrumentos irradiadores de arte.¹⁰⁰

Raciocínio apregoado também por Lody ao etnografar os trabalhos dos artistas anônimos para a confecção do catálogo: “cada peça testemunha um momento especial, revelando matérias-primas retiradas da natureza e

¹⁰⁰ CATÁLOGO. LODY, Raul. *Arte Regional*. Recife: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes /Fundação Gilberto Freyre, 1993, p. 03. Fala de Roberto Pereira no catálogo. (grifos no documento)

aproveitamento de produtos reciclados, reinventados graças ao permanente processo criativo e adaptativo do fazer popular”.¹⁰¹

Os catálogos que aqui apresento não são produções de elevado custo dada a composição do material em papel cartão fosco e impressão gráfica em preto-e-branco, tendo-se em vista uma maior divulgação dos trabalhos ao variado público da casa-museu. Atingem, pela diagramação e formato físico, o número de 24 (vinte e quatro) a 30 (trinta) páginas cada um. Acrescente-se, é óbvio, a limitada disponibilidade de recursos técnicos à confecção de obras elaboradas no parque gráfico da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE nos inícios da década passada. A de 1990. A partir das peças em exposição na casa-museu, o catálogo intitulado *Arte Popular*¹⁰² apresenta-se dividido obedecendo aos temas gêneros e manifestações sociais, inspirados na forma física dos objetos.

Os “animais”: 2 cachorros (“escultura[s] em barro apresentando incisos e vitrificação verde”), 1 galinha chocando ovos (“escultura em barro apresentando incisos e vitrificação verde”), 1 camaleão (“escultura em barro apresentando incisos e vitrificação verde”), 1 tatu (“escultura em barro apresentando incisos e vitrificação verde”), 2 bois (“escultura[s] em barro com pintura em verde e amarelo. Autoria de Porfírio Faustino, Canhotinho, Pernambuco”), 2 cavalo[s] (“escultura[s] [de] em barro em cor natural”), 1 boi (“mealheiro – cofre – zoomorfo [de] em barro, apresentando pintura em amarelo, preto, e azul”), 1 veado (“escultura [de] em barro apresentando vitrificação verde”), 1 carneiro (“escultura [de] em barro apresentando incisos e vitrificação verde”), 1 bode (“escultura [de] em barro apresentando incisos e vitrificação verde”). O item “Mulher e Atividades Econômicas” possui os seguintes objetos: 1 rendeira (“escultura [de] em madeira lixada que focaliza uma mulher rendeira em uso de almofada e bilros”), 1 mulher vendedeira (“escultura [de] em barro, mostrando uma mulher que porta cesto na cabeça, provavelmente contendo doces. A peça apresenta decoração por pintura. Autoria de Porfírio Faustino, Canhotinho, Pernambuco.”), 1 mulher conduzindo criança (“escultura [de] em barro de uma mulher portando lata de água na

¹⁰¹ LODY, Raul. *Op. Cit.* (1993), p. 07.

¹⁰² Desejo salientar que a descrição numérica apresentada não corresponde ao número exato de peças contidas na casa-museu. O quantitativo supracitado refere-se aos objetos destinados ao catálogo.

cabeça, conduzindo no braço uma criança. A peça apresenta decoração por pintura. Autoria de Porfírio Faustino, Canhotinho, Pernambuco”), 1 rendeira (“escultura [de] em barro de uma rendeira fumando cachimbo e estando em postura tradicional com almofadas e bilros. A peça exibe vitrificação verde”); 1 mulher cozinheira (“escultura [de] em barro de uma mulher cozinheira usando colher e gamela. A peça exibe vitrificação verde”), 1 mulher cozinheira (“escultura [de] em barro de uma mulher portando colher e prato. A peça exibe vitrificação verde.”), 1 mulher sentada (“escultura [de] em barro de uma mulher sentada. A peça exibe vitrificação verde.”).

Os “meios de Transporte” [são vários]: 1 carro-de-boi (“escultura [de] em madeira lixada que focaliza um carro puxado por bois, estrutura coberta e um condutor. Notar a seguinte inscrição: ‘lembrança da associação de pais e mestres do Regina Coeli e da Prefeitura Municipal do Limoeiro ao Sociólogo Gilberto Freyre’. Autor J. Epifânio, Limoeiro, Pernambuco.”), 1 Remo (“remo miniatura [de] em madeira, exibindo pinturas em pigmento preto, branco e amarelo. Notar assinatura no cabo da peça.”), 1 sela (“sela miniatura [de] em couro, exibindo detalhamentos em linha metal.”), 1 menina a cavalo (“escultura [de] em barro de uma menina a cavalo, vitrificação verde.”), 1 burro com caçuás (“escultura [de] em barro de um burro portando dois caçuás. Notar detalhamentos por incisos e pintura em marrom, verde e amarelo. Canhotinho, Pernambuco.”), 1 carro[-]de[-]bois (“escultura [de] em barro de um carro de bois detalhado por pinturas em marrom, verde e amarelo. Canhotinho, Pernambuco.”), 1 cavalo com caçuás (“escultura [de] em barro de um cavalo e dois caçuás. A peça está em cor de argila natural e processada por cozimento.”), 1 carro de bois (“escultura [de] em barro de um carro[-]de[-]bois e um homem condutor. Notar o caminho com a inscrição: Caruaru, Pernambuco.”), 1 homem a cavalo (“escultura [de] em barro exibindo vitrificação verde”), 1 burro com caçuás (“escultura [de] em barro de um burro e dois caçuás e pássaros. A peça exibe vitrificação verde.”).

[Objetos] “utilitários”: 1 panela (“panela de duas alça e tampa feitas [de] em barro. Notar motivos florais pintados em azul e branco.”), 1 urinol (“miniatura [de] em barro em cor natural.”), 1 jarro (“peça [de] em barro em cor natural, tendendo ao formato de uma ânfora.”), 1 moringa antropomorfa (“moringa seguindo formato de uma baiana, exibindo turbante, colares, brincos

e pano da costa, tendo à cabeça uma tampa-tabuleiro ostentando cachos de bananas. Provavelmente de Carrapicho, Sergipe.”), 1 moringa antropomorfa (“moringa seguindo formato de um homem negro, portando paletó e gravata, ostentando à cabeça uma tampa-chapéu. Provavelmente de Carrapicho, Sergipe.”), 1 cinzeiro (“peça [de] em barro ostentando a inscrição: ‘Hotel Casa[Grande & Senzala’.”), 1 pipo ou forninho (“peça [de] barro detalhada por incisos – parte de um cachimbo”), 1 pilão e 1 mão-de-pilão (“pilão e mão-de-pilão [de] em madeira e detalhes em metal”);

“Festa”: 1 passista e sombrinha (“figura representativa da passista do frevo portando sombrinha. Peças em tecido, franjas, vidrilhos e outros materiais”), 1 sombrinha (“sombinha do frevo em tamanho original feita em arame e tecido, ostentando a seguinte inscrição: ‘Lembrança da Escola de Frevo [do] RECIFE, Recife capital do frevo, ano 77, Nascimento do Passo’.”), 1 boi (“personagem-tema do bumba-meu-boi [de] em barro pintado em vermelho e azul”).

“Representações Masculinas”: 1 cabeça (“escultura [de] em madeira exibindo pintura em preto, seguindo a peça características realistas (anatômicas).”), 1 índio a cavalo (“escultura [de] em barro de um índio a cavalo, portando arco e flecha, aparecendo ainda um pássaro. Peça detalhada por incisos e vitrificação verde.”), 1 funcionário da TELPE (“escultura[de] em barro, detalhes estruturais em arame e pintura. Peça de Zé Caboclo Filho, Caruaru, Pernambuco.”), 1 cabeça (“escultura [de] em barro exibindo incisos e pintura em preto, branco e marrom, seguindo (sic) a cabeça motivos abstratos”).

“Arte, Religião e Magia”: 1 figa (“escultura [de] em madeira em cor natural”), 1 figa (“figa antropomorfa esculpida em madeira em cor natural”), 1 preto velho (“escultura [de] em barro representando um preto velho fumando cachimbo em postura convencional”), 1 mulher em dança ritual (“escultura [de] em barro de uma mulher trajando roupa convencional do xangô, estando em postura de dança ritual. Autoria de Alves Dias [...]”), 1 tocador de atabaque (“escultura [de] em barro focalizando um homem tocando atabaque. Autoria de Alves Dias [...]”); “Anjos de Zé do Carmo”: 1 anjo sentado tocando pandeiro, 1 anjo velho com cachimbo, 1 anjo cangaceiro, 1 anjo tocando triângulo, anjo cantando e tocando, anjo com pandeiro[:]; peças de Zé do Carmo, Goiana, Pernambuco. Os trabalhos [de] em barro do autor abrangem personagens do

cotidiano, do lendário regional que conseguem dimensão especialíssima ao se converterem em figuras aladas – anjos – , dando bondade e onirismo a cada objeto nascente da argila do beira-rio, da terra do massapê da Zona-da-Mata [pernambucana]”).

“Jogo”: 1 jogo de xadrez (“jogo de xadrez [de] em barro, estrutura em arame e pinturas – policromia. Caruaru, Pernambuco – autoria de Marliete. Os personagens convencionais do jogo de xadrez são substituídos por figuras do imaginário regional. O tabuleiro é também uma peça em barro pintado.”).

Os objetos da chamada arte popular, nos dias de vida de Freyre, estavam dispersos pela casa do escritor; particularmente, numa estande de madeira exposta no quarto do filho: Fernando Freyre.

Acrescente-se, ainda, que no vão de acesso, no piso superior da casa-museu, aos quartos dos filhos, existiam duas sapateiras embutidas na parede. Com a morte do escritor em 1987, as duas sapateiras foram transformadas em vitrines para a exibição e acondicionamento de algumas das peças da dita arte popular. Além das coleções de canetas e facas, punhais e espadas orientais. Em 1995, a casa de Apipucos sofre um processo de restauração. Com a intervenção, as peças em geral foram deslocadas de seus espaços convencionais.



14 – Esculturas moldadas na argila do artista da cidade de Goiana, Zé do Carmo, no Estado de Pernambuco. Peças expostas no quarto do filho de Gilberto Freyre, Fernando Freyre. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

O catálogo da coleção etnográfica *Africana e Afro-Brasileira*, divide-se tendo em foco a aquisição das peças por Gilberto Freyre, além de considerar a especificidade étnica característica a elas. Daí a seqüência: “As Coleções”; “A Busca de uma África Africana”; “Coleção Afro-Brasileira”. De acordo com o esclarecimento de Raul Lody,

a seleção dos objetos que fazem estas coleções [, as Africana e Afro-Brasileira,] somente reafirma o olhar sensível de Gilberto que trouxe para Apipucos lembranças das suas visitas à África, trazendo também para o país um acervo de valor inestimável pelo que significa do fazer e do representar do homem africano, por sua vez tão próximo e colono co-formador da civilização brasileira.¹⁰³

¹⁰³ CATÁLOGO. LODY, Raul. *Etnográfico*. p. 08.

A ordem seguida na distribuição do acervo etnográfico fundou-se em dois temas: o primeiro abarcando o complexo étnico apontado pelos exemplares de cultura material; o segundo, por conseguinte, condiz com a perspectiva da identificação/influência africana austral na composição do ethos afro-brasileiro. Para o tema “Conjuntos de esculturas em madeira e marfim de diferentes grupos alocados no sistema étnico-cultural *banto* – África Austral”, foi listada a seguinte ordem de objetos da ‘Série esculturas em madeira e marfim’: ‘Mulher de joelhos com criança ao colo’ (madeira); ‘busto masculino’ (madeira); ‘mulher com as mãos na cabeça’ (cópia) [de] (madeira).

E continua: ‘homem ajoelhado de mãos postas’ (madeira); ‘busto feminino’ (madeira); ‘busto feminino’ (madeira); ‘busto masculino’ (madeira); ‘busto feminino’ (madeira); ‘mulher ajoelhada’ (madeira); ‘máscara antropomorfa’ (madeira); ‘ave e cobra’ (madeira); ‘elefante’ (marfim); ‘elefante’ (marfim); ‘elefante’ (marfim); ‘elefante’ (marfim); ‘elefante’ (marfim); ‘elefante’ (madeira e marfim); ‘elefante’ (marfim); ‘antílope’ (marfim e madeira); ‘máscara Bakunda’ (madeira); ‘caixa de madeira e incrustações em marfim’.

Na ‘Série miniaturas em marfim’, ordenou-se: ‘um coqueiro com homem subindo’; ‘um coqueiro’; ‘uma casinha’; ‘cabana’; ‘viveiro’; ‘um galo’; ‘um pato’; ‘um bode’; ‘um gato’; ‘um porco’; ‘um cachorro’; ‘um barco’; ‘um remo’; ‘homem com vara de pescar [...]’; ‘um mastro com bandeira’; ‘um remo’; ‘lança com ponta’; ‘lança’; ‘arco e flecha’; ‘guerreiro com lança [...]’; ‘enxada’; ‘machado’; ‘machado’; ‘mastro’; ‘palito (Y)’; ‘machado duplo’; ‘faca’; ‘palmatória’; ‘machado’; ‘enxada’; ‘ralador de coco’; ‘homem no torno’; ‘mulher amassando mandioca’; ‘prato’; ‘mandioca’; ‘alambique’; ‘destilador’; ‘mulher’; ‘pilão’; ‘mulher deitada’; ‘esteira’; ‘prato’; ‘abanador’.

E ainda: ‘jarro com bocal estreito’; ‘espanador’; ‘atabaques’; ‘tocador’; ‘xilofone’; ‘berimbau’; ‘instrumento de corda’; ‘xilofone’; ‘barretas’. Nos ‘utensílios de cozinha’, lê-se: ‘panela’; ‘concha’; ‘quartinha’; ‘tigela’; ‘prato’; ‘caldeirão’; ‘pote com tampa’; ‘jarra’; ‘cabaça’; ‘pilão’; ‘pote’; ‘balde de poço’; ‘pilão’; ‘barril’; ‘potes sem tampa’; ‘colher’; ‘caldeirão grande’; ‘bases para o caldeirão’.

Na ‘série miniaturas em ébano’: ‘mesa’; ‘barco com remos’; ‘arco’; ‘lança’; ‘pilão [...]’; ‘tina’; ‘atabaque’; ‘panela’; ‘taça’; ‘panela’; ‘balde para o

poço'; 'casa de abelha', 'atabaque'; 'utensílio doméstico'; 'tigela'; 'concha'; 'barril com haste'; 'banco'; 'raspador de coco'; 'tigela'; 'enxada'; 'machado'; 'faca'; 'viveiro'; 'silo'. 'Peças provenientes da África Ocidental', 'cabaça de Yfé, grupo cultural Yorubá (cópia em cerâmica); 'duas pulseiras em bronze do grupo cultural Oulof, Senegal'.

"Coleção Afro-brasileira": 'pulseiras de balangandãs'; 'penca de balangandãs'; 'dois Exus em [de] ferro'; 'peças afro-baianas'. As peças aqui discriminadas, refiro-me à "Coleção Afro-brasileira", são identificadas e legendadas. Sobre o gênero adorno, "pulseira" e "balangandãs", aponta Raul Lody:

Penca de balangandãs e pulseira de balangandãs, são dois tipos de jóias-amuletos que integram indumentárias tradicionais afro-baianas, tendo entre si intercomplementaridades de estética e funcional. O ato de colecionar variados objetos de procedências diferentes, de materiais também diferentes, no caso, predominando a prata, é costume da vida religiosa dos terreiros de candomblé que se une aos princípios também religiosos da Igreja na coleção de bentinhos, santinhos, relíquias, objetos santificados entre tantos outros exemplos de materiais e formas que encarnam deuses ou que tocados por eles tornam-se possuidores de valores especiais.

E exemplifica:

Destacam-se as indumentárias da 'baiana de beca e do traje de crioula' – ambos formados por saia longa, pano-da-costa, turbante e chinelas [...] e acessórios como os 'ilequês' fios de contas dos orixás e voduns; argolas de orelha e na cintura os 'molhos' ou 'pencas de balangandãs' e portanto as pulseiras também de balangandãs.¹⁰⁴

Após a morte de Gilberto Freyre, com o nascimento da Fundação Gilberto Freyre, os objetos acumulados pelo escritor foram deixando de obedecer à lógica organizacional por ele imposta. Para o sociólogo, os objetos não compunham uma coerência classificatória e sim sentimental. Se de acordo com a intervenção dos profissionais da antropologia (Raul Lody) e da museologia (Adna Jane) envolvidos com a incipiente identificação e

¹⁰⁴ CATÁLOGO. LODY, Raul. *Op. Cit.* (1990), p. 21.

catalogação dos objetos do acervo procuraram classificá-los através da distinção estilística através da forma e da estrutura física que apresentavam, para Freyre os objetos documentavam a diversidade cultural brasileira tendo o agente português como o permeador de tamanha multiplicidade. A civilização brasileira, defende o sociólogo, se comparada às de expressão hispânica, é a que melhor tem desempenhado a capacidade de criação, renovação e afirmação sociais. Por esta razão, afirma:

Em todas as manifestações de arte mais características da cultura ou da civilização ainda jovem, mas sociologicamente visível, que possa ser denominada hispano-tropical, particularmente luso-tropical, é evidente que o maior avanço até hoje realizado tem sido o brasileiro. A música, a arquitetura, a culinária brasileiras destacam-se pelos seus triunfos de pioneirismo num campo de atividade artística da parte de outros grupos da comunidade luso-tropical¹⁰⁵.

Os catálogos publicados em 1990 e 1993 transpiram a ótica do organizador das publicações: a do antropólogo. Raul Lody, justificando-se a partir do culturalismo freyriano, debruça-se sobre as coleções de maior apelo ao exótico por incitarem o considerado popular e/ou primitivo de um complexo cultural. O que para Gilberto Freyre significavam exemplares nascidos das “revelações de espontaneidade rústicas que cabem aos museus destacarem”¹⁰⁶.

A casa de Apipucos é vista por Gilberto Freyre como o baú no qual são guardados os exemplares de cultura material relacionados ao complexo civilizatório brasileiro. Civilizatório porque a cultura é caracterizada enquanto manifestação exclusivamente nascida do invento humano a partir da criação de instrumentos situados em seus respectivos campos sociais. A casa de Apipucos, pois, insere-se no panorama da nova museologia pela qual suspirava Gilberto Freyre. Trata-se de um museu do cotidiano. Entre as peças do aporte ostentatório da sociedade pernambucana oriunda do patriarcado rural, orbitam artigos do mundo externo ao das casas-grandes. Cruzamento

¹⁰⁵ FREYRE, Gilberto. *Arte, ciência e trópico*. São Paulo: DIFEL; Brasília: INL – Instituto Nacional do Livro, 2ª ed., 1980, p. 77.

¹⁰⁶ FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*. p. 21.

visto com importância pelo escritor quando da explanação de sua fala em 1984 no Museu de Arte Sacra de Pernambuco:

[...] [Os museus culturais devem] procurar apresentar, ao lado de inventos de indivíduos ilustres ou de pequenos ou médios Santos Dumont em mecânica ou de pequenos ou médios Aleijadinhos, invenções ou artes de gente ingênua mas, por vezes, surpreendentemente criadora de imagens de santos ou de figuras de barro expressivamente de novos tipos. Precisam os museus apresentarem, nesses setores, criações de completos anônimos. De completos desconhecidos. De vocação de gente de todo obscura para criações artísticas quase de todo espontâneas. Que o digam Vitalinos como o de Caruaru¹⁰⁷.

Mais adiante, completa:

Existem [...] expressões anônimas de culturas que, sendo negações de primores acadêmicos são, entretanto, manifestações de surtos culturais válidos. Merecedores de atenções daqueles museólogos atentos à avaliação de artes de gente obscura e de artistas humildes dignos de acolhimento em museus¹⁰⁸.

A concepção de acervo para Gilberto Freyre está intimamente relacionada à definição de museu enquanto composição organizacional. A casa de Apipucos, por certo, é vista por ele como um exemplo a ser seguido. Um exemplo de museu cultural no qual o visitante pode, através do jogo dos sentidos, experimentar os seus cômodos e objetos tocando-os, desposando-os. É um recurso propício à memória involuntária e à retomada de tempos expirados pela linearidade do calendário e a sucessão ininterrupta das gerações.

Colecionar e transformar a coleção em acervo museal é uma prática peculiar quando comparamos Gilberto Freyre a outros intelectuais dotados da mesma relevância intelectual. Algo que salienta o interesse do escritor em forjar uma sociedade tanto criada em seus escritos quanto recriada em sua casa onde as paredes brancas contrastam com o colorido dos volumes nelas dependurados (quadros, porcelanas, fotografias e painéis de azulejos) e

¹⁰⁷ *Idem*, pp. 21.

¹⁰⁸ FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*. p. 22.

recostados (como aparadouros, cristaleiras, estantes e oratórios). Sociedade dos seus ascendentes: a dos Cavalcanti, dos Albuquerque, dos Wanderley, dos Mello. Famílias açucarocráticas que formam o tronco genealógico dos Freyre e de Pernambuco.



15 – Oratório de Jacarandá, da primeira metade do século XIX, na ante-sala de acesso ao gabinete do escritor. O oratório resguarda a relíquia de São Francisco Xavier de Goa. Foto: Elaine dos Santos. Janeiro de 2006.



16 – Cadeira com braços feita de jacarandá. Peça do acervo da casa-museu de Gilberto Freyre. Estilo Beranger do século XIX. Foto: Elaine dos Santos. Janeiro de 2006.



17 – Cadeira de balanço de jacarandá. Assento e encosto de palha da Índia. Estilo Beranger. Sala de jantar da casa-museu. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.



18 – Tome-se como destaque o relógio de fabricação inglesa. Presente de Alfredo Freyre ao filho escritor. Sala de jantar da casa-museu. Foto: Rodrigo Alves Ribeiro. Janeiro de 2006.

Considerações Finais

Ao mesmo tempo que mudam as relações do indivíduo na família e na sociedade, muda o estilo dos objetos mobiliários.¹

Jean Baudrillard

No caso de Gilberto Freyre, os materiais de sua auto-apresentação incluíam a bengala, o paletó de 'tweed' inglês que usava no Recife, mesmo durante o carnaval, e que o acompanhou em sua viagem ao Estado da Carolina do Sul em pleno verão de 1926, os boatos sobre si mesmo que encorajava os amigos a espalhar, além de uma grande quantidade de material autobiográfico, muito do qual talvez ainda esteja aguardando ser descoberto no riquíssimo acervo, ainda não catalogado, Casa-Museu de Apipucos.²

Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke

Articular os fragmentos, as passagens da obra de Gilberto Freyre com a composição da casa na qual o escritor depurou seus devaneios e suspiros foi um exercício difícil de realizar.

A proposta de Gilberto Freyre, com a “cessão” de sua propriedade aos brasileiros, era a de atingir a posteridade. Criar um lugar de memória, ou melhor, atribuir reconhecimento legal à morada das coleções. Coleções entre o limite da biografia e da autobiografia; da memória e do patrimônio (no sentido mais amplo do termo).

Muitos dos documentos referentes a alguns aspectos da casa de Apipucos, que nesta dissertação não foram devidamente trabalhados, a exemplo da documentação relativa aos painéis em azulejo trazidos de Portugal

¹ BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 23.

² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 22.

pelo ensaísta, são de difícil acesso por não estarem disponíveis na Fundação Gilberto Freyre aos pesquisadores .

Gilberto Freyre, preso às referências do passado de sua ancestralidade, não iria deixar cair no esquecimento o patrimônio e as memórias, afixadas muitas vezes nos objetos, que ao longo da vida conseguira erguer e recolher. Freyre, com isso, reitero, almejava atingir a posteridade. A Fundação Gilberto Freyre, sediada na cidade do Recife, exemplifica o intento do escritor.

O presente trabalho está aberto às várias possibilidades de interpretação historiográfica. Dentre elas, exemplifique-se, a da articulação e construção biográficas por meio da leitura dos objetos expostos na casa de Apipucos. Objetos, pois, que pontuam a trajetória, seja intelectual ou social, do escritor das saudades.

A proposta seguida durante o mestrado foi a de tentar descrever e interpretar o aparato memorialista de Gilberto Freyre diante de sua residência: elo que o memorialista de Apipucos empreendeu a favor da memória-patrimônio. Para tanto, foi de valor singular a identificação de aspectos da cultura material dispostos nos escritos do sociólogo e, por certo, presentes na Vivenda Santo Antonio de Apipucos. Uma casa montada sob a regência da vontade de memória com o fim de atingir a notoriedade com a devida legitimação do Estado: refiro-me ao tombamento do imóvel. O que resulta numa memória patrimonializada. Empreitada possível quando a criação de lugares de memória é tomada como um recurso urgente de evocação de lembranças: tomemos como exemplos tanto a casa do escritor quanto à Semana Gilberto Freyre. O marco de periodicidade anual mantido pelos freyrianos dos “sobrados” e dos “mucambos”.

Dedicado a vários temas, Gilberto Freyre viu no museu um campo promissor. Para ele, o espaço museal deveria tomar um rumo no qual a ordem institucional procurasse nos objetos o possível entendimento da história social. Ler a história nos objetos era a premissa. Premissa que movimentaria o museu do tipo antropológico cultivado pelo escritor de Apipucos. O do tipo inclusivo: formado por objetos dos mais distintos formatos e valores culturais com o fim de perscrutar o máximo da dinâmica de uma sociedade. Para tanto, Freyre despendeu esforços na composição de seu projeto dedicado aos museus do tipo antropológico. Das viagens pela Europa dos museus na iniciada década de

1920, passando pela criação do Museu do Homem do Nordeste à Casa-Museu de Apipucos, Gilberto Freyre aos poucos assentou o desejo de instituir museus dinâmicos.

A palavra ‘museu’ sugeria a nossos antepassados muito de estático, de necrófilo, de culto inerte de coisas já mortas recolhidas respeitosamente nuns como templos destinados menos ao estudo de tais coisas que à sua contemplação reverente. Enquanto a palavra ‘pesquisa’ foi até há relativamente poucos anos palavra de muito menos uso que atualmente. A pesquisa científica ou sistemática, de campo, esta é de data relativamente recente.³

De proposta à ação, os museus fundados por Gilberto Freyre apontaram para a apresentação da açucarocracia pernambucana. Nos museus Freyre buscou encontrar a origem dos pernambucanos, assim como a edificação da memória de sua ancestralidade. Tríbio. Este é o tempo da memória freyriana.

³ FREYRE, Gilberto. ‘Ciência do homem e museologia: sugestões em torno do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco’. In: *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: RECORD, 1987, p. 303.

Fontes

JORNAIS

Diario de Pernambuco, 26 de fevereiro de 1851; 17 de julho de 1987; 18 de julho de 1987; 19 de julho de 1987; 16 de julho de 1990; 19 de julho de 1990.

Jornal do Commercio, 16 de julho de 1987; 19 de julho de 1987; 19 de julho de 1990;

Folha de Pernambuco, 11 de abril de 2000.

DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

ATA da 133ª Reunião do Conselho Consultivo do SPHAN, de 02 de maio de 1988;

CATÁLOGO. *Etnográfico – Africana e Afro-Brasileira*. Recife: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes/Fundação Gilberto Freyre, 1990.

CATÁLOGO. *Arte Regional*. Recife: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes/Fundação Gilberto Freyre, 1993.

FGF/Ofício nº 124/88, de 06 de maio de 1988 – Resposta à solicitação de Tombamento da casa-museu de Gilberto Freyre pela esposa do sociólogo;

ESTATUTO E REGIMENTO GERAL da Fundação Gilberto Freyre;

PROCESSO DE TOMBAMENTO da *Vivenda Santo Antonio de Apipucos*, de 11 novembro de 1988.

CONFERÊNCIA E ARTIGOS (Gilberto Freyre e outros autores)

ANDRADE, Rodrigo Mello Franco. 'Palestra proferida por Rodrigo M. F. de Andrade, em Ouro Preto, a 1-7-68 (comemoração do 257º aniversário de elevação à categoria de vila)'. In : *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro:Ministério da Educação e Cultura, nº 17, 1969.

FREYRE, Gilberto. 'A propósito de um livro em 3ª edição'. In: *Revista do Brasil*. São Paulo, ano 01, nº 01, julho/1938, 3ª fase.

FREYRE, Gilberto. 'O Nordeste Brasileiro: a marca ibérica ou hispânica na sua formação'. In: *Revista Cultura*. Brasília: MEC, ano 08, nº 30, jul./dez., 1978.

CONFERÊNCIA. FREYRE, Gilberto. *Cultura e Museus*. Recife: FUNDARPE, 1985.

FREYRE, Gilberto. 'Palavras de Gilberto Freyre para o "Panorama" '. In: *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Lisboa, nº 10/11, II série, 1954, s/p.

FONSECA, Edson Nery da. 'Um homem no meio de um século: Gilberto Freyre, 1900-1987'. In: *Revista Ciência e Cultura – SBPC*. Rio de Janeiro, set., vol. 39, nº 09, 1987, pp. 802-806.

QUINTELLA, Ariadne. 'Museu Guarda História do Homem do Nordeste'. In. *Cultura*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, ano 11, nº 39, jan./mar., 1982.

RODRIGUES, A. Peres. 'Recife: uma cidade em marcha'. In: *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*. Lisboa, nº 10/11, II série, 1954, s/p.

CARTAS

CARTA de Rodrigo Mello Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 25 de julho de 1937;

CARTA de Rodrigo Mello Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 19 de novembro de 1938;

CARTA de Rodrigo Mello Franco de Andrade para Gilberto Freyre, de 14 de março de 1937.

Bibliografia

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: ROCCO: LAPA, 1996.

_____. 'Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados'. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol. 07, nº 14, 1994, pp. 205-230.

ARRAIS, Raimundo. *O pântano e o Recife: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH – USP, 2004. (Série Teses).

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: UFPB; Recife: UFPE, 1996.

BARATA, Mário. 'Rodrigo M. F. de Andrade e a preservação dos monumentos arquitetônicos e de paisagem no Brasil'. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Conselho Federal de Cultura, Jan./março, nº 09, ano VI, 1974.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad.: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 4ª ed., 2002.

BORGES, Jorge Luis. 'Funes, o memorioso'. In: *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989.

BUCAILLE, Richard e PESEZ, Jean-Marie. 'Cultura material'. Trad.: Rui Santana Brito. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol. 16, 1989. (Homo – Domesticação/Cultura Material).

BURKE, Peter. 'Gilberto Freyre e a nova história'. In: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 09, nº 2, out./1997.

_____. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad.: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad.: Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CANCLINI, Néstor García. 'O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional'. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Trad.: Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro, nº 23, 1994.

CARENA, Carlo. 'Ruína/restauro'. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol. I, 1997. (História-Memória).

CERTEAU, Michel de. 'A beleza do morto'. In: *A cultura no plural*. Trad.: Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1993.

CHAGAS, Mário. 'Museu, Museologia e Pensamento Social Brasileiro'. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó, ano 18, nº 21, 2005.

_____. 'Pesquisa & comunicação: mútuo desafio'. In: *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas: pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 'A construção social da memória moderna'. In: *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, nº 41, ago., 1993. (Nova Série, Antropologia).

QUINTAS, Fátima (Org.). *A obra em tempos vários*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

LEFBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*. Trad.: Jehovanira Chrysóstomo de Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

LOWENTHAL, David. 'Como conhecemos o passado'. In: *Revista Projeto História*. Trad.: Lúcia Haddad. São Paulo: EDUC, nº 17, nov., 1998.

FONSECA, Edson Nery da. *Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais à sua vida e obra*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Fundação Biblioteca Nacional/Zé Mário Editor, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 'Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade'. In: *Cadernos de antropologia e imagem – acervos de imagens*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

_____. 'O patrimônio como categoria de pensamento'. In: *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus: acolhem moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. 'Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor'. In: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 09, nº 2, out./1997.

FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de (orgs.). *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; FERREIRA, Lúcio Menezes. 'Cultura material histórica e patrimônio'. In: *Primeira versão*. Campinas: IFCH/UNICAMP, abril, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos; CHAGAS, Mário. 'A vida social e política dos objetos de um museu'. In: *Anais do Museu Histórico Nacional* – vol. 34. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2002, pp. 195-219.

SANTOS, Mariza Veloso Motta. 'Nasce a academia SPHAN'. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, nº 24, 1996.

SCHWARCS, Lílian Moritz. 'O Nascimento dos Museus Brasileiros'. In: MICELI, Sérgio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, vol. I, 1989.

GINZBURG, Carlo. 'Estranhamento: pré-história de um procedimento literário'. In: *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GODOY, Solange de Sampaio; LACERDA, Luiz Carlos Antonelli. 'Museografia e Museu: um estudo de caso nos 80 anos do Museu Histórico Nacional'. In: *Anais do Museu Histórico Nacional* – vol. 34. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2002, pp. 167-188.

GOMES, Geraldo. *A arquitetura em Casa-Grande & Senzala*. In: *Casa-Grande & Senzala – Edição Crítica*. Coordenação: Guillermo Giucci, Enrique Rodríguez Larreta, Edson Nery da Fonseca. São Paulo: Fundação Vitae, 2002.

JOSEF, Bella. '(Auto)biografia: os territórios da memória e da história'. In: *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Momento).

MENESES, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.

MICELI, Sérgio (ORG.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção e patrimônio e inventário*. São Paulo: HUCITEC, 2005.

NORA, Pierre. 'Entre memória e história: a problemática dos lugares'. Trad.: Yara Aun Khoury. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, dez. 1993, pp. 07-28.

POSSAMAI, Zita Rosane. 'O patrimônio em construção e o conhecimento histórico'. In: *Ciência & Letras – Revista da Faculdade Porto-alegrense de Educação, Ciências e Letras – FAPA*. Porto Alegre, nº 27, jan./jun., 2000, pp. 13-24.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

_____. 'Esquecer para lembrar, lembrar para esquecer'. In: SOUSA, Eusébio de. *Os monumentos do Estado do Ceará: referência histórico-descritiva*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

REZENDE, Antonio Paulo. 'O Recife: os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo'. In: *Projeto História*. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 18, maio/1999.

_____. 'Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta'. In: *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

RIBEIRO, Darcy. 'Gilberto Freyre: uma introdução à Casa-Grande & Senzala'. In: *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: RECORD, 2001.

VILA NOVA, Sebastião. *Sociologia e pós-sociologia em Gilberto Freyre*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1995.

Obras de Gilberto Freyre consultadas

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: RECORD, 2001.

_____. *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: RECORD, 2002.

_____. *A casa brasileira: tentativa de síntese de três diferentes abordagens, já realizadas pelo autor, de um assunto complexo: a antropologia, a história, a sociologia*. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1971.

_____. *Assombrações do Recife velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*. Rio de Janeiro: UNIVERCIDADE/TOPBOOKS, 5ª ed., 2000. (Coleção Gilbertiana)

_____. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: RECORD, 1987.

_____. *Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: UNIVERCIDADE/TOPBOOKS, 3ª ed., 2000.

_____. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: RECORD, 1987.

_____. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro/Recife: Livraria José Olympio Editora/Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Turismo, cultura e Esportes, 1980.

_____. *Poesia reunida*. Recife: Edições Pirata, 1980.

_____. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

_____. *Tempo morto e outros tempos*. São Paulo: Global, 2ª edição, 2006.

_____. *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Organização de Sylvio Rabello. Brasília: MEC – Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1978.

_____. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: RECORD, 2002.

_____. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.

_____. *2º Guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.

_____. *Dona sinhá e o filho padre*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964.

_____. *Pessoas, coisas & animais*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981.

_____. *Apipucos: que há num nome?*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1983.

ANEXO 2

Trajetória Política de Tristão de Alencar Araripe.

Bilhete de entrada

Escadarias

Vestíbulo

Dentro do clube

